



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

JEANE DA SILVA RAMOS

**MINHA VIDA, MEU TEMPO, MINHA CONDIÇÃO:
ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE IDOSOS NA ATUALIDADE,
CENTRALIZANDO O ESTUDO NUMA INSTITUIÇÃO DE LONGA
PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

Salvador

2014

JEANE DA SILVA RAMOS

**MINHA VIDA, MEU TEMPO, MINHA CONDIÇÃO:
ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE IDOSOS NA ATUALIDADE,
CENTRALIZANDO O ESTUDO NUMA INSTITUIÇÃO DE LONGA
PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Gomes da Conceição

**Salvador
2014**

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

R175 Ramos, Jeane da Silva.
Minha vida, meu tempo, minha condição: análise reflexiva sobre idosos na atualidade, centralizando o estudo numa Instituição de longa permanência para idosos. – Salvador, 2014.
127 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.
Orientação: Profa. Dra. Maria Cristina Gomes da Conceição

1. Idoso - Família. 2. Idoso – Relações Sociais. I. Título.

CDU 316.356.2-053.9

TERMO DE APROVAÇÃO

Jeane da Silva Ramos

“MINHA VIDA, MEU TEMPO, MINHA CONDIÇÃO: análise reflexiva sobre idosos na atualidade, centralizando o estudo numa Instituição de longa permanência para Idosos situada em Salvador, Bahia.”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 07 de novembro de 2014.

Banca Examinadora:



Profª Drª Maria Cristina Gomes da Conceição - UCSal.
Orientador (a)



Profª Drª Ana Cecília de Sousa Bastos - UCSal



Profª Drª Tânia Márcia Baraúna Teixeira - UCSal



Profª Drª Tânia Maria de Oliva Menezes - UFBA

A

Minha tia avó, Dona Nair, que soube viver seus noventa anos de forma sublime, até o dia de sua partida.

Para além, a todas as pessoas que se dispõem a adentrar numa análise reflexiva sobre o processo do envelhecimento humano, suas principais expressões e manifestações na sociedade, entendendo que não há melhor maneira de compreensão dessa realidade quando se tem a visão de que a velhice é um fato, independente da condição social em que o sujeito se encontra. Uma questão imutável na vida do ser e o homem, na condição de sujeito protagonista das relações sociais, necessita interpretá-la como mais uma fase de sua existência.

AGRADECIMENTOS

Todos os seres humanos, que fizeram e fazem parte de nossa trajetória de vida, sem dúvida representam um incentivo para continuarmos nossa caminhada, merecem então serem referenciados.

A Deus, em primeiro lugar, pela força que me concedeu para que iniciasse e continuasse minha caminhada, mesmo diante de momentos em que desacreditei em minha capacidade existencial na terra, me questionando sobre a importância de ser um “ser” que pode contribuir para melhoria desse mundo tão fraco de humanismo.

Aos meus pais, Cristina e Oracílio, que, sob a criação de conceitos militares, sempre me ensinaram que todo ser humano tem força para traçar e fazer acontecer em sua vida, mesmo diante de situações que colocam essa referida força à prova.

Aos meus amigos, que carinhosamente me chamam de “biblioteca ambulante”, sempre acreditando em minha capacidade de lidar com os “choques conceituais que rodeiam o mundo”.

Ao corpo de Diretoria da Instituição onde atuo como profissional, que sempre me deram apoio durante esse percurso. Às minhas colegas de trabalho e amigas, as Assistentes Sociais Eliane, Jamile e Jucilene, pelas conversas contestadoras e reflexões sobre o nosso trabalho com idosos institucionalizados.

Aos meus pesquisados, que me ensinaram que a vida não é uma linha reta! Somos nós que fazemos e refazemos as curvas da nossa história sempre que for preciso, até o momento final de nossa existência.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cristina Gomes, por me dar as mãos e me conduzir a uma caminhada de conhecimentos, em todos os aspectos, seja no âmbito acadêmico, ou no contexto de vida.

Às professoras convidadas para a banca de defesa, Dras. Ana Cecília Bastos, Tânia Baraúna e Tânia Menezes, pela contribuição na construção e apreciação dessa pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea que foram peças importantes para a consolidação desse estudo, em especial, o professor João Carlos Petrini que me encantou quando apresentou a vasta bibliografia de Zygmund Bauman durante a disciplina Família, Pessoa, Cultura e Sociedade, elemento chave para concretização da abordagem reflexiva deste estudo.

A todos, sem dúvida, muito obrigada!

PEDIDO SINGULAR

Prometa-me que, quando envelhecer, jamais pense em se perder no deserto das limitações, pois tais entraves são, muitas vezes, criados por nós.

Prometa-me que, quando envelhecer, nunca permita que as dores deste mundo interfiram em sua conduta moral, fragilizando suas relações com os outros.

Prometa-me que, quando envelhecer, jamais se vitimize ou julgue como se juiz fosse, viva como sempre viveu.

Prometa-me que, quando envelhecer, olhe-se no espelho e aceite o que está à frente dos teus olhos, seus traços envelhecidos representam a sua trajetória de vida, receba-os de braços abertos.

Prometa-me que, quando envelhecer, entenda que não há perfeição em ninguém, os defeitos não aumentaram ou diminuíram por causa da sua condição senil. A vida segue, siga em frente em sintonia com ela.

Prometa-me que, quando envelhecer, compreenda seus familiares que vivem na ebulição condicionada pela vida pós-moderna, mas os nobres sentimentos estão aquecidos, não nessa fervura, mas sim no desejo de, um dia, proporcionar toda atenção que existe no mundo a você, por mais que muitas vezes, pareça ser uma utopia. Prometa-me que, quando envelhecer, espalhe lição de vida aos mais jovens, seja tolerante com eles. Um dia muitos jovens ficarão velhos, inclusive você.

Prometa-me que, quando envelhecer, entenda como uma etapa de vida, não de morte, e jamais desista de viver por estar nesta condição, viva os momentos. Sua gentileza por atender o meu pedido, me deixará confortável para quando também envelhecer, e sempre no meu percurso, estarei atenta às contradições desta etapa da vida.

(Jeane da Silva Ramos)

RAMOS, Jeane da Silva. **Minha vida, meu tempo, minha condição: análise reflexiva sobre idosos na atualidade, centralizando o estudo numa Instituição de longa permanência para idosos**. Salvador, 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador. (UCSAL), 2014.

RESUMO

A discussão que envolve questões da vida humana e da ruptura de alguns conceitos presentes na sociedade pós-moderna põe em discussão assuntos que transcendem análises detentoras de ambiguidades e/ou contradições a serem refletidas e discutidas, as quais conduzem a avaliações sobre a condição do homem inserido no centro das relações sociais. Versando sobre este eixo, “Minha vida, meu tempo, minha condição” tem como principal objetivo realizar um estudo sobre a situação do idoso na sociedade contemporânea em tempos de transformações sociais cada vez mais aceleradas, bem como as alternativas para lidar com tal questão, cujo maior destaque está sob os vieses da dinâmica familiar e do processo de institucionalização. A linha de pesquisa adotada foi baseada na teoria da fragilidade das relações humanas percorrida por importantes pensadores contemporâneos. Para maior compreensão do estudo, se fez necessário utilizar como processo de investigação, revisões e análises bibliográficas e busca em sites que referenciam questões sobre o tema, assim como a observação e descrição empírica, este com o método quanti- qualitativo. Em ênfase a segunda abordagem, é importante destacar que a referida pesquisa foi realizada, através de entrevistas semiestruturadas, com 20 (vinte) idosos, entre 65 (sessenta e cinco) a 85 (oitenta e cinco) anos, de ambos os sexos que residem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), situada no Município de Salvador, Bahia. Permite-se afirmar que tais análises foram pertinentes para o entendimento tanto da vida cotidiana do idoso que reside num local dessa natureza, levando em consideração o diagnóstico da sua condição social atual, quanto da dinâmica familiar em que está inserido. A partir dessa visão vem a seguinte indagação: residir em um abrigo para idosos é uma opção ou resultado de um processo em que se agrega à falta de opção? O que está nas entrelinhas dessa realidade? Quais foram as principais causas que levaram esses indivíduos a decidirem por essa maneira de viver, a se permitir estar nesta condição? Nas reflexões conclusivas, foi possível perceber que a situação atual desses idosos caracteriza uma realidade desafiadora, principalmente quando parte para a visão de que a institucionalização está sob bases complexas e que a família está no pilar desse processo, expressamente colidente. Foi possível perceber, em alguns momentos, a fragilidade desses vínculos, logo, a institucionalização muitas vezes representa uma alternativa para lidar com os reflexos dessa situação, tendo como consequência uma vertente desse fato relativamente aceitável e cheio de contradições. Estes questionamentos foram analisados no decorrer do processo da pesquisa, apontando assim, os limites e as vertentes dessa problemática, merecendo destaque o contexto social contemporâneo vivenciado por esses sujeitos, mais precisamente os que estão inseridos nessa condição, a de idoso abrigado.

Palavras-chave: Relações Humanas. Sociedade pós-moderna. Idoso. Família. Condição de Vida. Instituição de Longa Permanência.

RAMOS, Jeane Silva. **My life, my time, my condition: reflective analysis of elderly today, centralizing the study a long-term care institution for the elderly.** Salvador, 2014. 127 f. Dissertation (Master of Family in Contemporary Society) - Catholic University of Salvador. (UCSAL), 2014.

ABSTRACT

The discussion that involves issues of human life and the rupture of some concepts in postmodern society it discusses issues that transcend analyzes holders of ambiguity and / or contradictions to be reflected and discussed, which lead to reviews of the condition of man inserted into the center of social relations. Dealing on this axis, "My life, my time, my condition" aims to conduct a study on the situation of the elderly in contemporary society in times of social change increasingly accelerated and the alternatives for dealing with such matters, whose most prominent is under the biases of family dynamics and the process of institutionalization. The adopted research line was based on the theory of the fragility of human relationships studied by important contemporary thinkers. For better understanding of the study, it was necessary to use as the research process, reviews and bibliographic analysis and search on sites referring to questions on the subject, as well as observation and empirical description, this quantity with the qualitative method. An emphasis on the second approach, it is important to note that this research was conducted through semi-structured interviews with twenty (20) old, between 65 (sixty-five) to 85 (eighty-five) years, of both sexes residing in an institution of for the Aged (LTCF), located in the city of Salvador, Bahia. Lets say that such analyzes were relevant to understanding both the everyday life of the elderly who reside in a place of this nature, taking into account the diagnosis of your current social condition, as the family dynamics in which it appears. From this vision comes the next question: living in a nursing home is an option or result of a process in which adds to the lack of choice? What's between the lines of this reality? What were the main causes that led these individuals to decide for this way of life, to allow to be in this condition? In the concluding reflections, it is noted that the current situation of the elderly features a challenging reality, especially when part to the view that the institutionalization is under complex bases and that the family is the pillar of this process, specifically colliding. It could be observed, at times, the fragility of these bonds, so the institutionalization often represents an alternative to deal with the consequences of this situation, resulting in a shed that fact relatively acceptable and full of contradictions. These questions were analyzed during the research process, pointing thus the limits and dimensions of this problem, a special focus contemporary social situation experienced by these subjects, specifically those that are inserted in this condition, the elderly housed.

Keywords: Human Relations. Postmodern society. Elderly. Family. Living Conditions. Institution of the Long Term.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Identificação por idade - Masculino e Feminino	85
Tabela 2 - Identificação por grau de escolaridade – Masculino e Feminino.....	85
Tabela 3 - Identificação por estado civil – Masculino e Feminino.....	86
Tabela 4 - Identificação por religião – Masculino e Feminino.....	87
Tabela 5 - Identificação por filhos – Masculino e Feminino.....	88
Tabela 6 - Identificação por netos – Masculino e Feminino	88
Tabela 7 - Identificação por bisnetos – Masculino e Feminino	88
Tabela 8 - Identificação por irmãos – Masculino e Feminino	88
Tabela 9 - Identificação por sobrinhos – Masculino e Feminino.....	89
Tabela 10 - Identificação por primos – Masculino e Feminino.....	89
Tabela 11 - Situação Previdenciária – Masculino e Feminino	89
Tabela 12 - Renda mensal – Masculino e Feminino	90
Tabela 13 - Independência financeira – Masculino e Feminino.....	91
Tabela 14 - Proprietário de bens – Masculino e Feminino	91
Tabela 15 - Com quem residia antes de morar no abrigo – Masculino e Feminino...	92
Tabela 16 - Relacionamento com a família – Masculino e Feminino	93
Tabela 17 - Visita dos familiares – Masculino e Feminino.....	93
Tabela 18 - Mudança nas relações familiares com a vinda para o abrigo – Masculino e Feminino	94
Tabela 19 - Período que reside na instituição – Masculino e Feminino	95
Tabela 20 - Decisão de morar na Instituição – Masculino e Feminino	95
Tabela 21 - Visibilidade dos idosos institucionalizados – Masculino e Feminino	95

LISTA DE SIGLAS

AVD	Atividade de Vida Diária
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CF/88	Constituição Federal de 1988
CNDSS	Comissão Nacional Sobre Determinantes Sociais de Saúde
DEPI	Delegacias Especializadas de Proteção ao Idoso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPI	Instituição de Longa Permanência para Idoso
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
OMS	Organização Mundial de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O EMPOBRECIMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E SEUS REFLEXOS NA PÓS-MODERNIDADE: A CONDIÇÃO DO HOMEM MODERNO INSERIDO NESSE PROCESSO	20
2.1	SOBRE OS LIMITES E FRAGILIDADES DAS RELAÇÕES HUMANAS NO CENÁRIO SOCIAL CONTEMPORÂNEO	22
2.2	RELAÇÃO E CONTRADIÇÃO ENTRE OS ASPECTOS SOCIAIS E INDIVIDUAIS DO HOMEM	27
2.3	NOTAS SOBRE A SOLIDARIEDADE, OS CONFLITOS DE INTERESSE E A SOCIEDADE DO DESCARTE	29
3	SOBRE O EIXO DAS RELAÇÕES SOCIAIS: A CONDIÇÃO DE “SER IDOSO” NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	34
3.1	O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO: BREVE ANÁLISE ACERCA DA QUESTÃO	37
3.2	TRAÇANDO O CAMINHO DA MATURIDADE: IDOSO OU VELHO?	42
3.3	MEU REFLEXO NO ESPELHO, UMA REALIDADE? O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO COMO UM IMPACTO IDENTITÁRIO.....	44
3.4	O IDOSO NO BRASIL: ASPECTOS GERAIS	49
3.4.1	Direito a ter direitos: notas sobre as políticas de proteção ao idoso no país	51
3.5	O IDOSO E AS RELAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE	55
4	SOCIEDADE, EIS-ME AQUI PRESENTE: O IDOSO SOB A ÓTICA DA DINÂMICA FAMILIAR E AS VICISSITUDES, VERSANDO À CONDIÇÃO ATUAL	59
4.1	O IDOSO E A FAMÍLIA NO SÉCULO XXI	61
4.1.1	As mudanças na família.....	63
4.2.	FAMÍLIA E RELAÇÃO ENTRE GERAÇÕES.....	66
4.3	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO IDOSO	69
4.4	A PROCURA POR ABRIGOS: VELHA ALTERNATIVA OU NOVA REALIDADE?	71
5	PERCURSO METODOLÓGICO.....	75
5.1	CONTEXTO DA PESQUISA	78
5.2	PROCESSO DE COLETA DOS DADOS.....	79
6	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	83
6.1	QUATRO NÍVEIS ACERCA DO DISCURSO DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	84

6.2	1ª CONDIÇÃO: PERCEPÇÃO DE SI E DAS RELAÇÕES COM OS OUTROS.....	96
6.3	2ª CONDIÇÃO: MINHA VIDA, MINHA FAMÍLIA.....	101
6.4	3ª CONDIÇÃO: QUEM SOU HOJE? O QUE É A MINHA VIDA? POR QUE ESTOU AQUI?	107
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	117
	APÊNDICE	122
	ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS NO ABRIGO	122
	ANEXO	127
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	127

1 INTRODUÇÃO

A elaboração do presente estudo acerca da temática do envelhecimento, do contexto social em que essa questão está inserida, destacando-se a dinâmica familiar nesse processo, e das alternativas existentes que possibilitam a amenização ou até mesmo a resolução de possíveis conflitos, tanto vivenciado pelo idoso referenciando a sua condição atual, quanto pela família no processo de adequação dessa nova realidade, merecendo destaque a institucionalização do idoso, caracteriza basicamente um momento propício para efetuar a análise da questão, pois, dentro da atual conjuntura do país, cada dia que passa o quantitativo de idosos vivenciando situações similares às citadas acima se tornam cada vez mais elevados.

Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010/2011) o Brasil atualmente possui aproximadamente 14,5 milhões de idosos, o que corresponde a 9,1 % da população brasileira. Estima-se que, em 2025, o país será considerado a 6º maior nação de idosos, podendo chegar a mais de 30 milhões e, em 2030, o 4º país na prevalência dessa faixa etária.

Fundamentando-se nas teorias de Salgado (1982), que mesmo relativamente antiga, ainda são bastante válidas para compreensão do processo de envelhecimento da população e suas peculiaridades, há consideráveis argumentos afirmando que a sociedade não se preparou para esse fenômeno, adotando atitudes de preconceitos e de certa forma rejeição à velhice, acarretando assim no retardamento de políticas efetivas que visam promover um envelhecimento com dignidade e qualidade de vida, pondo em prática a condição não de “ser velho” (na ótica da sociedade, em termos), mas da garantia de sua posição enquanto idoso e acima de tudo cidadãos de direitos.

Vinculado a esse contexto, observa-se, a partir de então, alguns aspectos relevantes acerca da questão, uma vez que essa transição, de uma forma ou de outra causou um impacto na sociedade, vindo à tona um novo e relativo segmento social: a discussão sobre a problemática do idoso. Uma série de preconceitos norteia a questão, a ausência de atitudes que expressem respeito às pessoas mais velhas ainda é um fator predominante na sociedade, é comum frequentemente presenciar pessoas associando os idosos a sujeitos improdutivos, incapazes de desenvolver algum tipo de atividade, pois, o que se vê é que, na concepção da sociedade pós-moderna, a utilidade termina quando se chega à velhice e a partir daí, uma série de

problemas cujo mote se centra nas relações humanas adentram na vida do idoso e conseqüentemente em todo contexto social que está inserido (FALCÃO, 2010).

Diante da discussão ora posta, pode-se perceber que envelhecer com respeito e qualidade de vida ainda seja um grande desafio a ser enfrentado nessa época de transformações pós-modernas, pois, na atual sociedade de consumo acelerado e trocas desenfreadas, o indivíduo frequentemente é mensurado pelo que detém ou produz e muitas vezes a sua maneira de se posicionar diante da sociedade não apresenta tanta visibilidade. Este por sua vez ainda possui uma grande representatividade para o idoso que sente as conseqüências da dinâmica da sociedade atual, onde os conflitos geracionais e o corporativismo dos jovens refletidos pela grande expressividade da ditadura da beleza, da capacidade e da utilidade vinculada à juventude, ao belo, ao encantador são fatores consideravelmente relevantes para a compreensão dessa desproporção na sociedade.

O que de fato chama atenção está na considerada “idade da plenitude” que muitos consideram o momento da jovialidade, logo, envelhecer se torna, muitas vezes, um impacto identitário na visão de muitos idosos, não havendo no momento relevantes maneiras de negar que essa situação mostra o atual espetáculo em que vivemos (DEBORD, 1997).

Com a intensificação da problematização na sociedade contemporânea, o que se torna claro é que, nas relações humanas o que prevalece é o interesse pela utilidade do outro, pelo que o outro tem a oferecer e como conseqüência, o dimensionamento desenfreado dessa questão, fator preocupante e inquietante, considerando uma análise crítica situacional (BAUMAN, 2009). Percebem-se no discurso e no comportamento da sociedade pós-moderna que o ato de envelhecer não está mais vinculado ao processo natural da existência humana. Ser idoso no século XXI muitas vezes representa uma condição e não um momento natural da vida do homem. Há também uma maneira de interpretação em que se afirma que tal questão se transformou em um problema na vida de muitos indivíduos que vivem na ebulição da pós-modernidade, e a dinâmica familiar se insere nesse processo. Como alternativa para atender a essa demanda, além da discussão do cuidador familiar, surgem as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI'S) que prestam assistência a essa faixa etária, popularmente denominada de abrigos, asilos e/ou casas de repouso.

Neri e Silva (2000), em suas análises acerca desse fenômeno, em um determinado momento, afirmam que essas instituições, no Brasil, têm aproximadamente cinco décadas. Mesmo não sendo uma demanda nova, carregam consigo uma série de preconceitos no que tange a viver num local com tais características, pelo fato de se ter uma imagem pessimista desses espaços, reflexo da forma em que se visualiza a questão do envelhecimento na sociedade nos dias de hoje, assim como as condições de determinados locais que não oferecem uma estrutura que atenda as principais necessidades do idoso.

É importante ter em destaque que ainda faz parte da cultura do país a visão de que abrigos são locais que comportam idosos dependentes, abandonados, fragilizados, decadentes e sem nenhuma expectativa de vida, conceito que está sendo modificado de maneira gradativa conduzindo à análise que, diante de algumas situações em que o idoso se encontra com grau de vulnerabilidade considerável, necessitando de serviços especializados dessa linhagem, os fatores que evidenciam o envelhecimento da população deixa claro que nem todos os idosos estão com um nível de dependência, ao menos de vulnerabilidade quando procuram então abrigos para morarem, caracterizando então uma alternativa de vida (NERI,2009) .

É correto afirmar que esse segmento da população vivencia problemas que geralmente envolvem questões familiares e, como alternativa para resolução desses conflitos, procura locais que atendam suas necessidades, geralmente as Instituições de Longa Permanência. Como o envelhecimento populacional está atingindo todas as esferas sociais assim como os conflitos dela inerentes, o número de locais que atendem tais demandas de forma relativamente aceitável estão cada vez mais crescentes, contudo, a grande questão é se os idosos procuram por decisão própria ou se foram induzidos por pessoas e/ou situações, e até mesmo conduzidos. Esta questão representa especificamente o objetivo geral desse estudo e será discutida na contextualização da pesquisa.

Outro fator que merece destaque é a complexidade de entendimento quando se trata de pessoas idosas moradoras de abrigos e suas relações sociais, deve-se ater à difícil maneira de decifrar de forma concisa a questão. O fato de o idoso ter sido um dia jovem, sendo detentor de uma história de vida que não pode deixar de ser levada em consideração, há grandes possibilidades de ter construído ou dissolvido suas relações sociais, por isso, antes de tecer qualquer análise, é preciso

compreender o contexto geral, não fatos isolados, pelo menos em especial na conjunção analítica dessa realidade.

Não obstante, o estudo da institucionalização de idosos conduz a questionar quais foram as causas que os levaram a residir numa instituição de tal caráter, considerando as mudanças em sua vida e que muitas vezes são radicais.

Para Vitale (2010), em geral, os idosos que passam a residir em locais dessa natureza desenvolvem um discurso contraditório com relação aos membros que constituem a sua prole, este por sua vez comumente relatando que não mais possuem tempo disponível para prestar assistência de forma que promova uma boa qualidade de vida a eles, muitas vezes tratando-os com impassibilidade. Ainda discorrendo sobre o contexto familiar e o idoso, a ausência da família também se torna uma questão bastante comum, resultando na solidão que tem como triste consequência a falta de desejo de desenvolver atividades que até então eram simples, mais que agora se tornaram uma das coisas mais complicadas de se fazer, pela ausência da vitalidade que antes tinha de forma abundante e pelo rumo que tomou a história de sua vida (SAEDE, 1993).

Segundo Caldas (2003), existe uma ambivalência na discussão no que tange o idoso e sua opção em residir num abrigo, destacando a questão familiar: o primeiro ponto a ser analisado é situação daqueles que, dispondo de pouco espaço físico, escassez de recursos econômicos e mínimas possibilidades de ação integral encontram nesses locais soluções para suas dificuldades. Essa situação, para o autor acima citado, muitas vezes é reflexo de aposentadorias que não suprem as necessidades básicas do indivíduo como habitação, saúde, alimentação, acompanhamento dentre outros. Este assunto, mesmo sendo relevante, não é a predominância do perfil dos idosos analisados nesta pesquisa, mas se fez necessário fazer este breve comentário pelo fato de ser uma realidade presente no contexto social contemporâneo. O segundo ponto está naqueles para os quais o problema não está basicamente no setor financeiro, mais sim nas relações humanas, destacando os conflitos familiares e as suas perdas no sentido extenso da palavra. Logo, percebe-se a existência de uma possível quebra de paradigmas no que se refere à demanda por abrigos e que refletem na vida do idoso, ou seja, independente da condição social, todos os indivíduos envelhecem, problemas sempre existirão, sejam com assalariados ou com indivíduos com outra situação socioeconômica, por isso, já existem

instituições que atendem idosos dos mais variados níveis sociais. Assim, a visão que se tinha de locais que acolhem pessoas consideradas carentes no sentido financeiro, estendeu-se no conceito de carência, levando em consideração tal situação de outras maneiras, inclusive questões que envolvem o fator emocional.

As instituições que promovem assistência à população idosa representam, em suma, um importante momento no contexto social brasileiro, pois, face às mudanças que a sociedade vem sofrendo nas últimas décadas que tem o envelhecimento populacional como destaque, o país se deparou com a necessidade de se adequar a esse processo, mesmo antes de se preparar para essa realidade. Por falta de estar preparado, essa forma de “adequação” causou impactos sociais e uma série de conceitos preestabelecidos à pessoa idosa que por sua vez, resultam em diversos problemas, entrando em cena a não aceitação da velhice, expressas na sociedade sob diversas maneiras e que reflete na vida do idoso, podendo também se originar no próprio idoso pela sua condição atualmente.

Este estudo é de natureza social, pois, representa uma problemática que objetiva um “repensar” sobre a realidade desses indivíduos diante da complexidade da sociedade contemporânea, o tempo em que esses sujeitos estão vivendo e da sua condição atual, a condição de ser idoso e morador de um abrigo.

Partindo desse pressuposto, não há como negar que um sentimento incomensurável de reflexão sobre essa realidade adentra nas minhas indagações, assim como um olhar de busca de explicações para meus questionamentos o qual está vinculado à realidade dos idosos dessa Instituição. Um processo de inquietação resultante do paralelo entre a minha vivência como profissional atuante neste local, com as questões levantadas durante o percurso acadêmico me impulsionaram a adentrar no tema com densidade. Diante disso, não há como negar que essa realidade me conduziu ao pensamento de qual foi a real causa que levou o idoso a essa importante decisão, em sair do seio da família, célula do tecido social, ou de qualquer outro meio que podem conceituar também de família, pela discussão atual de pluralidade dela, para conviver com pessoas até então desconhecidas para eles. O que está nas entrelinhas dessa realidade? Residir num abrigo para idosos é uma opção ou resultado da falta de opção? Estas indagações traduzem os objetivos específicos do estudo em análise, ou seja, compreender a dinâmica de vida institucional de idosos, em resumo.

Embora não seja o suficiente para constatar e generalizar uma realidade, por se tratar apenas de uma realidade, a vida dos idosos do abrigo em destaque nesse estudo oferece, sem dúvida, uma importante contribuição para que se tenha um senso crítico de análise desta realidade e das alternativas para se adequar a “nova” condição da sociedade, onde cada vez mais as relações sociais estão se fragilizando e, nesse processo, a família em sua forma ainda expressiva, mesmo sofrendo grandes mudanças advindas desse percurso se faz importante e necessária na vida de qualquer pessoa, independente de sua condição social, sexo, etnia, religião e acima de tudo idade.

O convite à reflexão sobre idosos nos tempos atuais é merecedor de destaque, ampliando a todos que se interessam em refletir sobre essa realidade. Por outro lado, aqueles que preferem não adentrar na temática, o momento se faz oportuno para uma ressalva: a sociedade está envelhecendo e temos que entrar no processo de adequação, já que não nos preparamos para este fenômeno, pois, o que se esperava era uma explosão demográfica e não o envelhecimento populacional de forma tão acelerada, além da chamada para a visão crítica de que o jovem de hoje, é o idoso de amanhã.

Destarte, o primeiro momento deste estudo adentra nas análises do empobrecimento e da fragilidade das relações humanas sob a ótica de importantes críticos da atualidade, merecendo grande destaque o sociólogo Zygmunt Bauman, que traz à tona reflexões sobre a decadência da “idealização do ser”, dos conflitos de interesses, estes por sua vez tendo como reflexo o desencadeamento de um descontrole social, da dissolução dos papéis sociais dos indivíduos e acima de tudo, uma sucinta, porém relevante análise sobre a sociedade do descarté, tendo como ato de que o que não serve mais no conceito desta sociedade merece ser descartada como um utensílio que não possui mais serventia e que, a condição do idoso nos dias de hoje sem dúvida está inserido nessa relativa “padronização” de conceitos.

O segundo momento do estudo está basicamente voltado à questão do envelhecimento e seus aspectos contraditórios, fazendo recortes sobre o conceito de velhice na sociedade atual, a maneira de encarar este processo tanto de forma intrínseca como extrínseca, envolvendo os direitos do idoso, a família nessa trajetória e o contraponto de análise do envelhecimento e sociedade.

O terceiro momento relata discursos que fundamentam teorias sobre o contexto familiar e o idoso, atrelando às suas complexidades e variáveis, bem como o processo de institucionalização como alternativa para intermediar conflitos advindos dessa questão.

O quarto momento descreve os dados coletados da realidade de 20 (vinte) idosos de ambos os sexos, entre 65 (sessenta e cinco) a 85 (oitenta e cinco) anos de idade, residentes de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos situada em Salvador/BA, destacando a análise de diferentes histórias atreladas a diferentes contextos de vida, concentrando no discurso acerca da visão e interpretação de alguns aspectos relevantes de suas trajetórias de vida, destacando a percepção de cada um acerca do conceito de família.

Por fim, são apresentados os principais desafios para a concretização desse estudo e as considerações finais, bem como a relação dos referenciais que subsidiaram para que fosse possível a realização desta pesquisa.

Fica evidenciado que há a necessidade de analisar mais profundamente esta temática na atualidade, de enfatizar que aqueles que se interessam pelo estudo do envelhecimento não podem deixar de desenvolver uma visão ampla e, acima de tudo, crítica sobre a situação do idoso na sua relação com o “eu”, no sentido ontológico, na relação com a sociedade e nas interfaces com a família, calcada na institucionalização deles como estratégia para lidar com tal questão, cujo centro está nas relações sociais.

Alternativas existem para lidar com essa situação, entretanto, para que se tenha um pensamento estratégico, é preciso entender como funciona este processo, é preciso analisar a sociedade, é preciso compreender a maneira em que se encontram as relações humanas em tempos atuais no Brasil do século XXI, mais precisamente no município de Salvador, Bahia.

2 O EMPOBRECIMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E SEUS REFLEXOS NA PÓS-MODERNIDADE: A CONDIÇÃO DO HOMEM MODERNO INSERIDO NESSE PROCESSO

As relações sociais sempre foram motores de análises em diferentes momentos da história da humanidade, na tentativa de se chegar a uma espécie de conclusão da gênese resultante da complexidade que acompanha a relação entre os homens. Sob a ótica de diferentes pensadores, a travessia de processos que foram decisivos para a produção e reprodução dessas relações, em diferentes décadas e séculos, foram e ainda são fatores que merecem destaque. Contudo, dentro dessas análises, discussões e classificações para estudos reflexivos, percebe-se que tais relações vêm sofrendo transformações cada vez mais rápidas, fruto da evolução acelerada da sociedade, o resultado dessa mudança é o decaimento dessas proferidas relações, destacando a perda gradativa da capacidade do indivíduo lidar com os limites do outro (BAUMAN, 2004).

Uma elucidação atual para compreensão dessa condição de declínio das relações sociais é o esclarecimento mais concreto, difundido e evidente sobre a transição da sociedade moderna para a pós-moderna. Tendo como referência as explicações e visão crítica do sociólogo polonês contemporâneo Zygmunt Bauman (1997). A pós-modernidade surgiu, podendo se dizer, como a ave “fênix”, das cinzas da sociedade moderna, essa por sua vez caracterizada pelo “excesso de ordem” e “solidez” em seus delineamentos que por uma linha de pensamento partindo de novas necessidades da sociedade sofreram redefinições.

O próprio homem na busca pela liberdade lançou a sorte e adotou um meio de vivência “líquida”, trazendo, além de outros pontos, a efemeridade expressa como a regente dessa condição atual, adotando uma forma de pensamento e ação baseando na afirmativa que tudo pode se mover de forma incerta, porém livre. Logo, a modernidade começou a declinar, até então podia se afirmar que havia uma estrutura sólida e segura e de uma confortabilidade idealizada, em face disso, o homem criou expectativas relativamente seguras de que continuarão sendo (a exemplo) pais amados, homens respeitados independente da situação, se tornou uma realidade e como consequência, a pós-modernidade que por ora foi adentrando no

universo das relações sociais e adquirindo seu espaço. Com base neste modelo e fatores sequenciais, a sociedade sofreu essa transição oportunamente nomeada de “exaltação à liberdade”, podendo ser destaque as relações sociais das ditas novas gerações, contrapondo as expectativas de segurança, e continuidade de pessoas que faziam parte desse passado, vivenciaram tal travessia e estão num processo de redefinição dos seus papéis sociais, destacando o sujeito idoso nesse processo – representando a condição do homem moderno inserido nesses ideais pós-modernos. Este atualmente é visto como pessoas ultrapassadas a esse tempo de hoje, o preço por essa consignação foi muito maior do que se imaginava, a resposta foi uma sociedade cada vez mais abarcada de sombras e anomalias sociais, podendo ser observadas numa espécie de “muro” criado por instituições a exemplo a instituição casamento e a instituição família que de certa forma desenvolveu uma espécie de recusa em participar desse processo (BAUMAN, 2001).

Mesmo com toda expectativa, percebe-se um embate social cíclico: se a sociedade moderna foi declinando em seus ideais havendo uma mudança para a pós-modernidade, na tentativa de amenizar o desconforto ou até mesmo o sofrimento pela perda da capacidade dos ideais e sua tentativa de resgate, levando à “redefinição” de seus conceitos, a sociedade então está falhando mais uma vez se estiver de fato em um processo de equívoco, ou apenas modernizando problemas que sempre existiram no homem, pela defesa dos seus interesses individuais, pela fugacidade das coisas, por não dimensionar seus limites e tentar ultrapassá-lo principalmente quando se parte para o individualismo, deixando visível que tudo que não mais está servindo pode ser descartável, inclusive pessoas?

Quem de fato são essas pessoas, são os jovens de hoje ou os idosos? Há uma contundência na maneira de visualizar tais relações sociais? Este pensamento conduz à necessidade de apanhar um breve pensar sobre essa realidade, em que o fator de intencionalidade de visão de condições sociais e individuais se torna cada vez mais necessárias. O que está nas análises aprofundadas sobre tal assunto e que merece uma atenção maior por se tratar do futuro da humanidade pode ser visualizado na reflexão da construção de um “Império do Efêmero” de Gilles Lipovetsky (1989), obra consideravelmente oportuna e relevante para o momento, na qual destaca que tudo acontece numa rapidez extrema, desenvolvendo a partir daí uma espécie de “mal-estar da sociedade pós-moderna”, terminologia defendida por Bauman (2004).

Uma questão a ser citada é que tal efemeridade não é aceita por todos, muitas vezes é rejeitada principalmente pelo segmento populacional de idosos que, de certa forma, não acompanham tais acontecimentos pela própria resistência de aceitação de mudanças no quadro social, causando assim muitos conflitos, pondo em discussão a questão da igualdade seja ela de gênero, de sexo, de idade, de direitos sociais, enfim, o direito de ir e vir.

As consequências da sociedade pós-moderna, a focalização da análise de diferentes setores sociais, merecendo destaque a conjuntura familiar, o desenho da realidade e a visão das relações sociais são expressões do preço por essa busca pela liberdade. As relações estão se tornando cada vez mais individuais, a compreensão dos seus papéis e representatividade está cada vez mais se aprofundando no abismo da perda das capacidades de relacionamento saudável manifesto.

A questão não é o momento em que estamos vivendo, mas sim a ação de analisar o comportamento do homem sobre o homem, e do homem com a sociedade que o cerca, inclusive no âmbito familiar, por ser uma instituição que ainda possui visibilidade na sociedade, mas de forma contraditória, abarcando todas as vias de regras e reflexão para que se obtenha um entendimento mais perto da completude de conceitos acerca da sociedade contemporânea trazendo para a discussão da “idealização do ser”, para que dessa forma, seja possível compreender a principal origem desse empobrecimento na sociedade pós-moderna, mesmo diante da contraditoriedade em que essa realidade se apresenta.

2.1 SOBRE OS LIMITES E FRAGILIDADES DAS RELAÇÕES HUMANAS NO CENÁRIO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Antes de se debruçar efetivamente sobre o ponto central que será discutido em que o debate está sobre os limites e fragilidades das relações humanas, se faz necessário destacar que é uma realidade mais do que já constatada que a sociedade contemporânea está passando por grandes transformações, mostrando que o panorama principal é a redefinição ou até mesmo a reconceituação de valores, os quais muitas vezes são impostos e principalmente condicionados por um sistema que

possui um arcabouço apologista de uma sociedade que traz consigo a ideologia pós-moderna de “culto ao esplêndido”, traduzido por aquilo que preenche o ego, acirra a disputa por um espaço que muitas vezes o que prevalece é a condição de individualismo, atravessados aos olhos dos que tem acesso a esta espécie de pensamento envolvido pela contraditoriedade de um presente da vida prática e confortável, não permitindo nenhum impasse para exceder os limites em que as relações humanas estão inseridas (DEBORD, 1997).

No contexto social contemporâneo, pode-se perceber que tais fatores ocorrem nas gerações de jovens, enquanto outras faixas etárias, a exemplo os mais velhos, muitas vezes continuam com a expectativa de continuidade e segurança nas relações, intensificando ainda mais a necessidade de entendimento dessa questão que está tão presente na sociedade. O que se faz importante para o entendimento dessa possível escassez de simultaneidade, inclusive contradições das relações humanas é que, na vida pós-moderna, há uma ambivalência no que se refere à sua demarcação uma vez que, ao mesmo tempo em que se vivencia um processo de limitação em alusão ao outro, podendo destacar o detrimento gradativo das relações entre gerações, familiares, de amizade, de uma forma mais prática de se relacionar com o cônjuge (ênfase para os casais que possuem problemas em diferentes níveis do relacionamento fruto da vida oscilante, na busca incessante por êxito profissional), com filhos e netos, por estar submetido ao universo da disputa em diferentes situações e, como tudo que rodeia tal sistema possui um preço, a grande consequência muitas vezes é a ausência da percepção de si diante da situação (BAUMAN, 2001).

Discorrendo de uma forma abrangente que permite pensar sobre essa configuração de vida e formalizando um convite à reflexão, percebe-se que, ao mesmo tempo em que existem tais limitações, há também um extrapolo dos limites, visto que se nessas mesmas relações relatadas acima há um exagero de intolerância ao comportamento do outro, principalmente quando se faz menção à questão do convívio entre gerações, fruto também desse cotidiano, sujeito a uma espécie de imposição a qual somos condicionados, o que ocorre de forma distinta para cada geração.

Mas o que é para refletir diante disso é que essa referida imposição do próprio homem em suas relações vivenciam um processo de resistência extrema ao outro. Giddens (1991, p. 66) faz um importante comentário, destacando que,

[...] os seres humanos vivem num ambiente criado, um ambiente de ação que, é claro, é físico, mas não apenas natural. Não somente o ambiente construído das áreas urbanas, mas a maioria das outras paisagens também se torna sujeito à coordenação e controle humanos.

A emergência de análise das relações humanas se tornou um ponto chave para a compreensão de muitos fatores contraditórios presentes na sociedade. Ao mesmo tempo em que pode se considerar que há uma contraposição na forma interpretativa sobre o comportamento do indivíduo pós-moderno, a sociedade, mesmo com sua estratificação, possui uma padronização, imposta a todos, sem exceção. Para que o sujeito seja aceito e inserido nessa realidade, precisa então se regular a essa forma de viver.

Outra vertente que é merecedora de destaque, pelo problema que se causa entre a disputa de poder é o assunto em que Bauman (2004) faz referência em sua obra intitulada “Identidade” que, em uma diversidade de respostas a questionamentos traz a contraditoriedade do “ter e de ser”; cada um possui uma visibilidade pelo que tem em apropriação, a exemplo, bens capitais – uma bela residência, um cargo respeitável numa empresa, uma quantia considerável depositada no banco, estar dentro da moda (ser um sujeito contemporâneo) é o modelo ideal de pessoa para a sociedade atual.

A questão do “ser” evidentemente está em segundo plano, mas é importante deixar claro que não há uma generalização comportamental do homem, mais sim a prevalência de um determinado comportamento, o individualismo, fator alarmante e, muitas vezes, decisivo na vida do indivíduo que se atém ao discurso de que “cada ser vale por aquilo que possui e não pelo que de fato é”. Portanto, há uma análise de pessoa por pessoa isoladamente, e não em suas relações. Diante disso, não há como não levantar o seguinte questionamento: se a identidade do homem ainda representa algo relevante nos dias de hoje, qual o conceito de identidade que chega mais perto dos parâmetros atuais? Para Bauman (2004, p. 83 - 84),

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um ‘conceito’ altamente contestado. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. Assim, não se pode evitar que ela corte dos dois lados. Talvez possa ser conscientemente descartada (e comumente é, por filósofos em busca de elegância lógica), mas não pode ser eliminada do pensamento, muito menos afastada da experiência humana. A

identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado.

Em vias de análises, podemos perceber que além das exigências dessa maneira de lidar com os limites de conectividade com o mundo, que mudam substancialmente a depender do caminho que o indivíduo, ou conduz de maneira espontânea ou é “obrigado” a seguir que muitas vezes aparenta serem perversas, as relações também são de utilidade. Percebe-se hoje o homem como objeto de uso, útil apenas quando se há uma canalização, há um meio e um fim para ele. Uma espécie de “mão invisível”, destacando novas regras institucionais, ajusta as coisas de tal maneira que todas as funções desenvolvidas na sociedade são interpretadas sob forma de encaixe, com o discurso de que tudo que se faz é para o bem comum (BAUMAN, 2004).

Diante dessa abrangência de fatos, não há como não erguer uma indagação: de fato é o homem que condiciona as coisas existentes ou a cadeia desenfreada de existência das coisas é que determina a o comportamento do homem? As respostas a esta pergunta podem ter conotações diferenciadas, podendo estar sintonizado à questão do indivíduo deixar de tomar decisões por si mesmo e ser submisso a mudanças estruturais. Sem dúvida alguma, o homem enquanto sujeito social está submetido a uma situação de sujeição à sociedade, se tornando muitas vezes seres mecanizados e nesse processo de subinterpretação da sociedade pós-moderna, aqueles que possuem uma ideia moderna de sociedade, ficam à mercê das grandes mudanças, e as pessoas de faixas etárias mais elevadas se encaixam nessa contraposição da realidade (BAUMAN, 2004).

Infelizmente não há opção de escolhas a todos, o ser humano ao menos pode viver à margem dessa sociedade, pois o próprio nome já por si só caracteriza o que é viver a margem dela, representa ficar à parte, em segundo plano. Há então fortes evidências de que somos pessoas extremamente vulneráveis a esse sistema, que muitas vezes confronta princípios vitais do homem enquanto ser que possui emoções e que precisam expressá-la de alguma maneira. Na ausência de externar sentimento pela opção de otimização do tempo, vêm os famosos sintomas de doenças cada vez mais presentes na vida do homem desgovernadamente, é o surgimento de patologias (como a depressão) se tornando um dos grandes problemas apresentados ao homem na sociedade pós-moderna (BAUMAN, 2004).

Destacando que isso é particularmente relevante e evidente nos indivíduos mais idosos, por teoricamente, não acompanhar esse desenfreamento social, a depressão se torna uma doença presente da vida desses indivíduos. No momento em que sua máquina para e precisa pensar enquanto ser que possui sentimentos presos pela escravidão do dia, da sua vida cotidiana, o homem rapidamente tem uma mescla de sentimentos, e as crises são inevitáveis, isto sem dúvida é a maior consequência da fragilidade das relações condicionada pela pós-modernidade, um vazio extremo toma conta neste momento, este especificamente são situações vividas por todos, mas quem mais sente com essa maneira de vida é a geração de jovens de hoje, por isso que Bauman (2004, p. 25) diz que,

Afinal de contas, perguntar 'quem você é' só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só ser você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja real e se sustente [...] sua forma de estar no mundo eliminava a questão da identidade.

A relação humana de toque, abraços e apertos de mão, enfim, comportamentos que são necessários na vida e para a vida de um ser humano, já não mais possui o interesse que deveras pelo discurso da pressa pelos acontecimentos. Foi voltado a essa realidade que Giddens (1991) analisou o processo de modernização juntamente com suas grandes consequências. Há sem dúvida uma disputa pelo melhor lugar no mundo, mas há um preço a ser pago pelo homem enquanto pessoa no universo panorâmico com relação a ideais voltados a questões de conduta moral e social, acompanhados de estratégias errôneas, por assim dizer, para lidar com esse modo atual de se viver. Esse distanciamento imposto pela sociedade tornou-se uma contradição, se por um lado a mente humana condicionou a pensar que essa forma distante de contato nada mais é do que o aproveitamento do tempo, por outro os problemas de relações interpessoais estão ficando cada vez mais complexos (BAUMAN, 2004).

Vivemos arriscando as relações mediante a falta ou escassez de opções. Não há muito poder de escolha, as relações humanas se tornaram cada vez mais frágeis. Adotou-se um pensamento idealizado apenas sobre si, a velocidade de mudanças dos acontecimentos na pós-modernidade em nome da liberdade está deixando um legado não muito convencional. É necessário resgatar essas relações, do contrário a

essência das coisas irão se perder, assim como da ausência dela, como uma contradição cada vez mais perigosa para as próximas gerações.

2.2 RELAÇÃO E CONTRADIÇÃO ENTRE OS ASPECTOS SOCIAIS E INDIVIDUAIS DO HOMEM

Desde a gênese das relações sociais, o homem sempre defendeu seus interesses individuais, com a justificativa, tanto para ele quanto para o meio em que está inserido, que isso representa uma forma de sobreviver no mundo de disputas acirradas, com o pensamento de conquistar um lugar de visibilidade na sociedade e, em face disso, trouxe como bagagem um discurso em que relaciona que, aquilo que é confortável para ele, também será futuramente ou de imediato útil para toda sociedade. Em vias dimensionais, tal discurso, este em diversas situações, está relacionando o social e o individual, porém, a contradição decorrente da condução das situações citadas sobreleva esta relação, isso significa mais uma forma de não correlacionar tais fatores que seja possível à compreensão desta relação (MORIN, 2011).

Trazendo para a realidade social nos dias de hoje, mesmo sendo este pensamento acima citado criado como uma resposta para a sociedade do século XIX atravessando o século XX, o homem do século XXI chamado de pós-moderno ainda segue este mesmo modelo de ideais. O indivíduo que possui um pensamento idealizado sobre si e, como efeito, se prende ao excesso de personalismo atendendo ao seu ego, acredita que defender seus interesses individuais com o discurso paternalista e ao bem comum é a melhor maneira de confundir e driblar o outro, acreditando assim que é mais astuto que todos à sua volta e que, por isso, é merecedor de tudo que a vida possa oferecer, independente de ter feito algo para essa conquista. Um exemplo claro de interesses individuais está no âmbito familiar, onde teoricamente todos deveriam ajudar uns aos outros para que haja satisfação na convivência. Mas, atualmente o homem desenvolveu a capacidade de se desprender desta instituição para defender seus interesses próprios, e mesmo sabendo que o preço a ser pago é a desconstrução do seu papel perante ela, ainda insiste no

comportamento, muitas vezes de negação da sua prole em prol da defesa dos seus interesses.

Essa linha de pensamento reforça a contradição entre o individual e o coletivo, tanto o homem que está no poder como aqueles que estão na disputa por ele criaram conceitos sobre si e sobre a sociedade que os cerca. É importante deixar claro que a humanidade se desenvolveu sobre ideais, ações e conceitos, estes por sua vez foram importantes para determinar o rumo dos acontecimentos ao longo da história. Mas o que se pretende analisar nessa condição reflexiva é que o discurso sobre a relação e contradição do contexto social está atrelado a um vazio social, no qual o aspecto individual se sobressai ao social e, em face desta situação, é permissível afirmar que a relação é meramente de poder entre o que é social e o que expressa particularidades, logo abarcada de contradições.

Embora tenha sido um tanto quanto pessimistas, as críticas sobre a relação entre o homem e a sociedade, voltando à atenção aos seus aspectos contraditórios, não deixa de ter um realismo, os fatos expostos mostram que os interesses individuais prevalecem ao social. Uma das formas de tentativa de equilíbrio dessa situação seria o homem internalizar o conceito de coletividade e resgatar a visão da importância da comunicação principalmente entre os familiares, pois, mesmo dentro do processo de negação, todos os indivíduos existentes vivem entre as relações sociais, assim como nos aspectos contraditórios que insistem em permanecer dentro do contexto social.

Vivemos numa sociedade onde as inseguranças de perspectiva de futuro é que determina muitos aspectos existentes, mesmo em relação ou em contradição à sociedade que o contorna e se expressa de forma repentina quando surge uma inquietação, conseqüentemente atingindo o fator social.

Como defende Bauman (2010), estamos na era das incertezas, elas são vastas, seja no receio de perder um cargo numa empresa, de sofrer por algum problema de saúde, enfim, por tudo que nos rodeia e determina a maneira de se viver, mas não são expressos o receio da solidão por não ter solidificado suas relações com os outros, contudo, quando o indivíduo se dá conta desse fato, muitas vezes já adentrou numa realidade de vida imutável, como a condição de estar idoso dentro dessa realidade, a exemplo. O homem contemporâneo necessita perceber que mais cedo ou mais tarde sofrerá as conseqüências das suas atitudes, atos e ações enquanto permanecerem com pensamentos individualistas. As conseqüências dessa

forma de viver aparecerão; o homem geralmente tende a se dar conta do seu legado quando já está numa idade mais avançada, deixando claro que não é o ponto central para que haja um repensar sobre suas atitudes, mas não há como negar que, a depender da percepção de si diante desse momento da vida, as consequências podem ser as mais insatisfatórias para ele, destacando o abrigamento que para muitos representa uma situação de desconforto por estar relativamente distante de algumas pessoas, como a sua prole.

2.3 NOTAS SOBRE A SOLIDARIEDADE, OS CONFLITOS DE INTERESSE E A SOCIEDADE DO DESCARTE

No processo de análise de questões pertinentes para iniciar a discussão do tema proposto, o que se destacou como reflexão, a priori, foi o exame de um processo de descontrole social em que a sociedade pós-moderna está vivenciando, seja no âmbito das políticas ou das relações entre os sujeitos sociais, onde o discurso da solidariedade está sempre no centro das relações sociais e que muitas vezes aparecem como uma falsa maneira de controle social, uma vez que a forma de se manifestar mediante a situações que envolvem o social em suas diferentes configurações podem ou não determinar a pretensão do sujeito na execução de atividades voltadas ao social e não ao individual como forma de manipulação popular (BOFF, 1984).

Para que seja possível o levantamento de análises dessa maneira de lidar com os problemas sociais de maior discussão, é importante a análise dos mínimos comportamentos de quem discursa sobre as questões mais visíveis das iniquidades sociais existentes, como a saúde, a acessibilidade a bens e serviços, a moradia, dentre outros. Para que se possa entender se a finalidade desse “espírito solidário” não seja uma forma de, além de ter preconceitos com pessoas, estarem defendendo apenas seus interesses, destacando a questão da auto promoção numa sociedade em que a carência se apresenta como uma realidade mais do que emergente; não agir como seres oportunistas nesse processo de defesa dos seus interesses com o discurso de defesa do social está mais do que comprovado que é um desafio.

Tais fatores sem dúvidas são conflitantes nos meandros de compreensão dessas condições impostas pelo homem em tempos atuais (COSTA, 2006).

Isso mostra o discurso de quem de fato quer “ajudar”. Esta forma de suporte defenderá quem? Quem recebe a ajuda ou a quem se está ajudando? Este está o ponto crucial da análise da solidariedade e dos conflitos de interesses inerentes a ele. Um ponto merecedor de destaque é que tais conflitos advêm da forma como se conduz os interesses, se for de uma maneira em que uma camada considerável da sociedade perceba, sem dúvida deflagrará agitações por parte de quem acreditava nos propósitos iniciais de implementação de políticas. Para manter o controle social o sujeito vem com o propósito de melhoria da qualidade de vida dos indivíduos que dela necessita. As Instituições de Longa Permanência que prestam assistência ao idoso está na pauta da discussão da sociedade atual, trazendo como discurso de ajuda ao próximo, estes por sua vez representam uma camada populacional constituída por pessoas frágeis, indefesas e que precisam de um gesto de carinho.

Isso gera um descontrole social muito grande visto que está à frente interesses individuais de se autorreconhecer como alguém que fez algo pelo social e que merece toda honra que existe; isto sem dúvida gera uma série de conflitos, inclusive os de interesse. Portanto, a questão da solidariedade atrelada aos conflitos de interesse merece maior aprofundamento de análises do que a forma breve como foi abordada neste momento, para maior entendimento dessas grandes contradições e dos limítrofes do individualismo humano, este merecendo grande ênfase e chamada à reflexão junto aos indivíduos que constituem a sociedade em que estamos vivendo, para não dizer, em processo de sobrevivência.

Todavia, para mudar o decurso da história, o homem necessita olhar para os lados e ter ideia da dimensão dos principais problemas que acarreta as miserabilidades existentes na sociedade contemporânea. Pensar e posteriormente levantar análises reflexivas sobre a sociedade contemporânea em seus diferentes níveis de ações históricas sem dúvida não é uma das tarefas mais simples de desenvolver, pois, no momento em que nos deparamos com os grandes problemas da humanidade na atualidade, surge sem dúvida, um pensamento crítico do que de fato foram e são os agentes causadores das diversas dificuldades vivenciadas pelos indivíduos do século XXI dentro de seu contexto social, em meio a tantas inversões e embates de valores.

Contudo, não há como também não surgir o pensamento crítico de quem e de onde partiu os grandes problemas que foram determinantes em muitos aspectos para o delineamento das relações sociais. Há uma extrema relevância na seguinte indagação: os homens dos séculos passados que ainda vivenciam relações sociais no século vigente estão sofrendo os reflexos, intensificando ou recriando esses grandes conflitos? Esta pergunta é comumente feita e merece reflexões, por muitas vezes não ter as respostas que o homem, na sua condição ontológica, necessita para seus questionamentos. A diversidade é vasta de problemas vivenciados pela sociedade em tempos pós-modernos, destacando as desigualdades sociais, a ditadura do consumo, os conflitos entre gerações, as relações humanas cada vez mais fragilizadas, e a que é merecedora de profundas reflexões dentro dessa contextualização por abarcar estes e outros fatores de análises, e por continuidade a chamada sociedade do descarte (OSVALDO JÚNIOR, 2012).

Sociedade do descarte pode representar uma das mais completas definições da sociedade pós-moderna, uma sociedade que mantém padrões preestabelecidos para se viver nela, aquilo que está fora do determinado pode ser descartado, ou seja, duas representatividades que ao mesmo tempo perderam seu valor por não ter cumprido a sua função de forma “correta”, ou por não ter superado as expectativas do meio em que está inserido pode ser descartado sem hesitações (BAUMAN, 2004).

Trazendo para análise da problemática que necessita de maior cautela para contextualizar sobre a questão, a do descarte de pessoas, é importante destacar que a sociedade atual traz consigo, além de outras padronizações, um modelo essencial de pessoa: aquela que seja capaz de oferecer uma contribuição para o crescimento do capital. Essa sociedade dispensa aqueles que não se faz mais útil e é importante frisar que desde o desenvolvimento do homem na sociedade isso já se fazia presente. Com o passar do tempo se estreitou e se afunilou de tal forma que se adotaram outras linhas de valorizar a vida em coletividade e as maneiras de se analisar os fatos sociais como um todo. A valorização do belo, na ótica pós-moderna, está na visão de que o que está dentro desses ditos padrões é o que se pode aproveitar, o restante é descartável, não serve mais para nada.

Conduzindo à realidade de maneira clara, é possível afirmar que as pessoas que não representam certa utilidade para a sociedade podem ser descartadas, a exemplo os idosos, principalmente os que residem em abrigos, que, muitas vezes, de

maneira preconceituosa, são caracterizados como pessoas que estão à margem em todos os aspectos existentes na sociedade.

Em razão dessa análise do descarte de pessoas, vem a necessidade de uma pergunta oportuna: As instituições para idosos surgiram para consolidar ainda mais essa maneira de “acirrar” a sociedade do descarte? É importante tal análise pelo fato de se perceber os aspectos contraditórios da sociedade que, ao mesmo tempo em que criam tais instituições para prestar atendimentos aqueles que necessitam, as utilizam como uma espécie de “linha” para separá-los daqueles que ainda são úteis para a sociedade, deixando-os à margem. Logo pensamos que, grosso modo, o que essa realidade conota é um descarte propriamente dito (BAUMAN, 2010).

As entidades de assistência aos idosos são os que mais sofrem com essa forma de conceituação, pelo momento em que a sociedade atravessa cuja realidade é o envelhecimento populacional e, como consequência, o crescimento desses locais para atender esta nova demanda social (SILVA, 2000). A sociedade do descarte caminha em sintonia com a “Sociedade do Espetáculo”, conforme título de uma importante obra do filósofo Guy Debord (1997), na qual destaca como a sociedade se comporta em meio a grandes transformações mediante a “proletarização do mundo” (p. 9).

Debord, (1997, p. 13) expõe que,

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação [...] O espetáculo em geral, como inversão completa da vida, é o movimento autônomo do não vivo.

Diante dos fatos expostos, sem sombra de dúvida, vivemos em uma “sociedade do espetáculo”, onde as formas em que se enxergam os fatos estão cada vez mais voltadas às ações que muitas vezes carecem de autenticidade. Dessa maneira, as relações humanas tendem a entrar numa situação cada vez mais emergente. Não se pode deixar a natureza humana submergir numa condição de seletividade, até entre as suas relações sociais, desta forma as ditas relações ficarão mais fragilizadas, como inevitável consequência passarão por um processo de rompimento.

Destarte, teoricamente, uma das alternativas é viver numa sociedade cujo espetáculo está atrelado à ausência do “ser” verdadeiro, e aquelas pessoas que não podem por algum motivo se inserir neste processo, provavelmente sofrerão um descarte. Para que isso não venha a acontecer de forma mais agressiva, é necessário que haja uma visão de que todos os indivíduos que constituem a sociedade possuem seus papéis sociais, suas representatividades, sua importância e seu valor enquanto pessoa que de certa forma também é protagonista dos fatos existentes na sociedade contemporânea.

3 SOBRE O EIXO DAS RELAÇÕES SOCIAIS: A CONDIÇÃO DE “SER IDOSO” NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Após uma série de abordagens e reflexões acerca dos desafios da sociedade pós-moderna, com a figura do homem inserido nessa dinâmica, iniciar processos de análises sobre estudos relacionados à condição do idoso na sociedade contemporânea, com certeza, representa uma demanda desafiadora, principalmente quando se trata de fatos que conduzem ao caminho de definições carregadas de reflexões que, ora são vistas de forma contemplativa, ora são contestáveis. Percebe-se que no momento em que há uma avaliação da sua condição de sujeito que, ao mesmo tempo em que se introduz dentro de um contexto rico em discursos, no qual se referenda a relevância significativa de visão, expressão e valorização do conceito de pessoa idosa, vinculando a níveis culturais e de sociedade, penetra em assuntos que são detentores de aspectos colidentes sobre questões relevantes em distintas situações, principalmente quando submergem demandas sociais em discussão no cenário atual, referindo-se ao envelhecimento populacional e suas alternativas para lidar com tal realidade como um fator de destaque.

Levando por esse viés, há uma forte predominância de ideais cuja construção e a desconstrução dos seus papéis está carregada de muitas oscilações, conceitos e preconceitos que muitas vezes resultam em discriminações e, dependendo da linha de análise, reflete de maneira relativamente pessimista em suas representações sociais, esta por sua vez será o percurso traçado para compreensão da temática do envelhecimento e as causas centrais de discussões as quais estão em processo de ebulição na sociedade pós-moderna.

É importante frisar que tais fatores estão vinculados, não só pelo caminho da objetividade, expressos por dados estatísticos os quais evidenciam o processo acelerado do envelhecimento da população, mas também na subjetividade deste momento da vida do homem, em que a forma de leitura do seu próprio “eu” representa o centro da discussão e principalmente a raiz para o entendimento dessa espécie de “fenômeno” que de certa forma mostra ser uma preocupação para o presente e o futuro da sociedade, isso se dá em razão de diversos fatores, destacando o não preparo da sociedade que esperava uma explosão demográfica e não o oposto, como está acontecendo. Tais ocorrências conduziram a sociedade a adentrar em um

processo de redefinições de importantes políticas sociais, merecendo atenção a tríade da Seguridade Social: Saúde, Previdência e Assistência (SANTANA, 1989), delimitando então o debate ao panorama situacional do Brasil (SANTOS, 2010).

A grande discussão a ser mergulhada neste momento do estudo está atrelada à realidade que, no atual processo de debates sobre as relações sociais e a vivência de grandes transformações que levam perspectivas no cenário social contemporâneo, diversos segmentos sociais estão sendo discutidos, e dentro desse círculo de análise, a situação do idoso tornou-se, em termos, extremamente relevante.

Em razão de o envelhecimento populacional ser uma realidade mais do que já constatada na sociedade, são necessárias análises mais aprofundadas sobre a condição do idoso dentro desse contexto, quem realmente ele é, que espaço ele ocupa e as alternativas para lidar com essa nova realidade, tanto de forma coletiva – traçando um paralelo com análises comportamentais de grupos sociais e as relações com eles estabelecidas, como de forma individual – conduzindo às contradições que o processo efetivo do envelhecimento traz ao homem. É sumamente importante deixar claro que o termo acima citado sobre a “efetivação do processo de envelhecimento” está vinculado ao percurso natural de vida, levando em consideração que o envelhecimento é processual, se inicia no momento em que nascemos e toda a trajetória de perdas e ganhos está atrelada ao processo de amadurecimento do indivíduo (CAMARANO, 2004).

Para apresentar maiores explicações acerca da temática que por ora está na intensidade das discussões levantadas, é importante ter em mente que não é ineditismo nos dias de hoje os preconceitos que norteiam a questão do envelhecer, a sociedade contemporânea muitas vezes os veem como pessoas incapazes, dependentes, que apenas servem para ocupar o tempo que resta aos que vivem na efervescência da vida pós-moderna.

Essa questão pretensiosamente se alarga à dinâmica familiar em que o idoso está inserido, onde muitas vezes o discurso dos indivíduos que fazem parte da sua prole é relativamente semelhante ao visto em todo contexto social. Sustentam a explicação de que não dispõem de tempo para cuidá-lo ou até mesmo oferecer uma breve atenção quando for preciso, afirmando ainda não saber lidar com as perdas gradativas características da idade, dentre outras questões (SANTOS, 2010).

Mas é importante ressaltar que nem todos os idosos são dependentes de cuidados mais especiais resultante de sua incapacidade no desenvolvimento de suas Atividades de Vida Diária (AVD's). Se pensássemos dessa maneira, estaríamos reproduzindo mais intensamente o discurso discriminatório visto de forma tão manifesta na sociedade. O termo “dependência” é muito relativo, situacional e subjetivo, a generalização pode contradizer muitas situações que envolvem este processo (PY, 2004).

Por considerar que o envelhecimento da população precisa ser enxergado sob caráter meramente crítico, não há como negar que existem formas de conceituar o idoso em tempos atuais, expressão clara disso é a criação de leis específicas como a Política Nacional do Idoso, conforme a Lei 8.842/1994 (BRASIL, 1994) e o Estatuto do Idoso, estabelecido pela Lei 10.741/2003 (BRASIL, 2003) para que aqueles que forem de encontro ao que está previsto nelas sofram sanções. Mas, diante dos fatos expostos, algumas abordagens não podem deixar de ser feitas, a saber: tais preconceitos que consequentemente geraram discriminações partiram de quem, da população de jovens ou da própria população de idosos que, ao mesmo tempo em que se vitimizam diante de alguns fatos, adentram num processo de não aceitação da sua condição atual? Ou então tais manifestações partiram de ambos, podendo compreender que isso também é reflexo da fragilidade das relações sociais da não aceitação do tempo e da condição do outro, causando conflitos internos e externos na vida do idoso?

Sabe-se que o idoso, neste mundo pós-moderno, muitas vezes não aceita naturalmente a velhice, fato internalizado pela apelação e insistência de se permanecer na “cultura da beleza”, esta relacionada à juventude que cada vez mais vem se tornando uma imposição da sociedade e que de uma forma ou de outra, adentramos num processo de vivenciação de uma espécie de condição de inserção dentro dos moldes estabelecidos por ela (BAUMAN, 2004). Isso sem dúvida causa no idoso um choque de percepção sobre si e sobre os outros, tornando-se muitas vezes um ataque à personalidade da pessoa humana, em todos os sentidos, desencadeando muitas vezes uma ferida ideológica identitária, pois, afronta o seu ego, mas, é uma realidade inevitável na vida de qualquer ser que passar por este processo.

Para sustentar tal questionamento, é comum observarmos adjetivos que se referem ao idoso como pessoa que está na “terceira idade”, “melhor idade”, “idade do bem estar” e atualmente “idade do poder”. Essas denominações podem estar

associadas à dinâmica do envelhecimento como uma condição moral, imposta por uma sociedade jovem, que precisa adentrar numa espécie de separação do “joio do trigo”, por isso, adota um discurso repleto de contradição. Uma sociedade que, ao mesmo tempo em que embarca em um súbito furor dessa faixa etária (atualmente vistos nos meios de comunicação), adentra com atos e fatos discriminatórios de diversas maneiras. Tal análise se torna pertinente para delinear alguns parâmetros da velhice nos dias de hoje; a institucionalização é uma delas (SANTOS, 2010).

Muitas discussões acerca da temática explicam e evidenciam a necessidade de lidar com a questão do envelhecimento e que o ato de se institucionalizar representa uma alternativa para atender as necessidades, algumas vezes do idoso, outras da família e da sociedade, ou de todas as partes, como analisa Falcão (2010) em sua obra que aborda importantes aspectos pontuados acima, destacando em linhas gerais o idoso e os desafios a serem enfrentados na sociedade contemporânea. O desejo de entender quais foram os fatores que acarretaram nessa decisão e qual o agente causador dessa forma de conduzir a condição do idoso é um universo vasto de reflexão. Sem dúvida é uma questão que causa inquietude e, por isso, merece um estudo de natureza crítica profunda.

Em termos, a questão do envelhecer na sociedade do século XXI traz consigo uma série de aspectos que, como afirma Tavares (2009), se estende ao fator tanto biológico quanto antropológico, ambiental, psicológico, cultural e principalmente social, mostrando assim as balizas existentes para que possamos mergulhar e tentar destrinchar as ambivalências dessa realidade que cada vez mais se torna uma questão repleta de contradições, diante da efervescência da sociedade que se denomina de contemporânea.

3.1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO: BREVE ANÁLISE ACERCA DA QUESTÃO

O envelhecimento humano é uma realidade que faz parte do ciclo natural da vida, mas não acontece repentinamente, é processual. Existem etapas, desde o nascimento até a morte, vivenciamos uma série de fases; o ato de nascer, crescer, reproduzir, amadurecer para que finalmente venha a envelhecer mostra como se dá

esse processo. O convite à reflexão sobre os principais fatores que efetivam esse processo, neste momento do estudo, caracteriza um caminho importante para que seja possível desenvolver um olhar crítico de singularidade sob a análise visionária da “consumação” dessa etapa de vida no sentido cronológico.

Mas, outras questões perpassam essa realidade de análise como fator de compreensão. Embora todo ser vivo envelheça (salvo àqueles que, por algum motivo findaram suas vidas antes de chegar ao estágio definido como envelhecimento), delimitando a análise ao homem nesse processo, é sumamente importante destacar que cada indivíduo chega a este tempo de forma diferente. A diferenciação resulta de diversos fatores que se estendem às condições de habitação, de trabalho, de saúde e de alimentação que estão vinculados ao estilo de vida, maneira de encarar a sua condição no momento, fatores culturais e sociais (SAEDE, 1993).

Antes de dar prosseguimento às análises do envelhecimento do homem e suas vertentes, acredito ser relevante dar ênfase ao que Beauvoir (1990) destaca em sua obra muito relevante para a compreensão de alguns aspectos sobre a condição do idoso. Em “A Velhice”, a autora contextualiza que tal processo se caracteriza pelo declínio de algumas capacidades físicas, sendo iniciado a partir dos 30 anos de idade, o homem perde a cada ano 1% da sua função, e, a partir dos 60 anos, esse processo se acelera, contabilizando em 3% da perda anual. Segundo Beauvoir (1990, p. 220),

A aparência do indivíduo se transforma e permite que se possa atribuir-lhe uma idade, sem muita margem de erro. Os cabelos embranquecem e se tornam rarefeitos; não se sabe por quê: o mecanismo da despigmentação do bulbo capilar permanece desconhecido; os pêlos embranquecem também, enquanto em certos lugares – no queixo das mulheres velhas, por exemplo, começam a proliferar. Por desidratação e em consequência da perda de elasticidade do tecido dérmico subjacente, a pele se enrugua. Os dentes caem.

Essas alterações no organismo ocorrem inicialmente de forma mais discreta. É indispensável inserir a questão de importantes mudanças discutidas por Claude Bernard (1992) que por sua vez, descreve a velhice como alterações dos tecidos, das células, dos órgãos e que se intensificam com o decorrer do avanço da idade. Outro exemplo importante a ser dado se fundamenta nas teorias de Confort (1994) que por sua vez, explica que existem de fato muitas perdas, destacando as células cerebrais, evidenciando que são de aproximadamente 0,2 % ao ano. Esse processo de declínio das capacidades físicas ocorre em todos os indivíduos que estão nesse estágio de

vida, bem como as alterações comportamentais e algumas doenças que são manifestadas na velhice.

O envelhecimento é caracterizado por doenças de pessoas com idade avançada, como o Mal de Alzheimer, Parkinson, alguns tipos de câncer (de intestino, pâncreas, fígado, pulmão, estômago, cérebro).

Contrapondo às teorias de Confort (1994), Carvalho Filho (2000) afirma que essas reações ocorridas nos indivíduos não é um dado geral quando se refere à especificidade da faixa etária, há variações de acordo com estilos de vida da população, com a alimentação, o meio ambiente, do estado corpóreo (se pratica algum tipo de exercício físico), as condições de moradia, enfim, todos esses fatores e muitos outros causam distinções em seus efeitos. Para dar um reforço maior às teorias de Carvalho Filho (2000), Paschoal (1996) afirma que, na ótica de San Martin e Pastor (1990 apud PASCHOAL 1996, p. 27) tais questões estão atreladas ao conceito de que,

Não existe um consenso sobre o que se chama de velhice, porque as divisões cronológicas da vida humana não são absolutas e não correspondem sempre às etapas do processo de envelhecimento natural; os desvios se produzem em ambos os sentidos. Isto é, a velhice não é definível por simples cronologia, senão – e melhor! - pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde [...] o que vale afirmar que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica. Sucede assim, porque o processo do envelhecimento, em geral, é muito pessoal e cada indivíduo envelhecendo pode apresentar involuções em diferentes níveis e em diversos graus, no sentido de que certas funções e capacidades declinam mais rapidamente em outras.

Ainda com base nas teorias de Carvalho Filho (2000) acerca da questão do envelhecimento e suas diferenças de acordo com a vida de cada um, entra a questão das doenças. Um indivíduo que passou o seu ciclo vital sendo dependente do tabaco e/ou de ingestão de bebidas alcoólicas, por exemplo, têm maiores chances de desenvolver doenças cardiorrespiratórias, do fígado e do estômago do que àqueles que não possuem ou possuíram esses vícios.

O sedentarismo é outro exemplo claro, pois, dados estatísticos colhidos pelo autor definem que a população composta por pessoas não sedentárias possuem mais saúde e qualidade de vida, reduzindo o índice de mortes por doenças cardíacas e por enfermidades decorrentes da obesidade como Hipertensão e Diabetes adquirindo a partir de então, não só uma velhice, mas uma vida saudável.

Em suas teorias sobre a velhice, Ramos (2002) aborda uma questão que é merecedora de reflexões, infelizmente, na sociedade atual em que vivem os idosos, ter uma velhice saudável e com qualidade de vida é um privilégio de poucos; seja por fatores econômicos, sociais ou culturais, o que predomina é o envelhecimento associado às ações do cotidiano. No que se refere a esse segundo fator, devido ao estilo de vida imposta pela sociedade pós-moderna, as determinações sociais é que definem como será o processo do “envelhecer”, muitas vezes estão associados à questão do “ter” e não do “ser” (BAUMAN, 2004), e por isso, o idoso que não está no patamar do “ter” adentra num processo de crise de identidade, sem dúvida acarretarão além das perdas aceleradas das capacidades físicas e cognitivas, questões psicológicas e existenciais.

Tal maneira de enxergar a situação social do idoso nos dias de hoje conduz à explicação de que existe um processo de diferenciação de velhice fisiológica e velhice patológica. A velhice patológica está ligada ao processo de crises que vêm de fatores externos, frequentemente pela carência de bens materiais, logo vêm os problemas de cunho emocional, o primeiro pela condição fisiológica em que se encontra, o segundo por não possuir bens materiais, sendo que a discriminação neste momento se torna um grande problema para o idoso que vive na sociedade atual (FALCÃO, 2010).

Ultimamente, têm sido estudadas teorias que dizem respeito, além das doenças neurodegenerativas como o Mal de Alzheimer, a questão do aspecto psicológico dos indivíduos que estão no processo ativo da velhice. Beauvoir (1990) em seu ensaio sobre a questão da velhice diz que ser velho é o futuro de todos aqueles que antes não forem apresentados à morte, ou seja, mesmo sendo uma realidade relativamente austera, a velhice é um processo natural do ser humano como já dito anteriormente, e que todos, independentemente de etnia ou posição social irão vivenciar este estágio da vida.

O fator psicológico representa atualmente um dos aspectos mais preocupantes no idoso, uma vez que, a rejeição da velhice desencadeia uma série de problemas na vida do indivíduo. Ainda discorrendo análises sobre o âmbito psicológico, Kalache (1987) desenvolveu importantes teorias para compreensão da “não aceitação de ser idoso”. Contemporâneo de Simone de Beauvoir, o autor retrata que a condição de ser idoso irá influenciar em suas atitudes individuais, advindas de fatores como a perda da juventude, morte de amigos, a viuvez, a decadência de

papéis sociais que antes eram reconhecidos e valorizados. Todos esses fatores afetam a autoestima do idoso, desenvolvendo assim patologias como o surgimento de doenças crônicas, a mais comum é o declínio emocional, mais conhecida como a Depressão.

A depressão no idoso sem dúvida é um grande problema, tanto em sua vida, quanto na vida das pessoas que estão próximas a ele e que muitas vezes não sabe lidar com essa enfermidade. É caracterizada por oscilações nos estados de humor, de culpa, hipocondrismo, de perseguição e de irritabilidade, de rejeição, de não aceitação e lamentações de muitos aspectos de sua vida. Muitas vezes o idoso deixa claro esse quadro, sendo então conduzido a profissionais especializados para iniciar um tratamento adequado.

Vale ressaltar que a depressão no idoso é uma realidade cada vez mais preocupante, pois, o quantitativo de pessoas dessa faixa etária com essa anomalia está crescendo, não só no Brasil, mas em escala mundial (FALCÃO, 2010).

Pode-se perceber, através dessas explicações, que o processo de envelhecimento é um fenômeno biológico e que faz parte das etapas de todos os seres vivos, em especial da espécie humana. É um fator muitas vezes não aceito pela maioria, todavia, é uma realidade a ser encarada por todos aqueles que já estão e/ou passarão por esse processo. É sabido que não é fácil aceitar a condição de ser idoso em uma sociedade em que cultua a juventude, em que todos os meandros das relações sociais estão voltados à população de jovens e que principalmente o idoso muitas vezes é visto como “velho”, ou seja, aquilo que não possui utilidade alguma na sociedade, aquele que está inserido na problemática do descarte.

Contudo, os jovens de hoje, serão os idosos no futuro, esta sem dúvida é uma realidade imutável na vida do ser humano. Entre as coisas mais reais e evidentes que existe na sociedade, o envelhecimento é sem dúvida um fato, mesmo sendo negado ou escondido, muitas vezes, na porta do quarto dos fundos de um lugar sombrio e frio que o homem criou para si mesmo.

3.2 TRAÇANDO O CAMINHO DA MATURIDADE: IDOSO OU VELHO?

Em tempos de mudança no quadro social contemporâneo, qual é a visão e/ou conceituação que se tem de uma pessoa com a faixa etária mais avançada, idosa ou velha? O que diferencia uma da outra? Há alguma diferença na ótica da sociedade atual? Se de fato houver, quais são e quem dá tal diferenciação? Sem dúvida são perguntas que demandam respostas. Para dar início às reflexões sobre o tema, acredito ser pertinente, *a priori*, destacar que, mesmo diante da realidade em que os indivíduos considerados “maduros” vivenciam, se faz necessário afirmar que o conceito de velho e de idoso na sociedade atual não está atrelado a uma única consideração, isso advém da complexidade tanto da sociedade, quanto da própria visão que os próprios indivíduos têm de si mesmo, são conceitos que não podem estar restritos apenas a uma vertente (SALGADO, 1982).

Conduzindo para o caminho de respostas sobre os questionamentos feitos, é necessário, em primeiro momento, ir por etapas explicando que, o termo “velho”, mesmo tendo uma conotação negativa, associando àquilo que não possui mais serventia, que já passou, que perdeu sua função, não tem mais utilidade e nem valor para a sociedade e podendo então ser descartado, ainda é bastante comum no discurso de muitos. Faz parte ainda do nosso cotidiano ver pessoas se referindo a alguém dessa maneira, mais comumente um sujeito mais jovem que por alguma razão, geralmente acometido por um sentimento e pensamento discriminatório de pena, com relação a uma pessoa com mais idade os denominarem de “velhinhos”.

Existem os velhinhos que são abandonados pela família em um asilo, os velhinhos que ficam no banco de alguma praça pensando na vida, os velhinhos que sentam na varanda de sua casa suplicando por uma atenção de quem quer que seja, enfim os velhinhos. Mais uma vez pode perceber a separação do que se é considerado “velho” para o que é considerado “novo”. Entretanto, existe outra corrente de análise para essa questão, mesmo com o discurso de clemência da sociedade para com a pessoa considerada “velha”, é possível perceber indícios de que se tem uma visão de separação - o jovem é jovem, o velho é velho. Em face disso, a questão intergeracional representa hoje um fator para muitos debates, mas, não se sabe a concretude, se de fato desejam estabelecer uma relação entre as faixas etárias, ou apenas reproduzir e reforçar a ideia de que existe o jovem e o velho na sociedade (PY, 2004).

Já com relação ao termo idoso, é importante destacar que não se sabe ao certo a origem, mas em análises da realidade atual, está atrelado às legislações vigentes que determinaram os indivíduos dessa faixa etária como cidadão de direitos. Sabe-se apenas que o termo idoso é para pessoas com mais de 60 (sessenta) anos em países em desenvolvimento, a exemplo o Brasil, e 65 (sessenta e cinco) anos em países desenvolvidos (OMS, 2003). Trazendo para a realidade brasileira, há uma espécie de contradição com relação à idade vinculada aos direitos, pela Lei. 10.741/2003 – Estatuto do Idoso – (BRASIL, 2003), que representa de forma clara os direitos da pessoa idosa, a pessoa é considerada idosa a partir dos 60 (sessenta) anos, no entanto, alguns benefícios assistenciais, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), só contempla os idosos a partir de 65 (sessenta e cinco) anos de idade. Logo, o conceito de idoso na sociedade contemporânea ainda é um grande desafio quanto à compreensão, por esses e outros aspectos, a sociedade ainda não se preparou adequadamente para internalizar, entender e separar o que é idoso e do que é o velho. Assunto muito interessante para realizar estudos mais aprofundados.

O maior problema de conceituar o idoso está na forma como os enxergam, existem duas maneiras básicas: ou como pessoa que faz parte da sociedade civil, ou como velhos, aquilo que não possui mais utilidade para a sociedade. O conceito de idoso é bastante contraditório, sem sombra de dúvida, mas merece uma análise mais profunda voltada à pergunta quanto a essa maneira de entender a dinâmica social do idoso é um conceito, ou na verdade é um preconceito? De certo, podemos afirmar que o conceito de idoso se modificou junto com a transformação da estrutura etária do país, resultante de fatores tais como: controle da natalidade com o surgimento dos métodos contraceptivos, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o avanço da medicina tanto preventiva quanto no tratamento de doenças.

Um estudo mais objetivo, intitulado “Sensações diante da velhice cronológica”, Neri e outros (2009, p.143) mostram a visão do próprio idoso acerca da questão do envelhecimento:

Na perspectiva dos próprios idosos, pelos seus depoimentos, a maioria (69%) declarou que se sente bem com a idade. O fato de poucos brasileiros não idosos, jovens e adultos, admitirem preconceitos no que se refere à velhice (4%) nos faz atentar para o distanciamento em que este segmento tem em relação às perspectivas do próprio processo de envelhecimento. A identificação negativa dos atributos da velhice ainda ocasiona que grande parte das pessoas pesquisadas não veja esse futuro para si, já que a percepção da chegada da velhice é

predominantemente associada a doenças e debilidades físicas. Aliás, visão esta que já devidamente confirmada em resultados apontados nas diversas pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil.

Diante do quadro de análises expostos acima, pode-se alegar parcialmente que existe a visão das duas denominações na sociedade – velho e idoso –; o que diferencia um do outro, basicamente, é a nomenclatura na legislação. Algumas vezes os próprios idosos, por carência, se comportam como “velhinhos” de fato, em contrapartida, existem outros que nem sequer aceitam que o chamem de idoso, essa maneira de enxergar os fatos está basicamente na percepção de si diante de situações.

Por esse fato, é importante destacar que a visão e conceituação do idoso na sociedade ainda sofrerá muitas transformações, pois, a quebra desses paradigmas não será um desafio simples, mesmo com o envelhecimento sendo uma realidade mais do que constatada no cenário social contemporâneo. Sendo assim, a maturidade do indivíduo está como ele enxerga o mundo, bem como ele está inserido nas relações sociais. É importante frisar que a questão do “ter e do ser”, ditas anteriormente, determina, muitas vezes, um sujeito hoje, se é idoso ou simplesmente velho, porém a forma como se conduz as relações e a maneira em que o sujeito se vê diante da sociedade, diz quem de fato ele é.

3.3 MEU REFLEXO NO ESPELHO, UMA REALIDADE? O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO COMO UM IMPACTO IDENTITÁRIO

Adentrar em um tema que por si só representa uma fragilidade e que vai além da sua importância para o entendimento e visão crítica, pode estar associado a uma situação em que necessitamos “pisar numa areia” e descobrir durante esta ação o quanto ela é movediça, a intensidade com que ela se move e como se move, e quais serão as estratégias que devemos utilizar para se equilibrar durante a caminhada e não ser engolida por ela. Assim pode ser traduzido o impacto identitário que o processo do envelhecimento traz a uma considerável parcela da população nos dias de hoje, vinculando ao pensamento de como lidar com tantas contradições que esta etapa de vida traz para o homem. É bastante comum perceber que muitas vezes o referido fato é considerado uma realidade hipotética, porém de extrema relevância

para o entendimento singular do percurso do envelhecer, não deixando de ser detentor de caráter meramente desafiador, pois se trata de subjetividades, de particularidades, de conflitos internos do homem diante da sua situação refletida na condição atual das relações sociais (SOUSA, 2012).

Não há nenhum exagero levantar, destacar e afirmar que é muito comum ao indivíduo que chega ao processo efetivo do envelhecimento entrar em um estágio de crise identitária por não aceitar a sua condição de vida atual e, a partir daí, iniciar uma sequência de questionamentos sobre diversos aspectos de sua vida, tais como: quem sou eu? Para onde foi minha juventude? No que me transformei? Tenho que passar por isso, por quê? O que represento para mim e para os outros neste momento da minha vida? Será que serei rejeitado? Quem irá me rejeitar? Os conflitos existenciais que batem à porta são comumente associados aos medos que cada dia mais se intensifica, entendendo que tais comportamentos podem ser traduzidos pela não aceitação do seu tempo, da situação em que se encontra. Pressupõe-se que as crises de identidade e o medo se mostram presentes com mais veemência na velhice, principalmente o medo da morte, este em especial, uma vez que, a velhice associada à morte é uma visão comum na sociedade, tal seja uma das questões que mais levam os idosos a entrarem em grandes conflitos internos e externos, de visão pessimista e recusa à velhice; é a expressão do medo de ser o fim de tudo, que a morte está mais perto do que antes e, a partir deste momento, grandes problemas surgem como a falta de estímulo para viver porque sentem que está próximo a ela e não há mais nada a fazer. Infelizmente, não são apenas os idosos que fazem essa associação, a maioria dos indivíduos analisa e conceitua a morte como Bauman (2001, p. 44) a descreve,

Irreparável... Irremediável... Irreversível... Irrevogável... Impossível de cancelar ou de curar... O ponto sem retorno... O final... O derradeiro... O fim de tudo... Há apenas um evento ao qual se podem atribuir todos esses qualificativos na íntegra e sem exceção. Um evento que torna metafóricas todas as outras aplicações desses conceitos. O evento que lhes confere significado primordial – prístino, sem adulteração nem diluição. Esse evento é a morte. A morte é aterradora por essa qualidade específica – a de tornar todas as outras qualidades não mais negociáveis. Cada evento que conhecemos ou de que ficamos sabendo - exceto a morte – tem um passado assim como um futuro [...] É por essa razão que a morte tende a permanecer incompreensível aos vivos.

A visão e conceituação de Bauman (2001) sobre a morte, mesmo sendo um tanto quanto pessimista, apresentam grandes traços da realidade discursada nos dias de hoje pela sociedade, independente da faixa etária. Entretanto, o idoso sem dúvida

vivencia mais este processo, pelo fato de se ter uma ideia de velhice associada à fase final da vida, com um sentido altamente pessimista, reforçando o que foi dito acima.

Envelhecer, para a maioria, é sinônimo de perdas em diversos aspectos da vida, a morte muitas vezes representa a perda central e causadora de grandes transtornos no homem. A morte prevalece no medo, isso pode ser visto no comportamento e no discurso de uma parcela considerável de idosos (NERI, 2009). Mesmo sendo uma consequência da vida, existe um fator que causa transtornos muito maiores quando o homem se depara com o fato de “estar velho”: a perda da juventude. Tal questão precisa ser cuidadosamente analisada, pois envolve assuntos contraditórios que atravessam o emocional refletindo nas relações sociais.

Muitas vezes a resistência dos indivíduos idosos em aceitar e conviver com os mais jovens, hoje chamada de intergeracionalidade, é em razão de vê-los e, conseqüentemente, analisá-los como seu espelho de ontem, reconfigurado pela vida pós-moderna. O idoso muitas vezes não aceita o jovem em meio a tantas mudanças ocorridas na sociedade, talvez essa resistência em receber outras faixas etárias advinha da internalização de não acedência de que seu tempo já passou e não mais voltará a ser como antes, ver um jovem com “disposição e beleza”, logo surge o sentimento de autorrejeição que reflete na rejeição do outro.

É importante destacar que essa visão é apenas uma dentre muitas maneiras de se analisar a resistência intergeracional, mas é necessário deixar claro que o tempo que pertence ao jovem pertence também ao idoso, todos estão inseridos nesta sociedade, a sociedade do século XXI, e mesmo o idoso não aceitando determinadas maneiras de se viver, precisa entrar no processo de reinserção no contexto social (reinsere-se no sentido de vivenciar o seu tempo no tempo em que está inserido, e não viver apenas de nostalgias, criando uma resistência ao novo), até mesmo para amenizar os “dissabores” que o envelhecimento traz para a vida de muitas pessoas que o enxerga como um fardo a ser carregado. Este momento da vida é comum a todos, todavia existem pessoas que conduzem situações em que forçam o rompimento consigo mesmo por causa da senilidade, desencadeando sérios problemas emocionais (NERI, 2009).

Diante das explicações até aqui discorridas sobre o homem acerca do processo de envelhecimento, que sem dúvida são pertinentes, pode-se ter uma visão de que há de fato um corte identitário. Nem todo ser humano sabe lidar com as perdas,

por isso, vários conflitos surgem principalmente quando se trata de ostentação de algo que já não mais existe com tanta intensidade; as crises existenciais são uma constante realidade na vida do idoso, resultado do processo da incapacidade de aceitar como ele é (GATTO, 1996). O ser humano enxerga o envelhecimento como algo negativo.

Todos esses processos geralmente vêm de fora pra dentro, antes de ser de dentro para fora, pois, o homem de hoje geralmente absorve o que é posto diante de seus olhos; não há como não analisar este choque identitário quando o que se vê na sociedade é a ditadura da beleza vinculada à juventude, e como muitos comportamentos vêm da maneira como se interpreta e levanta um diagnóstico do que é útil e do que se conceitua como “novo”, os conflitos intrínsecos e extrínsecos são cada vez mais intensificados no mundo atual. É importante frisar que as crises são normais na vida de qualquer ser humano, mas existe uma questão muito complexa que as acompanham, umas são aceitáveis, compreensíveis e superáveis, outras não, como é a questão do envelhecimento em um mundo que adotou a praxe do descarte como forma de contraversão ao utilitarismo, o que não serve mais se joga fora, não importa quando, como, onde ou em que circunstância (DEBORD, 1997).

O idoso, em seu estado de não aceitação muitas vezes entra em choque de percepção de si mesmo, vestindo o discurso de que a perda da juventude é como algo destruidor, que ficar idoso é uma coisa ruim, uma fatalidade, que está associada a doenças, a perdas e a morte (GATTO, 1996). Ainda levantando análises do discurso de Gatto (1996), a autora afirma que o atendimento psicoterápico para idosos que não aceitam sua condição é uma alternativa de “tratamento” para que o mesmo tenha a possibilidade de saber lidar com essa situação, que de uma forma ou de outra, é fato real na vida de qualquer ser humano que segue seu decurso natural. Gatto (1996, p. 110), relata sua experiência profissional com idosos, levantando diagnósticos da seguinte maneira:

Rugas, cabelos brancos, pós-menopausa, diminuição da potência sexual, postura encurvada, reflexos mais lentos, transformando nossa autoimagem e podendo gerar transtornos emocionais mais agudos. Converso com mulheres idosas, ouço as queixas, em todos os relatos menciona-se a dor. Noto que por detrás desta dor fisicamente detectada parece haver outra: a dor do desconhecido, do alheio, da perda da identidade corporal. Algumas dizem: ‘meu corpo não me acompanha’; outras reclamam: ‘olho no espelho e não me reconheço’; outras recordam: ‘eu também já fui bonita’; há que dolorosamente resignam – se e desistem: ‘meu corpo está imprestável, já não serve mais pra nada, melhor morrer’. Em todas, a sensação de estranheza, a solidão, a tristeza.

Partindo da percepção de que o idoso entra em um embate de perceptibilidade entre o que realmente é e o que está vendo diante de um espelho, há ao mesmo tempo uma junção e conseqüentemente um rompimento de conceitos sobre si, surge então a visão da possível perda de identidade, e, após muitos conflitos, o decaimento e a anulação de si e, principalmente nessa fase da vida, alguns ainda almejam algo que não é mais possível como a questão do rejuvenescimento, assunto que está sendo discutido atualmente nos meios de comunicação, em razão disso, muitos realizam de forma compulsiva cirurgias plásticas, na tentativa de amenizar essa condição tão dolorosa para muitos. O que é mais interessante é que essa realidade independe do gênero, logo, a não aceitação do envelhecimento é comum a todos, em qualquer condição em que o indivíduo se encontra (SOUSA, 2012).

Segundo Falcão (2010), há estudos que comprovam que o homem, ao chegar ao envelhecimento, entra em um processo de “afloramento” comportamental, ou seja, se for introspectivo, será ainda mais, se for perfeccionista, se tornará mais intensivamente; quando se trata de alguém que sempre foi narcisista – “acha-se excepcionalmente especial e único, requer admiração excessiva, julga ter talentos especiais, espera ser reconhecido como superior sem que tenha feito algo concreto para tanto” (SOUSA, 2012, p. 160), sem dúvida o envelhecimento será tão doloroso quanto uma doença incurável, vivendo em uma fase constante de luto.

Destarte, conflitos existenciais, medos, apreensões, rejeições, entregas, crises, todos esses comportamentos do homem existem em todas as etapas de sua vida e quando o mesmo está idoso há um estreitamento, mas o que as intensificam de fato são as singularidades e a maneira de enxergar o mundo, assim como as relações com os outros. Todos nós somos detentores de particularidades, de acordo com a sua trajetória de vida – se foi uma vida emocionalmente satisfatória que não aborte isso no envelhecimento. O caminho para que não haja crises é a aceitação de si mesmo como é e não se lamentar a sua condição atual; perdas existirão e isso jamais se pode negar, contudo, na maneira como se encaram tais perdas é que está a raiz de todos os conflitos existenciais na vida do ser humano cujo vivencia o processo efetivo do envelhecimento.

Para que não caia no abismo da rejeição e da crise de identidade por ter sofrido grandes transformações, é necessário aceitar o que está diante do espelho, é preciso compreender que o tempo passa, é indispensável aceitar o envelhecimento

como mais uma etapa do ciclo da vida, independente da condição social, todos que não tiverem a vida interrompida precocemente vivenciarão esta fase da existência, e o que irá diferenciar um indivíduo do outro, neste percurso, é o contexto social em que está inserido e a maneira de se autointerpretar e interpretar a vida.

3.4 O IDOSO NO BRASIL: ASPECTOS GERAIS

A temática que ora será discutida sobre aspectos de grande relevância acerca da análise situacional do idoso no Brasil está atrelada à realidade vivenciada na travessia do século XX para o século XXI, tal transição representou o marco inicial de grandes mudanças tanto de natureza demográfica, quanto social que vêm promovendo transformações no cenário contemporâneo cujo mote central é o envelhecimento populacional caracterizado como um fenômeno e, por isso, está inserido na discussão da sociedade nos dias de hoje, conduzindo a uma análise da condição do idoso dentro desse contexto, que trazem consigo uma série de complexidades. A transição demográfica em um país que se considerava jovem não é um dos acontecimentos mais simples de se ter uma reflexividade, até mesmo pelo fato de estar esperando uma explosão demográfica e não o inverso como está acontecendo. O controle das taxas de mortalidade e natalidade, o surgimento da pílula anticoncepcional, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o avanço da medicina tanto preventiva quanto de tratamento de doenças até então vistas como letais marcam esse processo (NERI, 2009).

Pode-se perceber que ainda há uma grande questão a ser discutida: o despreparo da sociedade para lidar com a questão do envelhecimento, uma vez que, o esperado era uma explosão demográfica. No Brasil, contrariando expectativas, surge o processo de envelhecimento da população e, em face disso, a discussão sobre a situação do idoso no país: como vivem e quais são as políticas de proteção social que defendem de fato os seus direitos. Entretanto, essa preocupação vai além da realidade brasileira, estendendo-se à escala mundial. Para Borges, (1996, p. 143) o idoso entra em cena no contexto social como indivíduos que são vistos como cidadãos de direito, mesmo em processo de maturação no momento em que,

A 'questão social' do idoso começa a exigir proposição de políticas públicas quando este emerge como uma categoria social, à medida que os dados censitários anunciam o crescimento da parcela de população com mais de 60 anos de idade e que, dadas as dificuldades nos planos econômico – social e cultural, paira como ameaça. As medidas assistenciais e pontuais não superam o agravamento da exclusão historicamente determinadas.

Corroborando o posicionamento de Borges (1996, p. 143), a Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais de Saúde (BRASIL, 2008, p. 21) no país relata que,

As mudanças na estrutura etária, principalmente da maneira acelerada como vem ocorrendo no Brasil, com um crescimento rápido do peso relativo dos idosos, tem um impacto importante na economia e na sociedade, obrigando a definição de políticas públicas que possam fazer frente a esse fenômeno sem paralelo na experiência mundial. Conforme salienta Brito (2007), essas políticas devem também levar em conta que apesar do decréscimo relativo da presença de jovens, seu número absoluto ainda é muito importante, devendo atingir o maior valor em 2010, para depois começar a decrescer também em termos absolutos. Outro desafio para as políticas públicas é o fato de que as mudanças na estrutura etária ocorrem de forma desigual entre os estados e regiões e entre diferentes níveis de renda da população.

Por ser essa uma realidade relativamente nova, ainda carece de fontes consideráveis, no entanto, já existem estudos importantes sobre a situação do idoso no Brasil.

Pesquisas mostram que, em 2025, seremos a 6^o nação com o maior número de idosos a nível mundial, isso representa a efetividade de que a população brasileira está envelhecendo, manifestando a necessidade da sociedade se adequar a essa nova realidade do país. A população de idosos hoje está totalizada em 15 (quinze) milhões e a tendência é crescer cada vez mais, estima-se que daqui a 25 anos, teremos cerca de 32 (trinta e dois) milhões de pessoas idosas por todo território nacional (NERI, 2009).

Muitos aspectos da sociedade necessitam de reconceituações para que se possa de fato direcionar políticas mais atuantes na tentativa de fazer com que a sociedade entenda o idoso como um cidadão de direitos, desconstruindo conceitos muito comuns. A discriminação ainda é um fator prevaletente, fazendo com que as abordagens estejam calcadas no discurso de que o idoso é um ser incapaz e improdutivo, visão que precisa ser revista na sociedade contemporânea. Não se pode é deixar de respeitar o tempo do idoso, suas limitações e também as potencialidades, possibilidades e habilidades.

Dados do IBGE (2010) mostram que o Estado de São Paulo já possui o maior número de idosos do país, estimado em 5,4 milhões; em seguida, o Estado de Minas Gerais, com 2,6 milhões e o Estado do Rio de Janeiro, com 2,4 milhões habitantes com a faixa etária acima de 60 (sessenta). Na Bahia, no ano de 2010 os indivíduos acima de 60(sessenta) anos eram de aproximadamente 1,4 milhões de pessoas; somente na capital, em Salvador esse quantitativo era de aproximadamente 32 mil pessoas acima de 60(sessenta) esses dados estão aumentando de forma rápida.

Uma das características dos idosos do Brasil está na maneira acelerada em que se está se dando o processo de crescimento dessa faixa etária, independente da classe e/ou da condição social, no entanto, um fator que impera é o envelhecimento feminizado. Estudos comprovam que a mulher está mais preocupada com a saúde e prevenção de doenças do que o homem, logo, o índice de mortalidade do sexo masculino supera o do sexo feminino. As doenças que prevalecem em mortalidades são as cardiovasculares (diabetes, hipertensão, doenças do coração, dentre outras) e as doenças neurodegenerativas (prevalência do Mal de Alzheimer e Parkinson). É importante frisar que a “feminização da velhice” não atinge apenas o Brasil, mas toda a escala mundial (NERI et. al., 2012).

Mesmo diante das explicações brevemente expostas, ainda há uma carência de estudos mais aprofundados sobre a situação do idoso no país. Embora meios de comunicação já estejam levantando uma bandeira (ainda não consolidada) com a sociedade no sentido geral à temática do envelhecimento, ainda sim, precisamos de um aprofundamento desta problemática e, acima de tudo, quebrar paradigmas para que o cenário social seja modificado, chegando mais perto a uma adequação para os idosos do século XXI.

3.4.1 Direito a ter direitos: notas sobre as políticas de proteção ao idoso no país

Todos os indivíduos que constituem uma sociedade são cidadãos de direitos, e o idoso em seu pleno gozo destes assegurados não podia ficar à margem. No Brasil, a criação de políticas de proteção à pessoa idosa sem dúvida foi um marco para efetivação e consolidação dos direitos dos cidadãos dessa faixa etária. Dessa forma, modificou-se, relativamente, a maneira como o idoso era visto na sociedade. Tais

políticas partem do princípio de que todos devem entender que o envelhecimento é algo natural e precisa ser aceito e respeitado, e que os idosos devem ser interpretados como pessoas que merecem ser tratadas com dignidade.

A criação de conselhos federais, estaduais e municipais e órgãos de defesa aos direitos do idoso, as Delegacias Especializadas de Proteção ao Idoso (DEPI's), os centros de referência à sua saúde, bem como as demais organizações são fatores que detêm uma representatividade no país, entretanto, existem duas políticas que caracterizam de fato a concretização dos direitos do idoso, as quais sejam: a Política Nacional do Idoso, Lei. 8.842 de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei. 10.741 de 2003. Tais políticas representam as principais medidas que asseguram os seus direitos condicionando a sua participação no contexto social brasileiro, traduzindo assim, o que está escrito no artigo 230 da Constituição Federal de 1988 (SANTANA, 1989)

A família, a sociedade e o Estado tem o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

§ 1º - Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares

§ 2º - Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos.

A Lei 10.741/2003, o Estatuto do Idoso, regulamentado pelo Decreto 5.130 de 07 de julho de 2004 (BRASIL, 2003), destina-se a assegurar os direitos de todos os cidadãos com idade igual e/ou acima de 60 (sessenta anos) e possui 118 artigos que estão divididos nos seguintes princípios: Disposições preliminares; Dos direitos fundamentais; Das medidas de proteção; Da política de Atendimento ao Idoso; Do acesso à justiça; Dos crimes e encerrando com as Disposições finais e transitórias (BRASIL, 2003 p. 1-118).

Com o auxílio do Estatuto, o idoso põe em prática a sua condição de cidadão, obtendo o reconhecimento dos seus direitos. Os benefícios resultantes do Estatuto abrangem diversos campos – saúde, alimentação, assistência social, acessibilidade, moradia, lazer, educação –. O documento garante ainda sanções àqueles quem forem de encontro aos seus princípios.

Para que o conteúdo dos artigos que constituem o Estatuto seja aplicado de maneira justa e linear, é necessária a conscientização da sociedade civil no que tange aos direitos da pessoa idosa, destacando a participação mais efetiva da Instituição Estatal para execução de políticas de proteção a esse segmento social.

Para maior compreensão acerca dos princípios do Estatuto do Idoso, se faz importante e necessário discorrer sobre as sessões, tecer comentários e analisar os significados de cada princípio. Os Direitos Fundamentais estão subdivididos em 10 (dez) capítulos, a saber: Do Direito à Vida; Do Direito à Liberdade; ao Respeito e à Dignidade; Dos Alimentos; Do Direito à Saúde; Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer; Da Profissionalização e do Trabalho; Da Previdência Social; Da Assistência Social; Da Habitação e Do Transporte (BRASIL, 2003).

A proteção à vida é o primeiro direito fundamental do idoso. Está posto que o envelhecimento é uma condição humana e sua proteção um direito inerente a ele e dever do Estado em provê-lo. A garantia de sua saúde e da vida é uma essencialidade para o idoso viver com dignidade.

O Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade destaca a questão do direito de ir e vir do idoso, de estar nos locais públicos sem sofrer nenhum tipo de discriminação, bem como ter liberdade de expressar suas opiniões, ideias e pensamentos.

O texto voltado a garantir direito à alimentação merece destaque, já que entende que a alimentação não se restringe apenas ao ato de comer, mas outras necessidades como medicamentos, assistência médica, pagamento de despesas dentre outros.

Os artigos que tratam da saúde retratam-na como um direito incontestável ao idoso, estabelecendo que estes devam ter acesso a hospitais e serem atendidos de forma digna. É importante destacar que o termo saúde não caracteriza apenas o acesso à assistência médica, mais sim todas as necessidades básicas que os façam ter uma boa qualidade de vida e bem estar.

A educação, cultura, esporte e lazer também estão inseridos como direito ao idoso nos artigos do Estatuto. Todos os idosos têm direito à educação, ao acesso a espaços e à participação em atividades culturais, bem como ao lazer.

Ainda nos direitos fundamentais do Estatuto está a profissionalização e inserção do idoso no mercado de trabalho, assim como o direito à efetivação dos seus direitos previdenciários e de ter uma habitação digna para sua sobrevivência. As Medidas de Proteção e da Política de Atendimento ao Idoso estão inseridas no Título

III do Estatuto. Essas medidas de proteção e as políticas são executadas e fiscalizadas pelos Conselhos Federais, Estaduais e Municipais do idoso.

A Política de Atendimento ao Idoso está inclusa no Título IV do Estatuto, subdivida em: Das Entidades de Atendimento ao Idoso; Da Fiscalização das Entidades de Atendimento; Das Infrações Administrativas; Da Apuração Judicial de Irregularidades em Entidade de Atendimento; Do Acesso à Justiça; Do Ministério Público; Da Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais Indisponíveis ou Homogêneos (BRASIL, 2003). Os artigos que asseguram a cidadania do idoso em Entidades são merecedores de destaque, pois, estão relacionados a esta pesquisa.

As Entidades de Atendimento ao Idoso designam sua natureza assistencial, tendo em suas obrigações oferecer instalações físicas que promovam uma boa qualidade de vida ao idoso, com toda documentação devidamente regularizada, preservar os vínculos familiares, oferecer um ambiente de respeito e manter a dignidade dos idosos institucionalizados, assim como promover atividades que possibilitem uma qualidade de vida a essa faixa etária.

Abordando questões sobre as fiscalizações dessas Entidades, o Estatuto, nos itens Infrações Administrativas de Infração às Normas de Proteção ao Idoso, bem como da Intervenção Judicial em Irregularidades Constatadas em Entidade de Atendimento ao Idoso, especifica quais são as medidas a serem tomadas se essas Instituições estiverem com funcionamento irregular e/ou deixarem de cumprir o estabelecido pelas leis que protegem o idoso. Nota-se, então, o surgimento de um rigoroso processo de fiscalização das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) no país.

Dando prosseguimento à análise dos dispositivos legais do Estatuto do Idoso, verificamos ainda o item Acesso à Justiça e dos Crimes que discorre sobre as sanções que poderão sofrer os que descumprirem o instituído nos Artigos da Lei. Esclarece também o papel do Ministério Público em promover os direitos dos idosos, fiscalizar e pontuar as irregularidades. Sobre a Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais, Indisponíveis e Homogêneos, complementa as competências do Ministério Público, dando amparo e assistência ao idoso que dele necessitar.

Esse capítulo do Estatuto caracteriza os tipos de crimes cometidos ao idoso e suas penalidades, destacando também as sanções para aqueles que não

priorizarem os idosos nos acessos de operações básicas como em bancos, supermercados, hospitais e do acesso aos meios de transporte. Desprezar, excluir, discriminar, negar assistência, recusar vaga de emprego e se apropriar dos bens também é considerado crime contra o idoso. É sumamente importante destacar que o idoso tem prioridades em atendimentos, não exclusividade, como a maioria da população acredita pelo fato de ver placas especificando atendimento ao idoso, contudo, ele pode ter acesso livre a qualquer local, até mesmo nos lugares que tenham especificidades no atendimento.

Percebe-se então que o Estatuto do Idoso, assim como outras políticas de proteção a essa faixa etária representa uma grande conquista de cunho social, principalmente no que se refere aos direitos humanos, pois, nele estão inseridos os direitos fundamentais inerentes à pessoa idosa. Mesmo diante de conquistas significativas, ainda há muito que se discutir sobre esse Estatuto e as demais políticas de proteção social ao idoso, pelo fato de que, frequentemente, nem os direitos e nem as punições são cumpridos nos termos da Lei. Todavia, estamos caminhando rumo ao progresso, mesmo que não seja de forma tão acelerada quanto o crescimento do número de idosos no país.

3.5 O IDOSO E AS RELAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Nas observações, abordagens e discussões sobre temas contemporâneos, é importante discutir sobre um assunto ainda pouco falado dentro dessa linha, mas que está na ponta de análise deste estudo: a forma como o idoso se expande e/ou se limita dentro das relações estabelecidas no momento em que vivencia importantes mudanças, inclusive sobre o processo de suas relações com os demais sujeitos sociais. As relações sociais representam a forma como o indivíduo se comporta diante de outros indivíduos na sua condição de sujeito social que determina os processos de construção de conceitos, atividades, maneira de ver e interpretar os fatos sociais, para que assim a sociedade continue com o seu processo de transformações que sempre ocorreram e sempre ocorrerão (DESIDÉRIO, 1982).

Seguindo essa linha de análise, não é nenhuma novidade afirmar que existe uma complexidade das relações sociais na pós-modernidade, incluindo a reflexão sobre os idosos dentro desse contexto na condição de indivíduos que sempre foram, independentemente da época, vistos, induzidos e/ou conduzidos por processos históricos como um segmento social constituído de pessoas mais fragilizadas. É necessário, assim, uma análise mais profunda para compreensão dos aspectos contraditórios na sociedade, no sentido geral.

Caminhando para tal percepção, terá sentido então a colocação de que os aspectos que colidem nas relações sociais há existência de vítimas e culpados? As relações sociais ficaram mais fragilizadas na atualidade e o idoso, por ser visto como seres com menos força para enfrentar as contradições existentes na sociedade, são as maiores vítimas dessa realidade? Estão sendo expostos no processo de análise deste estudo os principais fatores que envolvem as relações sociais, o envelhecimento humano partindo do individual, dos conflitos internos até o contexto social, podendo então afirmar que o idoso também faz parte, como partes, dessas divergências de comportamentos e valores. É válido afirmar que as relações sociais se modificaram radicalmente com o passar do tempo, os reflexos da fragilidade das relações humanas percorridas no primeiro capítulo a qual conduziu a esta análise do lugar e do tempo do indivíduo inserido dentro da sociedade e partindo dessas indagações o indivíduo idoso diante dessa conjuntura, pode ser uma forma de compreender o comportamento do idoso dentro desse contexto.

Sem dúvida, há um impacto nas relações sociais dos idosos com os demais indivíduos que compõem a sociedade pós-moderna. Para Rosa (2004. p. 13 apud RITT; RITT, 2012, p. 32),

A pós-modernidade [...] é vista como uma época em que tudo parece ser descartável. A condição pós-moderna é a tendência para o contrato temporário em todas as áreas da existência humana, ocupacional, política, sexual, emocional, estabelecendo laços mais econômicos, flexíveis, e criativos que os da modernidade [...] há uma intensificação das relações sociais em escala mundial, ligando localidades distantes de tal modo que acontecimentos locais são moderados por eventos ocorridos [...] A própria existência da velhice enquanto objeto individualizado de estudo deve ser analisada enquanto produto da modernidade. O conceito de velhice é, assim, uma construção social realizada em um contexto cultural histórico específico. A velhice, então, se situaria no mesmo patamar da infância e da adolescência, de igual modo construções sociais dependentes de parâmetros socioculturais específicos em diferentes sociedades.

Diante da reflexão acima, podemos perceber que o idoso está inserido de maneira conflitante dentro dessas relações sociais uma vez que existe uma visão do envelhecimento como uma simbologia, mas repleto de conceitos alheios à lógica, ora são “velhinhos”, ora são cidadãos de direito, ora são pessoas que hoje são vistas como uma preocupação para sociedade, pela problemática de uma relevante ausência do saber lidar com a questão do envelhecimento. Além disso, existe a questão subjetiva do idoso de como se correlacionar com esse processo, a exemplo da aceitação da velhice diante de uma cultura da beleza e do individualismo que cada vez mais projetam seres solitários em busca de algo que muitas vezes nem mesmo eles sabem o que de fato são. O idoso na condição de pessoa que está inserido nas relações sociais enfrenta tal realidade com algo desafiador para si, na tentativa de saber conduzir e aceitar um tempo que, para muitos deles, não faz parte da sua realidade.

Já bastante discutido nos textos anteriores, as formas de lidar com o idoso na sociedade de hoje é bastante contraditória, pode-se perceber que em algumas situações o próprio idoso não se aceita enquanto ser que necessita adentrar num processo de entendimento da sua condição em tempos de mudança na sociedade. Aí vêm as crises nas relações sociais, merecendo destaque o contexto intrafamiliar em que o idoso está inserido.

Partindo do princípio de que os grandes conflitos familiares vêm de todas as partes, inclusive do idoso, por não aceitar sua condição atual, muitas vezes de dependência, há uma forte tendência de intensificação desses embates. Há idosos que não aceitam sua condição e por isso não se veem como idosos, mas criticam a forma como é conduzida a sociedade atualmente, logo, os conflitos internos e externos são inevitáveis nas relações sociais da pós-modernidade. Para Ritt e Ritt (2012, p. 31) o maior problema do envelhecimento está na forma em que:

Ao mesmo tempo em que estão ocorrendo iniciativas e programas no sentido de encorajar a auto expressão e a busca por uma nova e positiva identidade, o sucesso dessas iniciativas é considerado proporcional à precariedade dos mecanismos de que se dispõem para lidar com a idade avançada. Essa nova imagem do idoso não oferece instrumento capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e de controles físicos e emocionais que são fundamentais, na sociedade atual, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, e que possa ser capaz de ter um exercício pleno de seus direitos e de sua cidadania.

Diante dessa maneira de enxergar o homem idoso em suas relações sociais na contemporaneidade, podemos levantar discussões sobre os valores humanos, se o indivíduo é totalmente livre ou se a sua forma de se comportar diante de situações e lidar com as relações sociais são predeterminadas, podendo levantar uma análise crítica de quais são as principais consequências trazidas ao homem, assim como o limite de sua maneira de lidar consigo mesmo e com os outros, diante de tanto individualismo que cada vez mais está presente na sociedade e enraizado nos pensamentos, nas atitudes e na maneira de interpretar a vida partindo do homem, e o idoso está dentro desse processo como alguém que, além de se ter o desafio de aprender a aceitar e/ou conviver com o processo do envelhecimento, necessitam também saber lidar com os tempos de hoje, embora também sendo o seu. Mas o fator resistência predomina nesse indivíduo; todos são sujeitos sociais e precisam saber conduzir a sua vida diante dela, mesmo com os grandes conflitos que vêm junto com tais relações sociais em tempo de redefinições de seus papéis, inclusive do identitário do idoso.

É certo afirmar que depende, em primeiro momento, da própria pessoa idosa saber caminhar junto a determinados padrões que por ora são inevitáveis a sua marcha na sociedade. Quanto aos demais pontos, o homem diante do que se conceitua, deve se analisar, fazer acontecer, representar, se socializar e equilibrar as relações sociais sem cair nos grandes conflitos a ela inerentes.

4 SOCIEDADE, EIS-ME AQUI PRESENTE: O IDOSO SOB A ÓTICA DA DINÂMICA FAMILIAR E AS VICISSITUDES, VERSANDO À CONDIÇÃO ATUAL

Para darmos início às reflexões deste capítulo, é importante em primeiro momento, afixar à percepção de que o homem é diferenciado dos outros animais pela capacidade de autoconhecimento, de socialização e pela habilidade de analisar e criar estratégias para viver em uma sociedade mais regular, sob as bases conceituais de que todos são merecedores de redefinições em determinados setores da sua vida, mesmo com o individualismo enraizado no contexto de vida de muitos homens.

Em contrapartida, a sociedade sempre atuou sob caráter de divisão de categorias e segmentos sociais, mas acima de tudo sobre as grandes mudanças ocorridas que estão atreladas a processo de desorganização, organização e redefinições que conduzem ao caminho traçado para os determinantes sociais presentes em toda sua conjuntura. É dentro desse conceito de mudança que será analisado a forma como a sociedade aceita e conduz a condição atual em que o idoso está vivenciando.

Diante do atual cenário em que perpassa a sociedade, o idoso, sem dúvida, cada vez mais está recebendo destaque. No entanto, em razão da problemática do envelhecimento populacional e perante tal realidade, ao se deparar com a visão do idoso no centro das relações sociais, sejam pelas questões em que envolve a dinâmica familiar, os conflitos dela inerentes e as estratégias para lidar com estas situações não há como não se fixar na atenção ao comportamento de cada indivíduo que perpassa por algum tipo de conflito que por sua vez, determina algumas atitudes do homem. Em muitos momentos do quadro social atual, está se falando sobre as alternativas para mediar conflitos entre os idosos e os demais protagonistas dessa realidade, seja de modo subjetivo pelos conflitos internos, seja pela objetividade perante as relações principalmente as familiares (NERI et. al., 2009).

Analisando as formas de entendimento que norteiam a temática do idoso e suas vertentes, o que vem se falando na sociedade contemporânea é sobre um segmento relativamente atual, o processo de institucionalização - a decisão em residir

numa Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Uma série de ocorrências norteiam tais alternativas para lidar com toda essa problemática, mas o que de fato se tem em julgamento são as indagações das causas centrais que fizeram com que o idoso se deparasse com situações que conduzem a essa tomada de decisão. Existem casos que a percepção que se tem é a de que foram induzidos ou até mesmo conduzidos para um local dessa natureza. Será que tais Instituições são as expressões claras de que estamos vivendo evidentemente uma sociedade do descarte? Para evidenciar tal investigação, é preciso analisar não apenas os pontos da institucionalização que são criticados atualmente pela sociedade, mas todas as linhas a serem seguidas para que se tenha uma visão não preconceituosa, mas sim coerente e realista sobre as Instituições de Longa Permanência para Idosos e o papel que cumprem, tanto para os idosos quanto aos seus familiares, mesmo abarcada de contradições.

Abordar questões como estas ainda são fatores que geram muitas polêmicas, tal fato está basicamente na visão que se tem de um local como esse, em que o estereótipo está sob a caracterização desses lugares, interpretado por muitos como um ambiente em que predomina a decadência da humanização, bem como uma forma errônea de se posicionar diante dessa realidade. Porém, mesmo diante dessa visão, muitos desses sujeitos procuram tais locais, na tentativa de resolver alguns dos seus problemas, em termos práticos, colocar num abrigo o seu familiar que já está idoso e representa uma preocupação para toda a família, pois, o discurso que trazem consigo é a impotência de saber lidar com os que precisam de maiores cuidados. Seria essa, então, mais uma expressão de individualismo humano? Assunto para grandes discussões.

Laranja (2005 apud RITT; RITT, 2012, p. 34) traz para análise o contexto da velhice no Brasil como:

[...] em paralelo e contraditoriamente a esse processo histórico – cultural de degradação da condição senil, o Brasil envelhecia. Enquanto nossa sociedade, a partir da década de 1970, cada vez mais buscava a juventude, especialmente na propaganda, homens e mulheres alcançavam a maturidade; enquanto idealizávamos o jovem como o padrão ideal, a sociedade também se aproximava da velhice [...]

Mediante as afirmativas acima de que o preconceito e até mesmo a discriminação com o idoso parecem ser um fator predominante, quais são as

alternativas para lidar com a condição se estar idoso? Ficar sob a custódia familiar, ou encontrar um local cujo discurso de muitos familiares e do próprio idoso é: conviver com pessoas da mesma faixa etária. Então por que o discurso da intergeracionalidade? Quem de fato poderia proporcionar esta integração entre gerações? A institucionalização resolverá o problema de quem; do idoso, da família ou da sociedade? Não há como negar que tais problemáticas devem ter direito à reflexão, por se tratar de assuntos novos (em termos) na sociedade e por isso pouco explorados ainda, pelo menos como deveria ser, que precisa de maiores informações para desmistificar ou até mesmo evidenciar o que acontece nesses locais, trazendo, então, para o contexto da sociedade contemporânea, suas principais contradições e principalmente o que está nas entrelinhas deste processo.

4.1 O IDOSO E A FAMÍLIA NO SÉCULO XXI

No momento em que se iniciam análises sobre a família, é pouco provável não destacar que esta é a base central de qualquer indivíduo, formadora de estruturas sociais, exercendo assim um importante papel no desenvolvimento de cidadãos. Nela o homem chega mais próximo à sua autenticidade, seja no papel de pai, mãe, filho, filha, tio, tia, primo, prima, sobrinho, sobrinha, neto, neta, avô, avó dentre outros.

Uma instituição que, pelo menos teoricamente, jamais deverá possuir “dissimulações sociais”. Conduzindo para sua conceituação, os autores Ritt e Ritt (2012, p. 126-127) afirmam que família é,

[...] uma criação do ser humano que dá uma resposta ao desejo de ter um grupo de pessoas que atuem sobre interesses comuns e com um desenvolvimento afetivo, em que afetos sejam recíprocos, para obter soluções para os problemas do ciclo vital. Também é considerada ‘a célula da sociedade’, o elemento básico. Não como lugar, mas sim como relação. Não basta a mera vivência, mas especialmente a manutenção de uma relação familiar profunda, de plena reciprocidade entre os sexos e entre as gerações. Os pequenos ou grandes conflitos são importantes para o desenvolvimento do ser humano porque o ensinam a conviver ou a intercambiar com os outros. A principal característica da família é a de que é um espaço primário, onde tudo possui origem. É instituição decisiva para a construção e identificação dos sujeitos. Constituída de vários membros, que sempre ocupam e desempenham diferentes papéis, entre estas pessoas se estabelecem relações recíprocas de direitos e deveres [...]

De fato, a visão de família na ótica dos autores acima citados é a que se observa comumente em livros, assim como em outras fontes de pesquisa. Todavia, devido às mudanças ocorridas em sua travessia de século, se intensificando nas últimas quatro décadas, perpassando o século XX e o XXI, isso não é mais uma constante, tal fato vem se modificando, a família transcorre por um processo de transformação, esta por sua vez pelos novos arranjos que vem sofrendo (FALCÃO, 2010).

A família perpassou e vem perpassando por grandes transformações, como reforça Falcão (2010), seja no aspecto conceitual vista na sociedade, nas legislações, ou nas interpretações de famílias por diferentes segmentos sociais. Atualmente, adotou-se um discurso vinculado à vida pós-moderna, em que considerações diversas são seguidas para essa instituição. Existe hoje uma heterogeneidade na forma de se analisar e interpretar a família, de acordo com a visão que cada indivíduo possui sobre si e como pessoa inserida dentro desse contorno “organizacional” da sociedade.

É importante destacar que o idoso inserido nesse processo de mudança da estrutura familiar em tempos atuais adentra em uma espécie de percepção contraditória sobre ela, se for aquele sujeito que acompanhou o processo de transição no âmbito estrutural da família entre os séculos XX e XXI, obviamente tecerão críticas à sua nova configuração, pondo em destaque que, o homem mais velho, pela sua própria percepção de sociedade, terá uma resistência no que tange à aceitação dessa espécie de “metaconceito” de família visto atualmente (PETRINI, 2003).

O que se percebe é que essa faixa etária vem adentrando relativamente em um processo de desconforto perante a recente forma de preconizar as relações sociais, inserindo o contexto familiar nesse aspecto processual. A resistência está basicamente nas possíveis consequências desses arranjos, e de fato há muito pouco equívoco, exemplo maior é a procura por abrigos de idosos que por sua vez, caracteriza uma alternativa para resolução de presumíveis conflitos, inclusive de natureza intrafamiliar.

Pode-se vincular a relação idoso e família no século XXI a aspectos ambivalentes, pois, ao mesmo tempo em que se diz que a família vem passando por importantes mudanças, há uma resistência de algumas camadas populacionais em aceitá-las, o idoso na condição de sujeito social está inserido nesse contexto, possuindo dificuldade e/ou resistência à compreensão da nova “roupagem” dessa instituição, acarretando diversos conflitos, seja de identidade, de compreensão da

visão que seus próprios membros da família possui sobre ela, de legitimidade dentro dessa realidade e de adequação a mesma.

Em face disso, as grandes contradições advindas dessa realidade se tornou um fator crucial para os idosos, mesmo tentando compreender o seu lugar dentro dessa célula do tecido social (FALCÃO, 2010), é inevitável a sua visão e sentimento que, de certa forma, não está mais inserido dentro desse contexto por uma condição central, a condição de ser idoso dentro de uma sociedade contraditoriamente denominada de contemporânea.

4.1.1 As mudanças na família

A elaboração de uma análise acerca da temática da família em seu processo de redefinição caracteriza um momento oportuno para efetuar a análise do tema, uma vez que a sociedade retomou essa discussão em face da visão de uma incorporação da concepção de transição dos padrões de família difundidos nela.

Fazendo um breve relato histórico da discussão, Barros (2006), afirma que o recomeço das práticas de sua análise no âmbito sociológico expandiu-se a partir da década de 1960, reiniciando sua caminhada pelo século XX, ampliando a partir de então informações relevantes para compreensão do discurso.

Mesmo perante a complexidade, hoje, no século XXI, o tema família está na pauta das discussões centrais, focando basicamente na análise dos seus “novos” moldes e efeitos na sociedade, partindo da ideia de que os principais atores sociais que lidam com as consequências dessas mudanças envolvem uma conjuntura abarcada por questões sociais e individuais, de gerações e papéis sociais (BARROS, 2006).

Merece destaque o método de análise acerca do processo de transformação da família preconizado por Donati (2008) o qual afirma que tais pontuações originaram-se das críticas de um número significativo de “estudiosos, sociólogos e teóricos” (p. 29) que acreditam ser pouco provável que não haja uma perda da sua centralidade, pois, diante de diversos acontecimentos contraditórios dessa instituição, dificilmente a família terá os contornos bem delineados e representará o centro das relações sociais.

Em contraposição a essa demanda, Donati (2008) afirma que mesmo diante dessas mudanças, a família está se adequando e se adaptando à realidade, ainda que muitas vezes aparente estar enfraquecida, sendo assim, sobrevivendo às transformações decorrentes desse processo. Destaca ainda que os problemas da sociedade originam-se das relações sociais e não individuais, logo, no âmbito da família, tais relações estão presentes e podem ser redefinidas, pelo princípio da sua Teoria Relacional.

Pensar a pluralidade da família na sociedade contemporânea requer uma análise mais precisa acerca das principais mudanças ocorridas em sua composição ao longo do processo histórico de modernização, decorrente da industrialização e urbanização e das redefinições de alguns aspectos que envolvem as relações sociais (GIDDENS, 1991) para que assim, haja possibilidades de compreensão da família nos dias atuais.

Contudo, no conteúdo desta pesquisa, serão abordadas as principais mudanças ocorridas no âmbito da família em que os sujeitos sociais estão inseridos, inclusive o idoso, uma vez que, a mesma possui peculiaridades que requer, nas palavras de Eco (2012, p. 27) “uma profunda reflexão crítica”, cabendo à observação de que, mesmo importantes pensadores discorrendo sobre bases explicativas, não existe conceito único de família, justamente pelas interpretações oriundas de contextos históricos.

As discussões sobre a família em processo de mudança tendo como grande reflexo a questão da intergeracionalidade, vem acompanhado de uma representatividade pela tomada de análise do tema atualmente. Contudo, decorre seguido de uma série de conflitos de interpretação desta instituição. O primeiro ponto que pode ser considerado relevante para compreensão desse discurso de mudança é, *a priori*, realizar uma breve análise do conceito de cultura nas ciências sociais discorridas por Bauman (2012), que alcança uma forma de compreensão deste assunto que vem acompanhado de maneira contraditória na sociedade, mas se fazendo necessário uma leitura mais aprimorada, a forma como Bauman (2012) enxerga a temática é bastante oportuna.

Para Bauman (2012) há uma forte tendência em perceber que houve um processo de desconstrução do conceito de cultura na sociedade, resultante da fragilização das relações sociais no mundo pós-moderno, afirmando em seguida que

a sociedade não possui o fator cultural de dar continuidade ao passado, para ele, há uma necessidade do homem se renovar. A própria sociedade se permite adentrar num processo de desarticulação para se articular.

É importante pôr em destaque que a família do século XXI está em mudança que envolve questões sociais, culturais, simbólicas e ideológicas que representam na visão de Bourdieu (2010) uma forma de dominação da realidade em suas relações sociais.

Essa afirmativa pode ser complementada por Haguette (1987) que põe em evidência que “a ação social é fundamental na configuração da sociedade” (p. 20), ou seja, a ação do homem na sua coletividade, de certa forma repressora determina os acontecimentos sob distintos aspectos.

Existem alguns autores como Villadrich (1987, p. 93) que traça um paralelo entre as famílias dos séculos passados e a família dos dias de hoje, o autor afirma que essas mudanças soam de forma pessimista para a sociedade, deixando claro que esses “novos” padrões terão como consequência uma possível perda da identidade humana quando afirma que,

A família era imprescindível nas sociedades do passado porque cumpriam nelas importantes funções militares, políticas, econômicas, religiosas, educativas, sanitárias, de prestação de serviços e segurança nacional e, por excelência, era a única unidade reprodutora da espécie com caráter estável e institucional. Através da família se transmitiam profissões, funcionando como uma escola de arte de ofícios, os laços de família foram suporte para alianças políticas, sociais, econômicas e culturais. Nas sociedades avançadas modernas, um grande número de instituições, tanto privada como públicas, substituiu a família nessas funções ‘históricas’. O atual desenvolvimento tecnológico, que permite controlar artificialmente o processo reprodutor humano, terminou com a última das funções da família, a de ser uma unidade de produção insubstituível. Não cumprindo nenhuma função, a família nas sociedades do futuro só poderá ser um anacronismo residual.

Analisando as evidências nos estudos, não há como negar que família está sofrendo transformações, e que o idoso por se considerado um ser relativamente necessitado de cuidados especiais e que vem sentindo tais mudanças, uma vez que, a sociedade pós-moderna é que está dando continuidade a esta modificação da conjuntura familiar.

4.2. FAMÍLIA E RELAÇÃO ENTRE GERAÇÕES

Família e intergeracionalidade são duas discussões que, ao mesmo tempo em que se correlacionam, fazem parte de um processo de contraditoriedade quando se refere à dinâmica entre gerações, bem como a capacidade dos indivíduos que fazem parte desse processo lidar com os limites do outro. É dentro desse processo de conceituação e ditames da família que entram questões pontuais de determinação e caracterização da família à qual uma recente discussão está atrelada no âmbito das questões econômicas e sociais analisadas por Salles (1992) e através dessas “nomeações” vem o exame acerca do conceito intergeracional. Conduzindo à análise, esta discussão representa um dos importantes fenômenos que reflete a mudança na estrutura da família.

Entende-se como intergeracionalidade o momento em que as principais gerações de família convivem entre si, basicamente os pais, filhos, avós e netos, o idoso por sua vez será fator de destaque. É importante destacar que no Título I do Estatuto do Idoso, Artigo 3º do parágrafo IV destaca que o idoso possui o direito de conviver com demais gerações, este por sua vez é obrigação da família, da sociedade, da comunidade e do Poder Público (BRASIL, 2003).

É importante reforçar que hoje é possível coexistir com as diferentes gerações, a expectativa de vida aumentou de 35 anos, no início do século XIX atravessando o século XX, para 75 anos no século XXI. O controle das taxas de natalidade e mortalidade, o avanço tecnológico, o tratamento e prevenção de doenças contribuíram para esse fenômeno (SARTI, 2010).

No que se refere às gerações de idosos dentro do âmbito familiar, pode-se afirmar que estes sofrem com a forma e que se vê diante da sociedade, destacando a sua resistência da aceitação do presente, pois, os tempos são outros, não são mais como descritos por Bosi (2012) em seu livro que descreve as memórias de um Rio de Janeiro que só ficará nos bons pensamentos. Ainda existe a condição de ser compreendido com todas as limitações da idade e principalmente a aceitação de pessoas de gerações posteriores, a exemplo os filhos e netos.

Histórias de vida jamais podem ser apagadas, mas esses indivíduos precisam acompanhar o novo, o atual para sua sobrevivência. Outro fator importante é o não

preparo da sociedade para lidar com o envelhecimento no que se referem ao âmbito familiar, os filhos e netos, que muitas vezes não possuem um grau de tolerância com seus pais e avós. Não há como não abordar nesse âmbito de reação de gerações três importantes fatores, dentre muitos, que implicaram no processo de mudança e refletem nas relações familiares, defendidas por Neri e Silva (2000): a) o crescimento do número de divórcios; b) o regresso dos filhos com os seus filhos para a residência dos pais; c) as estratégias dos filhos para lidar com a condição dos pais e avós no que tange a sua faixa etária. Tais fatores mostram a realidade da família em seu processo de mudança. É importante ter em mente que a família ainda perpassa por transições, por isso, a proposta de estudo está calcada nos argumentos processuais de mudança.

Não se tratam de teorias objetivas como vistas nas ciências exatas, mas sim de aspectos contraditórios que envolvem as relações sociais e que põem em discussão teorias que refletem sobre a subjetividade humana, nas suas relações com a família e seus aspectos colidentes. Blumer (1987 apud HAGUETTE, 1997) complementa alegando que “a realidade social não pode ser percebida através de ‘conceitos definitivos’ mas sim através de ‘conceitos sensibilizantes’, que são mais capazes de expressar o caráter processual da realidade” (p. 45).

Definir família relacionada ao fator geracional não é uma das atividades mais simples a ser executada, visto que existem características que envolvem questões que representam impasses para defini-la (FALCÃO, 2010).

Os questionamentos explicitados acima conduzem à seguinte investigação: Com que intensidade está havendo a modificação da família? E o idoso, em que veemência está sofrendo com essas tais mudanças, destacando a relação deles com outras gerações? Na ótica de Salles (1992) a família está se recompondo e acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade, contudo, estão “permeadas por normas, valores e representações que, na verdade, circulam e se relacionam” (p. 107).

Percebe-se que a visão de Salles (1992) se aproxima dos conceitos de Donati (2008) sobre as redefinições dos papéis e dos valores da família no século XXI. Durante os séculos XIX e XX, não se pensara que os indivíduos iriam se deparar com a convivência entre gerações, isso sem dúvida é uma expressão que está presente na sociedade atual.

As divisões e conjunções caminham juntas até que se tenha uma influência para chegar a um consenso, mas até finalizar tal percurso, os teóricos que estudam a família terão muito que analisar na sociedade que está em constante mudança para que assim, possa pensar na possibilidade de definir um conceito de família que atenda todas suas configurações.

Pensar a mudança da família é refletir sobre as transformações ocorridas na sociedade, é dentro da família que o indivíduo possui caráter identitário, independente das suas novas configurações. Sem dúvida, a família está acompanhando o processo de mudança da sociedade e não o contrário, mas, dificilmente haverá o seu desaparecimento, pois, ainda tem uma forte representatividade na esfera das relações sociais, possuindo elementos necessários para compreensão da sociedade do século vigente.

Percorrendo o caminho de análise sobre o idoso inserido dentro da dinâmica familiar, é importante destacar que as primeiras organizações familiares geralmente caracterizavam as pessoas mais velhas como aqueles indivíduos que possuíam conhecimentos e experiências vastas. Esse espaço foi substituído pelas novas configurações de famílias e, conseqüentemente, conceitos advindos destes, a referência e valorização do idoso também foram redefinidas, reflexo do processo de mudanças na sociedade.

Ainda se referindo às mudanças no contexto familiar, a população idosa vem sofrendo com essas modificações do seu valor e papéis domésticos, acarretando um sentimento de incômodo, tanto para os idosos, quanto para os familiares, resultando nessa realidade vista na sociedade contemporânea, em que o idoso, mesmo fazendo parte da família, detém um sentimento de perda de sua importância, uma vez que, o papel que assumia antes era de pessoa respeitada pela maioria, inclusive pelos familiares; hoje o que se vê é o discurso destes familiares de que não mais possuem tempo nem sequer para ouvir os idosos. Porém, existe uma vertente que faz jus ao destaque, que afirma que existe certa importância, ou melhor, utilidade do idoso em determinadas questões, quando Falcão (2010, p. 39) afirma que,

Em especial no Brasil, país marcado por contrastes socioeconômicos importantes, a maior longevidade da população tem impactos específicos sobre trocas intergeracionais na família. Com a introdução do direito universal à aposentadoria, independentemente de contribuição, idosos começam a configurar um grupo etário geracional ativo e participativo, que oferece suporte [...] financeiro para as gerações mais jovens, que, em muitos contextos, dependem grandemente de sua renda como pilar do sustento da

família. Isso ocorre também em casos em que avós assumem, além dos cuidados eventuais ou diários relativos aos netos parte das despesas domésticas [...]

O que presume é que provavelmente quem mudou não foi o idoso, mas sim todo o contexto social que inclusive envolve a questão da modificação das famílias. Uma das grandes realidades pode ser constatada sob a análise das alternativas para lidar com a questão do envelhecimento e a conjuntura familiar, destacando o processo de institucionalização do idoso. Destarte, há uma forte tendência em conduzir a problemática do idoso e a dinâmica familiar através dessa modalidade, que se torna cada vez mais presente na sociedade vivenciada por todos.

4.3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO IDOSO

Neste estudo, em todo percurso, mencionamos a questão da institucionalização do idoso como uma alternativa para lidar com a problemática do envelhecimento, da dinâmica familiar e de suas vertentes. Mas levando em consideração a necessidade de compreensão do que realmente significa este processo, qual a definição de institucionalização para idosos? Como se dá esse processo? Qual é o papel das instituições na sociedade, *a priori*, seria para reduzir os riscos sociais? Hall e Taylor (2003, p.197) mensuram a questão das instituições como um “novo” canal para controverter os problemas políticos e sociais, no momento em que abordam o seguinte ponto:

Uma questão crucial para toda análise institucional é a seguinte: como as instituições afetam o comportamento dos indivíduos? Afinal, é em última análise por intermédio das ações de indivíduos que as instituições exercem influências sobre as situações políticas. De modo geral, os neoinstitucionalistas fornecem dois tipos de resposta a essa questão, que poderíamos designar de ‘perspectiva calculadora’ e a ‘perspectiva cultural’. Cada uma delas responde de modo ligeiramente diferente a três questões básicas: como os atores se comportam, que fazem as instituições, por que as instituições se mantêm? [...] Eles afetam os comportamentos em primeiro lugar ao oferecerem aos atores uma certeza mais ou menos grande quanto ao comportamento presente vindouro de outros atores. Essa formulação exprime bem o papel central reservado à interação estratégica nessas análises. Mais precisamente, as instituições podem fornecer informações concernentes ao comportamento dos outros, aos mecanismos de aplicação de acordos, às penalidades [...] Mas o ponto central é que elas afetam o comportamento dos indivíduos ao incidirem sobre as expectativas de um ator dado no tocante às ações que os outros atores são suscetíveis de realizar em reação às suas próprias ações ou ao mesmo tempo que elas.

Diante das colocações de Hall e Taylor (2003) sobre a teoria da neoinstitucionalização, há de se perceber que estes espaços atuam de maneira condicional, determinando comportamentos e atitudes do indivíduo. Diante dessa possibilidade, nos questionamos em que momento o idoso que procura uma instituição para residir encontra uma espécie de segurança na decisão quando se depara com situações semelhantes a essa? Em que circunstância foi decidida a institucionalização, sendo que esta por sua vez representa um grande risco de privação de seus desejos e limitação da própria vida, por possuir normas preestabelecidas e rotinas que de uma forma ou de outra, limitam a maneira em que o idoso conduz a sua vida? Quais foram os principais fatores que influenciaram o idoso a essa tomada de decisão, mesmo com todos esses condicionamentos? Decisão própria, indução ou decisão dos outros?

Acreditamos que o que mais se destaca nessa decisão são os problemas basicamente voltados ao contexto familiar, onde muitas vezes os membros que a constituem fazem o papel de cuidador, e, nas suas limitações, encontra também limitações no sistema de saúde do país, bem como suporte social para atender a demanda dessa faixa etária. Ficando sem alternativa para lidar com a referida problemática, a família procura então serviços especializados, se direcionando a abrigos e/ou casas de repouso.

Na ótica de Santos (2010, p. 9-10) o processo de institucionalização está cada vez mais crescente por situações em que,

Observamos uma sistemática transferência do cuidado familiar e do reduto da esfera doméstica para o campo profissional e para as instituições. Neste movimento, a família passou a ocupar uma função de coadjuvante no exercício das atividades do cuidado. Frente a isso, o que se vem observando desde a última década é uma espécie de contramovimento, ou seja, a reprivatização do cuidado especialmente junto à clientela idosa.

Há outra vertente analítica: os próprios idosos quando se deparam com situações em que percebe que está “atarefando” seus membros familiares procuram locais como estes para residirem. O grande problema em questão é que os idosos acreditam que resolverão seus principais problemas quando decidem ir para um local dessa natureza, mas, ao se deparar com essa realidade, desenvolvem, muitas vezes, um sentimento de perda de sua identidade, com a sensação de que os anos vividos e seus planos para quando chegarem à velhice não atenderam suas expectativas, acreditando que nem mesmo os familiares podem estar com eles, que a vida

contemporânea não permite isso, que mesmo não sendo (muitas vezes) a sua real vontade, optam por viver com pessoas da mesma faixa etária, uma vez que, os filhos e netos não disponibilizam de tempo para atender suas necessidades atualmente. Este último mostra que os conflitos geracionais, em suma, são fatores relativamente predominantes para que o idoso chegue a essa conclusão (SANTOS, 2010).

É importante destacar que este tipo de situação não é comum a todos os idosos que passam a residir em uma instituição, existem aqueles que vivem melhores do que viviam antes, até mesmo no seio da família, porém uma decisão como essa causa conflitos, uns são breves, outros mais duradouros, expressos sob diversas maneiras, de acordo com a peculiaridade de cada um.

Para que possibilite o desenvolvimento de um conceito sobre o que de fato é a institucionalização do idoso, é importante analisar cada situação e não se limitar aos pontos de vista existentes, uma vez que é uma realidade bastante complexa para compreender. Não estamos falando de coisas, mas sim de pessoas que trazem consigo uma história de vida e particularidades; na tomada de decisão de residir numa Instituição de Longa Permanência para Idoso (ILPI), cada um possui a sua história, cada ser traz consigo suas vestes e suas marcas, seus motivos e razões, mas principalmente um desejo de que, mesmo diante de uma diversidade de condições impostas neste local, viver com maior qualidade de vida, mesmo sendo muitas vezes, uma alternativa em cima da ausência dela.

4.4 A PROCURA POR ABRIGOS: VELHA ALTERNATIVA OU NOVA REALIDADE?

Geradora de muitas discussões na sociedade contemporânea, principalmente quando se fala sobre as políticas de proteção ao idoso, que deixa claro que a família que é a primeira responsável pelo cuidado ao idoso, em seguida o Estado e a sociedade civil, os chamados abrigos representam, em suma, um novo momento no contexto social brasileiro, pois, face às mudanças que a sociedade vem sofrendo nas últimas décadas que tem o envelhecimento populacional como um destaque, o país se deparou com a necessidade de se adequar a esse processo, mesmo antes de se preparar para essa realidade. Por não haver esse preparado, muitas vezes o processo de “adequação” causa impactos sociais e uma série de conceitos preestabelecidos à

pessoa idosa, que resultam em diversos problemas, entrando em cena a rejeição da velhice, expressas na sociedade de diversas maneiras.

Neri e Silva (2000), em sua análise sobre o envelhecimento da população brasileira, afirma que as Instituições de Longa Permanência no Brasil têm aproximadamente cinco décadas, mesmo não sendo muito jovem para descrever como nova realidade, uma série de preconceitos norteiam o viver em um abrigo e/ou casa de repouso. O que se tem é aquele conceito de local que comporta idosos vítimas de maus tratos, abandonados pela família, fragilizados, decadentes e sem nenhuma expectativa de vida.

É importante destacar que, devido à mudança na expectativa de vida no país, predominando o envelhecimento populacional, o Estado enquanto instituição que tem como principal dever zelar pelos direitos do cidadão, diante dessa realidade, criou abrigos para acolher idosos por todo território nacional, uma vez que, além da transformação do quadro populacional, outros fatores contribuíram para a necessidade de criação desses espaços, tais como a mudança nas estruturas familiares com a redução de membros por família, resultante do declínio das taxas de natalidade e fecundidade, a falta de tempo e condições financeiras dos familiares para cuidar dos idosos, dentre outras. Além disso, existem dados estatísticos que revelam a justificativa do crescimento destas instituições. Além de outros aspectos, podem-se destacar alguns tipos de maus tratos sofridos pelos idosos que segundo Ritt e Ritt (2012, p. 37),

Em qualquer pesquisa feita sobre a violência contra o idoso, a constatação que se chega é de que, além das omissões do Estado, são pessoas de sua família os responsáveis pela maioria das agressões e a violência ocorre mesmo dentro de suas casas. Nesse sentido. A pesquisa recente demonstra que grande parte dos casos de violência e maus tratos contra idosos é cometida por pessoas próximas às vítimas - o vizinho, o amigo e principalmente, os seus familiares.

Além disso, Ritt e Ritt (2012, p. 37) ainda afirmam que,

A violência contra o idoso pode acontecer de várias formas, desde a psicológica, que se manifesta através da negligência e pelo descaso, até as agressões físicas. São comuns os casos de filhos que batem nos pais, tomam seu dinheiro, os dopam, os deixam passar fome ou não dão os remédios na hora marcada, no chamado abandono material.

Diante da atual situação dos idosos existentes no país, muitos neste momento estão passando por alguma situação similar ao descrito pelos autores acima.

Quando os órgãos de defesa ao idoso são acionados, em alguns casos os autores dos delitos sofrem as sanções previstas em lei, mais especificamente o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003) e no que tange à proteção ao idoso, uma das alternativas é procurar um abrigo para que este possa vir a residir, ou temporariamente, ou definitivamente.

Essa análise, por sua vez, mostra situações extremas para que o idoso seja protegido perante a sociedade, contudo, existem outras circunstâncias que resultaram na procura por abrigos como relatado anteriormente.

Então, para dar continuidade às análises sobre ILPI's, para Hôte (2001) o que predomina atualmente são as instituições filantrópicas que muitas vezes, "substituem" o papel do Estado no atendimento a essa demanda. Segundo o autor acima referido, das 6 mil instituições asilares espalhadas pelo país, 3 mil são de caráter filantrópico.

Segundo Brink (1999, p.125):

No Brasil, dada às condições econômicas extremamente desfavoráveis de uma grande parte da população, o envelhecimento torna-se mais um castigo do que um prêmio (...) sua aposentadoria irrisória tende a sofrer achatamento, sua saúde está em declínio por más condições de trabalho e vida, falta de hábitos saudáveis. Quando enfermo, só pode valer-se da rede pública de saúde, que se encontra em estado falimentar e, quando perde a autonomia, sua moradia é inadequada. Caso procure uma instituição, seus recursos só lhe permitem pagar uma casa de repouso de baixo padrão ou esperar uma vaga numa entidade filantrópica.

Discutindo alguns pontos sobre abrigos para idosos, o fator financeiro se faz presente, porém não é o único predominante atualmente. A procura por instituições de atendimento ao idoso pela classe média está muito frequente, logo, o preconceito de que o idoso que procura um abrigo é aquele que não tem condições de arcar com seu sustento, vítimas de maus tratos físicos e psicológicos estão sendo quebrados. Se pensarmos dessa maneira, iremos de encontro ao princípio da universalidade dos direitos previstos na Lei. 8742/1993 – Lei Orgânica de Assistência Social, LOAS – (BRASIL, 1993), pois, a população está envelhecendo, independente da condição social, problemas familiares existem na vida de qualquer idoso, seja ele possuidor de bens materiais ou não.

O Estado, por sua vez, não tem desenvolvido políticas públicas suficientes para solucionar alguns problemas, ou até mesmo conflitos familiares que tem suas raízes na falta de atenção. Há também aqueles idosos para os quais o problema não

está basicamente no setor financeiro, mas sim nas relações humanas, seus conflitos familiares e em seu ciclo de convivência.

Para que haja uma boa qualidade no atendimento dessas Instituições é necessária uma efetiva comunicação entre o Estado e a sociedade civil. Ingressar em um abrigo é uma decisão a ser delicadamente pensada, é necessário analisar todas as alternativas possíveis, pois, o idoso necessita de cuidados e amparos (no sentido de atenção integral). Mesmo diante da problemática do contexto da família, esta por sua vez ainda é importante para proporcionar ao idoso uma velhice com qualidade de vida, porém, procura muitas vezes estas instituições como uma espécie de solução de determinadas situações, a qual pode afirmar que geralmente estão naqueles idosos que foram acometidos por alguma doença considerada neurodegenerativa como Alzheimer e tantas outras que se enquadram na velhice patológica, que não dominam mais suas faculdades e, portanto, não podem expressar frequentemente seus sentimentos. Para Santos (2010, p. 16),

Ainda que o envelhecimento não seja sinônimo de doença, não se pode negar que, à medida que as pessoas vivem mais, ampliam-se também as suas chances de desenvolver doenças cuja prevalência aumenta significativamente com o passar da idade, como por exemplo as demências.

O debate sobre a institucionalização do idoso ainda continua sendo um desafio para a família e para a sociedade, pelo fato de conceitos preestabelecidos sobre a questão. No que se refere à estratificação social, é importante destacar que já existem abrigos que estão adaptados para receber idosos de todas as condições sociais, isso evidencia que a decisão de se morar em um local dessa natureza está mais presente na vida no sujeito idoso do que se é pensado.

Sendo assim, a sociedade já mostra os primeiros sinais de adequação a essa nova realidade a qual está basicamente sobre a questão do envelhecimento populacional e as vicissitudes para conduzir esta realidade, a exemplo a institucionalização, esta sob caráter de reestruturação, representando ambos, uma alternativa e uma realidade que acreditamos estar se reconfigurando, pois, a cada dia o quantitativo de idosos vem crescendo, paralelo a isso, a mudança na estrutura familiar. Logo, por essa faixa etária estar predominante na sociedade, é preciso apresentar alternativas para lidar com esse fenômeno populacional em que o que está na base são as contradições trazidas com ela.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Para iniciar o processo de descrição do percurso metodológico, é necessário frisar que, a presente pesquisa incide no destaque da exposição do eixo empírico.

A parte teórica que caracterizou um importante momento do estudo, está baseado na fragilidade das relações humanas no contexto social pós-moderno, tendo como referencial importantes leituras sobre as redefinições de fatores intrafamiliares, demarcando os conflitos de gerações, pondo em análise crítica e reflexiva a figura do idoso nesse processo e as alternativas para lidar com tais transformações, destacando a passagem do idoso de um ambiente, mais precisamente o familiar, para uma Instituição de Longa Permanência, e sua experiência neste novo ambiente, como centro de análise da discussão da pesquisa.

O método utilizado para elaboração do eixo empírico da pesquisa está sob a análise quanti - qualitativa, com um roteiro semiestruturado, que inclui perguntas fechadas e abertas, cujos resultados foram analisados, utilizando recursos bibliográficos e de pesquisa de campo, no intuito de aprofundar de forma efetiva sobre o tema em análise.

A escolha de uma pesquisa de tal natureza consiste em desvendar a riqueza e, ao mesmo tempo, a complexidade dos temas envolvidos, levando em consideração o exame de como os participantes lidam com questões da vida cotidiana, suas relações de cumplicidade ou de conflitos familiares no passado e no presente, assim como a expressão da subjetividade, da sua aceitação e/ou negação da realidade em que estão inseridos, atualmente na Instituição.

Com esse modelo de pesquisa, pressupõe-se que há uma espécie de desvendamento das ações dos sujeitos em sua dinâmica entre gerações, com a família e com a instituição e, principalmente, a análise das suas relações sociais que por ora, expressa uma realidade que está sendo analisada sob distintos ângulos.

Streubert e Carpenter (1995 apud SANTOS 2010, p. 35) analisam a pesquisa qualitativa, afirmando que,

A pesquisa qualitativa se caracteriza pelo reconhecimento da existência de múltiplas realidades; pela busca do entendimento dos fenômenos estudados; pela certeza de que ninguém sabe mais sobre o fenômeno estudado do que o próprio sujeito que o experiencia, pela necessidade da pesquisa ser conduzida sem que interfira no contexto natural, pela certeza de que o pesquisador é parte integrante do processo de pesquisa e pela busca de um adequado conhecimento do fenômeno, de tal forma que se possa relatá-lo cientificamente, mas enriquecido com os depoimentos dos participantes.

Na percepção de Minayo (2009, p. 21), uma pesquisa qualitativa se destaca porque,

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, como um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com os seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

Para tornar possível oferecer uma resposta ao estudo realizado, o conduzimos a partir dos seguintes questionamentos: em meio a tantas contradições, as quais envolvem o processo de fragilidade das relações sociais, quais são as vicissitudes para lidar com a condição de ser idoso na sociedade contemporânea? A família dentro desse processo atua de forma satisfatória na vida do idoso? Uma das alternativas atualmente é a institucionalização, esta por sua vez é uma opção ou resultado de um processo que se agrega à falta de opção, levando em consideração o âmbito da família? O que está nas entrelinhas dessa realidade de mudança para uma instituição? Estas questões são as abordagens que traduzem a especificidade dos objetivos deste estudo.

Compreendemos que na pesquisa tais respostas estão presentes no momento do processo prático, ocasião em que foram aplicadas as entrevistas com idosos institucionalizados. Muitos sentimentos foram expostos por eles durante todo processo, esse “tipo” comportamento tornou ainda mais interessante e possível a compreensão do discurso do pesquisado.

Observar tais questões representa pontos importantes para abrangência dos significados que os idosos atribuem à problemática, uma vez que a intenção é identificar e compreender o ponto de vista acerca dos questionamentos feitos em todo

o referencial teórico da pesquisa sob a ótica dos residentes de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), situada no Município de Salvador, Bahia. É importante destacar que, embora não seja o suficiente para constatar a condição e a realidade dos idosos nos dias de hoje, por se tratar apenas de um tipo de público, a vida dos idosos que residem nesta Instituição ofereceu uma importante contribuição para compreender tal acontecimento, levando em consideração que representa, no momento, uma alternativa para lidar com as demandas geradas do processo de envelhecimento e suas contradições na sociedade contemporânea, onde cada vez mais a figura do idoso adentra em uma problemática que envolve o processo de institucionalização atrelado ao contexto familiar, assim como suas vertentes analíticas.

Durante a prática profissional voltada à área de assistência ao idoso, ao perceber, em primeiro momento, que os idosos que residem na Instituição pesquisada atribuem um significado contraditório ao conceito de família, houve a decisão de realizar uma abordagem também junto aos seus familiares, escolhendo como método um roteiro de entrevista cujo objetivo seria entender a sua percepção de família e de idoso nos dias de hoje, incluindo suas relações familiares, bem como a opção por serviços especializados como Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) na tentativa de traçar um paralelo com o discurso observado dos idosos entrevistados sobre tal questão.

Esse momento da pesquisa pode ser caracterizado como o primeiro impacto da relação e condição de pesquisadora ao aproximar-se do objeto de estudo, pois, na ocasião em que foi comunicado aos familiares que visitam os idosos familiares residentes, a possibilidade de um estudo junto a eles, assim como o seu objetivo, grande parte se recusou em participar, expressando insatisfação à sua exposição enquanto familiar do idoso residente do abrigo, alegando que, além de serem “forçados” a falar o que “não queriam” se participassem, procurariam meios legais, caso fosse mencionado seu nome ou alguma descrição que caracterizasse o seu perfil, sendo este o discurso predominante.

É importante destacar que, mesmo diante dessas observações, em momento algum os familiares que tiveram acesso às informações desta pesquisa questionaram e/ou proibiram a participação dos seus familiares idosos institucionalizados como sujeitos participantes da pesquisa, desde que atestassem sua lucidez.

Devido à situação, a pesquisa se limitou apenas à realização das entrevistas com os idosos moradores do abrigo, não podendo obter a perspectiva de análise dos atores de ambas as gerações, como era o objetivo inicial. Entretanto, pressupomos que este primeiro resultado já representa um indicador de possíveis barreiras que se constroem entre a família e o idoso mediante a realidade institucional.

Diante da situação acima exposta, não há como negar a existência de fatores que envolvem as relações familiares e o idoso de maneira contraditória, e que além desses aspectos conflitantes, há uma espécie de fragilidade nessas relações trazendo à reflexão da incapacidade de lidar com os limites do outro, linha de pensamento defendida por Bauman (2004).

Mas, para que se chegue a essa conclusão, é necessário à utilização de outros instrumentos de pesquisa para um aprofundamento nas análises, podendo ser possível ou não chegar à referida concepção na finalização das entrevistas com os idosos residentes da Instituição pesquisada.

5.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Como dito anteriormente, a pesquisa foi construída focada no discurso de idosos de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), de caráter filantrópico, situada em Salvador/BA, com o intuito de compreender como está a concepção e reflexão destes idosos acerca do momento que estão vivenciando, assim como a sua percepção de família nos dias atuais e seus cuidados com os idosos abrigados.

Como principal instrumento, foi utilizado um roteiro semiestruturado que inclui perguntas abertas e fechadas, com objetivo de entender como é a vida e a condição desses idosos no contexto social contemporâneo, a sua visão de abrigos vinculados a aspectos de suas histórias de vida, e a relação com seus familiares, bem como a concepção de família nos dias atuais.

Levamos em consideração a ótica de Moreira (2002, p. 14-15) sobre a pesquisa de campo, que diz:

O experimento de campo é um estudo de investigação em uma situação real, em que uma ou mais variáveis independentes são manipuladas pelo investigador, sob condições controladas com o máximo cuidado permitido pela situação [...] Os experimentos de campo tem qualidades diversas, pois se adaptam bem ao estudo de problemas sociais, organizacionais, psicológicos e educacionais de grande interesse.

Para o emprego das ferramentas de coleta de dados, houve a apresentação do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo), indicando os objetivos da pesquisa, os possíveis riscos envolvidos e as respostas institucionais, e comunicando que a pesquisa seria desenvolvida pela mestranda sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Gomes da Conceição.

Como participantes privilegiados, os idosos abrigados na referida Instituição com seu discurso acerca dos conceitos, percepções e vivências no abrigo e na família foram os que também permitiram a efetivação deste estudo. Esses idosos expressaram sua definição de maneira peculiar sobre o que é ser idoso nos dias de hoje. As fontes de informação que partiram dos idosos moradores deste abrigo permitiu compreender o discurso de cada um sobre sua própria situação e experiências, bem como o ponto de vista acerca da temática em pesquisa. É importante destacar que a condição para realização de um estudo dentro do espaço deste abrigo foi a não divulgação da sua nomenclatura nessa pesquisa, bem como dos idosos que nela residem, dos colaboradores e do corpo de diretoria, com a explicação de exposição do local e dos mencionados acima.

5.2 PROCESSO DE COLETA DOS DADOS

Para realização desta pesquisa, se fez necessário adotar o caminho que mostra que o estudo foi executado através de um modelo intencional, considerando prioridade algumas características que por ora são relevantes para a pesquisa.

Foram entrevistados, no período de junho a agosto de 2014, em um universo de 204 (duzentos e quatro) moradores, 10% da população de residentes do abrigo, ou seja, 20 (vinte) idosos institucionalizados, na faixa etária entre 65 (sessenta e cinco)

anos a 85 (oitenta e cinco) anos, de ambos os sexos, especificamente: 10 homens com idade de 65 (sessenta e cinco) anos a 85 (oitenta e cinco) anos, viúvos, com filhos e netos e/ou separados, com filhos e com netos, morador da Instituição entre 6 (seis) meses a 10 (dez) anos, aposentados, pensionistas ou beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC), com renda mensal de 1 (um) a 6 (seis) salários mínimos; e 10 mulheres, de 65 (sessenta e cinco) a 85 (oitenta e cinco) anos, viúvas, com filhos netos e solteiras, com filhos e com netos, que residem no abrigo de 6 (seis) meses a 10 (dez) anos, aposentadas, pensionistas ou beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC), com renda mensal de 1(um) a 10 (dez) salários mínimos. Todos os entrevistados estavam lúcidos, orientados e em condições de assinarem o Termo de Consentimento, bem como responderem as entrevistas.

É importante destacar que a decisão pela extensão dos anos de abrigamento desses idosos foi intencional na pesquisa, justamente para analisar se há uma diferença no discurso do conceito de idoso, família e abrigo, variando por tempo de moradia de cada entrevistado.

Um dos assuntos que merece atenção especial está no ponto de vista técnico da pesquisa no que tange à cautela quando se parte para a interpretação dos discursos dos pesquisados. É sumamente importante que o pesquisador, na área do idoso, tenha vigilância especial para analisar o discurso de cada um deles, principalmente no momento em que há uma abordagem referencial de suas memórias de vida.

Como pré-requisito para a aplicação do roteiro de entrevista, o pesquisado necessita transparecer sua lucidez, muitos idosos mesmo não visíveis na “manifestação” do seu discurso, possuem problemas de memórias, em termos. Alguns as recriam, redefinem e reconceituam como destaca Mucida (2009, p. 85) quando diz que a memória,

Primeiro [...] se constitui das marcas que não se apagam, mas que nem sempre podem ser lembradas ou lembradas totalmente. Segundo, não tem relação direta com os fatos; nas impressões e lembranças que retornam encontram-se a forma de cada um perceber, interpretar, imaginar ou assimilar as expectativas vividas [...] algumas formas de lembranças não morrem, mas não podem ser lembradas.

Todavia, mesmo diante das questões expostas acima, importantes informações extraídas dos discursos dos idosos, mesmo podendo ser histórias

reinterpretadas, foram extremamente relevantes para uma análise mais profunda da pesquisa, sendo referenciada na análise dos resultados. Concluindo que de fato é uma realidade, mas que jamais pode ser generalizada, as exceções sempre existirão. Se o pesquisador da área do idoso não souber equilibrar discursos, poderá reproduzir o que eles recriaram, ou adotar um preconceito, a depender do teor do discurso dos participantes.

É necessário então compreender o processo de envelhecimento, tanto de forma objetiva, quanto subjetiva, para não cair numa espécie de “subjulgamento” das falas dos pesquisados.

Dando prosseguimento aos passos percorridos da pesquisa, a coleta de dados foi realizada pela pesquisadora, com a autorização da Instituição em estudo, registrada através de um Termo de Autorização a aplicação do roteiro de entrevista aos idosos residentes.

No que se refere à coleta de dados, em um primeiro momento, foi realizada a entrevista com um roteiro previamente definido, de acordo com os objetivos da pesquisa. Tal requisito foi utilizado para identificar os principais pontos relevantes para a evidência do estudo. Utilizou-se para entrevista um gravador, no intuito do melhor aproveitamento da conversação e para facilitar a análise dos dados. Foram feitas análises através do referencial teórico, juntamente com as observações realizadas na Instituição. As análises posteriores foram expressas de forma descritiva.

Para assegurar o anonimato dos idosos, não foram fornecidos quaisquer dados que possam identificá-los. Utilizados como pseudônimos nomes de flores para apreciar as histórias de vida de cada um, a saber: **mulheres** - 1. Orquídea, 2. Margarida, 3. Lírio, 4. Rosa, 5. Acácia, 6. Amarílis, 7. Dália, 8. Íris, 9. Camélia e 10. Jasmim; **homens** – 1. Crisântemo, 2. Gerânio, 3. Girassol, 4. Lótus, 5. Bogarim, 6. Gérbera, 7. Cardo, 8. Lisanto, 9. Anis e 10. Adelfa. Para preservar o nome da Instituição, se fez necessário utilizar um nome fantasia, denominado “Abrigo Viver”.

Contudo, é importante destacar que os discursos dos idosos entrevistados foram descritos na íntegra, por meio das gravações e do roteiro de entrevista, recursos importantes para a compreensão da retórica, dos posicionamentos e das principais colocações dos entrevistados.

Na pesquisa foram inclusos apenas indivíduos que estiveram aptos a dar seu consentimento e livre escolha da sua participação para realização do estudo. Houve um momento em que a pesquisadora apresentou preocupação no que diz respeito ao emocional dos idosos, uma vez que, adentrou em fatos que os deixaram muito emotivos, mais precisamente quando abordou o tema família e a satisfação de morar na Instituição, fizeram de certa forma, um retrospecto ao passado vinculando a sua condição no presente.

No contato canalizado pelas entrevistas, um dos temas levantados pelos entrevistados foi a abordagem da pesquisadora mediante a sua vida pessoal, mostrando-se receosos em alguns momentos em relatar fatos, mas, após uma série de explicações, os participantes da pesquisa compreenderam que não representam apenas objetos de estudo, mas sim pessoas que tem algo a oferecer para a compreensão dessa dinâmica a qual o pesquisador se dispôs a analisar, em face disso, eles se sentiram à vontade para responder às perguntas.

Houve ainda a preocupação em anotar todos os acontecimentos, observando comportamentos, expressões faciais e corporais, o silêncio que muitas vezes representou respostas, assim como o “excesso” no discurso de alguns, compreendendo que todo processo traduz uma mescla de sentimentos acerca da sua condição atual.

Essa forma de análise tornou possível buscar, nas respostas dos idosos entrevistados, os significados que conferiam às questões que determinavam seu comportamento diante dos conceitos levantados em análise. Essa experiência proporcionou à pesquisadora conhecer outro lado do seu exercício profissional, um lado reflexivo e envolvido com a temática sob questões subjetivas, motivando-a ainda mais a mergulhar na pesquisa dessa natureza, para compreender como se dá a condição de ser idoso na sociedade contemporânea, quais são os seus grandes medos, expectativas, receios e desejos.

Nas próximas etapas deste estudo, serão apresentadas e apreciadas as análises dos resultados da pesquisa de campo, ou seja, o que os idosos compreendem sobre a sua vida e condição atual, residindo em uma Instituição de Longa permanência, bem como o processo de compreensão de pessoa que está vivenciando essa realidade, a família na sua ótica e a situação atual em que se veem diante da complexidade da vida pós-moderna e sua posição diante dessa dinâmica.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes de apresentar o conteúdo das análises dos resultados, há uma relevância mais uma vez de enfatizar que a população está envelhecendo, independente da condição social em que o sujeito está inserido, e a sociedade precisa se preparar, pois, os reflexos desse processo vem se tornando cada vez mais uma constante na realidade, não só do Brasil, mas de toda esfera mundial. Entretanto, como o discurso é deste país, será analisado dentro da sua conjuntura social atual.

Neste momento do estudo, serão analisados os resultados da pesquisa com idosos moradores do “Abrigo Viver” (pseudônimo utilizado para o abrigo estudado), situada no Município de Salvador, Bahia. Os elementos utilizados para análise do conteúdo da pesquisa foram basicamente: as entrevistas com os idosos, as anotações do diário de campo e a seleção dos conteúdos mais relevantes extraídos das gravações dos idosos, com autorização prévia deles, para que se tornasse possível a percepção do discurso acerca da proposta do estudo, partindo de cada um dos seus participantes.

A seguir, serão contextualizadas as relevantes considerações das entrevistas, acompanhadas de análises advindas do embasamento teórico que foi utilizado para subsidiar a referida pesquisa. Essa fase da pesquisa representa uma das etapas do estudo mais significativas, uma vez que, é a partir desses discursos que descobrimos o que de fato os idosos entrevistados moradores deste abrigo interpretam todo o processo já analisado anteriormente, mas com uma diferença: é o discurso na íntegra de uma realidade, da dinâmica de determinado segmento social, do que é fato, do empirismo, da maneira de discursar e expor seus sentimentos sobre essa realidade.

Vinculando então às teorias, essa por sua vez irá subsidiar a etapa do processo de análise de campo, tendo como grande utilidade o embasamento de referenciais para trazer à realidade desses idosos entrevistados.

Entretanto, a maior riqueza está na percepção e valorização do discurso de cada um deles, criando uma sintonia com o pesquisador e os entrevistados, expectativa desse estudo. Para compreensão da realidade desses idosos entrevistados, os resultados foram subdivididos nas condições de vida em que se

encontram por etapas de experiências e expressões das suas satisfações e/ ou insatisfações de sua realidade atual, quais são seus principais anseios diante da sociedade pós-moderna e seus caminhos trilhados até chegar à condição de idoso morador de uma Instituição de Longa Permanência.

6.1 QUATRO NÍVEIS ACERCA DO DISCURSO DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

A partir das observações realizadas nas entrevistas com os idosos institucionalizados no “Abrigo Viver”, foi possível compreender a visão dos entrevistados acerca do processo de envelhecimento, bem como a sua condição atual nos mais relevantes aspectos. Por intermédio da aplicação do roteiro de entrevista e dos participantes, foi possível perceber que processo inicial do discurso sobre o envelhecimento está sob quatro níveis, os quais sejam: Dados de Identificação; Caracterização Socioeconômica; Contexto Familiar e Conjuntura Institucional, podendo ser vistos nas contextualizações e nas tabelas para maior percepção da realidade estudada.

Para dar início às análises, se faz necessário caminhar para a explicação do nível um, onde está a descrição dos Dados de Identificação, esses dados que identificam os idosos por idade, grau de escolaridade, estado civil, religião; identificação por netos, bisnetos e irmãos, sobrinhos e primos são extremamente importantes para apresentar previamente a condição dos idosos entrevistados, para que haja a partir de então uma possibilidade de repensar sobre a dinâmica da realidade deste abrigo, vinculado ao discurso comumente visto na sociedade de que em locais como este, residem apenas idosos dependentes, com idade avançada e vulgarmente falando “não possuem famílias”, esse discurso em alguns momentos contradiz com a descrição das tabelas abaixo

Tabela 1 - Identificação por idade - Masculino e Feminino

FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE	%
65 a 70 anos	7	23%
75 a 80 anos	12	76%
85 anos	1	1%
Total	20	100%

Podemos perceber que na tabela 1, o que mais prevalece são os moradores com idade entre 75 a 80 anos (76%), é a média da expectativa de vida dos idosos do país atualmente como preconiza Neri (2009). A referida autora por sua vez discorre sobre a transição demográfica no país, relatando que, segundo dados censitários, a expectativa de vida no Brasil do século XXI é de aproximadamente 75 (setenta e cinco) anos.

Logo, grande parte das pessoas que estão chegando nessa idade não estão numa condição de uma velhice patológica, e sim na velhice relativamente saudável. Diante da dualidade teoria e prática, torna-se relevante o discurso que mostra que o grau de dependência dos entrevistados mesmo com idade avançada é mínima, portanto, o discurso que se tem na sociedade de que as pessoas acima de 60 anos já apresentam os primeiros consideráveis declínios na perda da capacidade cognitiva está expressando as primeiras manifestações de necessidade de mudança dessa visão, pelo menos na realidade em questão.

Tabela 2 - Identificação por grau de escolaridade – Masculino e Feminino

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE	%
Ensino fundamental incompleto	3	15%
Ensino fundamental completo	4	20%
Ensino médio incompleto	2	11%
Ensino médio completo	6	25%
Ensino superior incompleto	2	11%
Ensino superior completo	3	18%
Total	20	100%

Com relação à tabela acima, a questão da baixa escolaridade ainda é um grande problema entre os idosos. Como as entrevistas foram feitas com homens e mulheres, há uma explicação voltada à questão de gênero, ressaltando que os jovens de ontem são os idosos de hoje. As mulheres do século XX tinham seus “papéis relativamente definidos na sociedade” mais do que nos dias atuais, ou eram mães, esposas e donas de casa, ou desenvolviam atividades profissionais que não necessitavam de muitos estudos, como operárias em fábricas, secretárias, costureiras, dentre outros (FALCÃO, 2010).

Traçando um paralelo com a sociedade contemporânea, percebe-se que as mulheres tiveram certa ascensão na sociedade, com a sua inserção no mercado de trabalho desenvolvendo importantes atividades profissionais, por exemplo, bem como o uso de métodos contraceptivos, isso sem dúvida conduziu a mulher a caminhar pela sua independência. Além disso, é correto afirmar que inclusive estes foram alguns dos principais fatores do fenômeno do envelhecimento populacional acontecer.

Os homens por sua vez também exerciam funções que não exigiam muito esforço intelectual, logo, as atividades de cunho braçal eram as mais ofertadas para emprego durante o século XX, o que difere na disputa de hoje, em que se diz que um emprego menos agressivo e mais confortável é a tendência do século XXI. Mas, a luta para adentrar e se manter dentro desse cenário é grande, requer muito esforço, reflexo da sociedade “líquida”, analogia à pós-modernidade, onde tudo se move muito rapidamente e o homem precisa acompanhar essa mudança (BAUMAN, 2004).

Tabela 3 - Identificação por estado civil – Masculino e Feminino

ESTADO CIVIL	QUANTIDADE	%
Solteiro (a)	5	12%
Casado (a)	0	0%
Separado (a)	3	9%
Divorciado (a)	2	8%
Viúvo (a)	9	70%
Outros	1	1%
Total	20	100%

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

No que tange à descrição da tabela acima (3), há uma predominância da situação de viuvez entre os idosos entrevistados deste abrigo (70%), que se refere a mudança que comumente ocorre nesta etapa de vida ,pela morte do cônjuge. Pelo discurso dos pesquisados, mesmo sendo um fator que não pode ser generalizado, há uma predominância de uma possível da valorização da instituição casamento para eles, essa visão é uma das muitas especulações desse referencial da mudança de uma sociedade “sólida” para uma sociedade “líquida”, podendo referenciar a dinâmica familiar.

Com a descrição dos dados da tabela acima, podemos afirmar, em termos que havia uma possível solidez na estrutura social, um processo de confortabilidade idealizada. Não se sabe ao certo se essa valorização era de fato uma expressão da satisfação do homem moderno, ou uma imposição para se manter no quadro social do século XX. Tais indagações são baseadas nas teorias de Bauman (2006).

Tabela 4 - Identificação por religião – Masculino e Feminino

RELIGIÃO	QUANTIDADE	%
Católico	12	67%
Evangélico	2	10%
Candomblecista	1	1%
Espírita	3	12%
Não possui	2	10%
Total	20	100%

Percebe-se que na tabela 4, a predominância da religião católica (67%) entre os entrevistados, também é reflexo dos moldes estabelecidos da “solidez” da sociedade moderna onde os idosos, durante o seu percurso de vida foram criados sob esses padrões de unicidade, principalmente quando se trata de religião.

Dando continuidade às análises, na tabela abaixo (5), há uma predominância de idosos que possuem filhos (78%), de fato é uma característica do século XX, principalmente entre as mulheres na tentativa de manter a extensão de sua família. Embora não seja o objeto de estudo, mas o momento se faz oportuno destacar que, no século vigente, as famílias estão reduzindo o número de pessoas, pois, como dito anteriormente, o cotidiano dos indivíduos pós-modernos muitas vezes não permite a busca pela extensão da família, isso sem dúvida reflete na vida do idoso (OSVALDO JÚNIOR, 2012). Assim também acontece nas tabelas 6 e 7, na identificação por netos

e bisnetos, o que se destaca é que há uma prevalência de idosos que possuem netos (76 %), pela quantidade de filhos, mostrados na tabela 5.

Tabela 5 - Identificação por filhos – Masculino e Feminino

POSSUEM FILHOS	QUANTIDADE	%
Sim	16	78%
Não	3	21%
Outros	1	1%
Total	20	100%

Tabela 6 - Identificação por netos – Masculino e Feminino

POSSUEM NETOS	QUANTIDADE	%
Sim	10	76%
Não	8	22%
Outros	2	2%
Total	20	100%

Tabela 7 - Identificação por bisnetos – Masculino e Feminino

POSSUEM BISNETOS	QUANTIDADE	%
Sim	9	40%
Não	11	60%
Outros	0	0%
Total	20	100%

Tabela 8 - Identificação por irmãos – Masculino e Feminino

POSSUEM IRMÃOS	QUANTIDADE	%
Sim	17	85%
Não	2	10%
Outros	1	5%
Total	20	100%

Como já dito anteriormente, a família do século XX era considerada extensa (VILLADRICH, 1987), logo, os idosos entrevistados alegaram ainda ter um número significativo de irmãos (85%). Assim também acontece nas tabelas 9 e 10 quando há uma constante no número elevado de sobrinhos e primos, 90% e 65% respectivamente. Portanto se esperaria que estas populações de idosos tivessem uma ampla rede familiar para prestar algum tipo de apoio, refletindo na realização de visitas.

Tabela 9 - Identificação por sobrinhos – Masculino e Feminino

POSSUEM SOBRINHOS	QUANTIDADE	%
Sim	18	90%
Não	1	5%
Outros	1	5%
Total	20	100%

Tabela 10 - Identificação por primos – Masculino e Feminino

POSSUEM PRIMOS	QUANTIDADE	%
Sim	12	65%
Não	1	5%
Outros	7	30%
Total	20	100%

Tabela 11 - Situação Previdenciária – Masculino e Feminino

SITUAÇÃO	QUANTIDADE	%
Aposentado(a)	10	55%
Pensionista	8	35%
BPC/LOAS	1	5%
Outros	1	5%
Total	20	100%

No que tange à situação previdenciária, os idosos entrevistados mantiveram os discursos entre aposentados e/ou pensionistas, 55% e 35% respectivamente. Entra outra vez a questão de gênero, geralmente o discurso entre os homens eram de situações de aposentadoria fruto dos anos de trabalho, já as mulheres a maioria

alegaram serem pensionistas, fruto do exercício profissional de seus cônjuges que por sua vez já faleceram.

Dando prosseguimento à análise dos quatro níveis acerca do discurso do envelhecimento de alguns idosos do “Abrigo Viver”, segue abaixo o segundo nível, o qual descreve a caracterização socioeconômica. O nível dois discorre sobre o Perfil Socioeconômico, este perfil representa, pelo menos dentro da realidade estudada, um repensar sobre o público de idosos que demandam por abrigos. Em vias de análises, há uma possível quebra de paradigmas, vinculado ao discurso de que os idosos que procuram esses locais são pessoas carentes de recursos financeiros para se manter, encontrando nesses espaços meios de subsistência (CALDAS, 2003).

Mas a realidade deste abrigo, assim como dos idosos que residem nele difere desse fato, logo, aquela visão de que o idoso é um ser carente apenas financeiramente não é uma constante, existem outros tipos de carência que serão analisadas posteriormente. Ficam evidentes, nas tabelas 12, 13 e 14 essas afirmativas, os idosos entrevistados possui um relativo grau de independência financeira, 45% recebem entre 1 a 3 salários mínimos, 50% afirmam que recebem seus proventos. Um número considerável (30%), mas não constante são aqueles que mostram serem proprietários de algum bem .

Tabela 12 - Renda mensal – Masculino e Feminino

RENDA MENSAL	QUANTIDADE	%
S/renda	0	0%
Menor que 1 salário mínimo	1	5%
De 1 a 3 salários mínimos	9	45%
De 3 a 5 salários mínimos	7	30%
Acima de 5 salários mínimos	3	20%
Total	20	100%

Tabela 13 - Independência financeira – Masculino e Feminino

RECEBE OS PROVENTOS	QUANTIDADE	%
Eu mesmo(a)	10	50%
Meu filho(a)	5	30%
Meu neto(a)	2	5%
Meu bisneto(a)	0	0%
Meu sobrinho(a)	3	15%
Um amigo(a)	0	0%
Total	20	100%

Tabela 14 - Proprietário de bens – Masculino e Feminino

PROPRIETÁRIO DE ALGUM BEM	QUANTIDADE	%
SIM	8	30%
NÃO	12	70%
Total	20	100%

O terceiro nível de análise sobre o discurso do envelhecimento, dentro da dinâmica estudada caracteriza basicamente o contexto familiar em que o idoso está inserido. Este momento de análise das tabelas representa aspectos minuciosos para contextualizar e refletir sobre a realidade dos entrevistados. Enquanto nas tabelas acima mostram a prevalência dos filhos, netos, bisnetos, irmãos e sobrinhos, percebe-se uma contradição no discurso quando, nas tabelas abaixo, mostra a possível perda do sentido do discurso com relação a membros na família.

Deixa claro que possuir membros em quantidade em sua família não quer dizer que estes estão presentes na vida do idoso e, diante dessa realidade, é correto afirmar que há uma necessidade de reflexão sobre a importância da comunicação entre os membros da família. É possível analisar essa realidade na tabela 15, quando mostra que grande maioria dos idosos entrevistados residiam sozinhos antes de morar no abrigo, cerca de 50% dos entrevistados.

Tabela 15 - Com quem residia antes de morar no abrigo – Masculino e Feminino

COM QUEM RESIDIA	QUANTIDADE	%
Sozinho(a)	10	50%
Cônjuge	0	0%
Filho(a)	5	25%
Neto(a)	1	5%
Bisneto(a)	0	0%
Irmão(a)	0	0%
Sobrinho(a)	3	15%
Primo(a)	0	0%
Pai	0	0%
Mãe	0	0%
Amigo(a)	1	5%
Outros	0	0%
Total	20	100%

Mais uma vez fica evidenciada a contradição no discurso quando mostra na tabela 16 que o relacionamento dos idosos entrevistados com a família está entre “ótimo e bom”. Mas que tipo de relacionamento, uma vez que, os dados mostram que antes de vir morar no abrigo, a maioria residia só? Como era de fato esse relacionamento? Merece destaque que, no momento da aplicação do roteiro de entrevista, quando perpassou por essa pergunta, um número considerável de idosos deram uma pausa, ficaram extremamente pensativos para que posteriormente, emitissem algum som de resposta.

Acredito que em algum momento, seja na extensão da família ou no nível de relacionamento, houve uma decisão de não expor alguma situação, pode ser pela condição atual de idosos institucionalizados.

Talvez o momento não fosse oportuno para tal abordagem, como dito anteriormente, as expressões faciais mudaram neste momento e a grande maioria dos entrevistados ficou pensativo. Mas é importante deixar claro que isso não caracteriza uma espécie de “sentimento de abandono”, mas sim uma possível maneira de repensar sobre a sua condição atual.

Na tabela 17, é possível perceber mais uma vez a contradição no que se refere ao contexto familiar, onde fica claro que a maioria recebem visitas de familiares de vez em quando, 45% dos entrevistados afirmaram isso. Na tabela 18, 85% afirmam que não houve mudança nas suas relações familiares com sua vinda para o abrigo. Uma inquietação vem à tona: como de fato são e/ou estão essas relações familiares?

Pode-se concluir que, mesmo diante dessa realidade, é difícil o idoso aceitar que há um problema instalado nas suas relações familiares, na fragilidade dessas relações, vinculando a sua condição atual de idoso institucionalizado. Isso só foi possível concluir através do discurso, muitas vezes contraditório dos entrevistados como já explicitadas.

Tabela 16 - Relacionamento com a família – Masculino e Feminino

RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA	QUANTIDADE	%
Ótimo	7	25%
Bom	9	55%
Regular	3	15%
Ruim	1	5%
Não possui família	0	0%
Total	20	100%

Tabela 17 - Visita dos familiares – Masculino e Feminino

VISITA DOS FAMILIARES	QUANTIDADE	%
Sim	8	35%
De vez em quando	9	45%
Raramente	2	15%
Nunca	1	5%
Total	20	100%

Tabela 18 - Mudança nas relações familiares com a vinda para o abrigo – Masculino e Feminino

MUDANÇA NAS RELAÇÕES FAMILIARES	QUANTIDADE	%
Sim	3	15%
Não	17	85%
Total	20	100%

O quarto e último nível de entendimento do discurso contemporâneo acerca dos idosos que moram no abrigo estão basicamente voltados à situação institucional.

Este momento da pesquisa empírica mostra basicamente o período em que os entrevistados residem no “Abrigo Viver”, assim como a decisão de vir morar no abrigo e a sua concepção de idoso morador de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. É possível perceber que há um destaque dos idosos que residem entre 5 a 10 anos (50%).

Em seguida, na tabela 20 o discurso que predominou foi que 95% dos idosos entrevistados foram morar neste local por decisão própria. Dando prosseguimento, a maioria dos entrevistados (75%) na tabela 21 afirma que os idosos de abrigos possuem menos visibilidade, assim como poder de decisão. Logo vem um inevitável questionamento: esse discurso de que não possuem visibilidade, de certa maneira afeta a vida do idoso, então por que a decisão de morar num abrigo mesmo sob essa visão? Decisão própria de fato? É importante analisar minuciosamente tais questões, pois, podem representar elementos chaves para a compreensão do processo da família, do idoso e da decisão de se institucionalizar. O que se deve refletir é que a sociedade ainda possui uma visão pessimista desses locais, por ser uma demanda relativamente nova no contexto atual, assim como a discussão do envelhecimento na sociedade.

O que pode ter acontecido nessa contradição do discurso é que, mesmo com uma demonstração de decisão por se institucionalizar, o próprio idoso percebe que há uma discriminação de pessoas que moram em abrigos. O senso comum ainda os veem como locais que depositam pessoas, então esse pensamento de possuir menos visibilidade parte do reflexo desse conceito instalado na sociedade e que o idoso absorve, sem dúvida essa postura de uma considerável parcela da população.

A partir dessas reflexões, pode analisar que o processo de institucionalização ainda está abarcado de uma grande complexidade no cenário social contemporâneo, e que é uma decisão que precisa ser delicadamente repensada para que não haja grandes transtornos em residir num local dessa linhagem.

Tabela 19 - Período que reside na instituição – Masculino e Feminino

PERÍODO QUE RESIDE NA INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE	%
6 meses	0	0%
6 meses a 1 anos	2	10%
1 a 3 anos	5	15%
5 a 10 anos	10	50%
Acima de 10 anos	3	25%
Total	20	100%

Tabela 20 - Decisão de morar na Instituição – Masculino e Feminino

DECISÃO DE VIR MORAR NA INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE	%
Decisão própria	18	95%
Decisão compartilhada	2	5%
Total	20	100%

Tabela 21 - Visibilidade dos idosos institucionalizados – Masculino e Feminino

VISIBILIDADE DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	QUANTIDADE	%
Possuem mais visibilidade	9	25%
Possuem menos visibilidade	11	75%
Total	20	100%

Pode-se perceber, nas tabelas acima, que os quatro momentos do discurso acerca do idoso institucionalizado estão contidos de relevantes interpretações dessa realidade, servindo também para a compreensão dos diferentes aspectos da visão dos idosos entrevistados que residem neste local.

É importante deixar claro que tais níveis são subsídios para compreensão do decurso dos idosos dentro dessa dinâmica, na tentativa de entender como os delineamentos da problemática estão sendo interpretados sob a análise em questão, mostrando uma prévia do desafio para o entendimento da realidade de idosos que residem em abrigos, destacando os idosos entrevistados moradores do “Abrigo Viver” e de sua maneira de se enxergar diante de algumas questões que deixa claro a fragilidade de entendimento de decisão por morar numa ILPI.

6.2 1ª CONDIÇÃO: PERCEPÇÃO DE SI E DAS RELAÇÕES COM OS OUTROS

A percepção de si referenciando sua condição atual: algo desafiador. Variando de acordo com o contexto em que o sujeito esteja inserido, pode ou não acontecer essa autorreflexão, há uma forte tendência de entendimento do que o homem realmente é se houver um processo de aceitação dos seus limites.

Tecer comentários sobre a percepção dos idosos observados durante a pesquisa atrelando à subjetividade do ser e de sua maneira de interpretar a realidade provocou um pensamento da provável existência de uma espécie de “veste” criada e utilizada por eles para justificar a forma como se analisa e analisa o outro, do significado de reconhecimento dos seus limites para compreender os limites do outro. Geralmente, o outro preconizado neste momento de análise representa sua vivência, o ciclo social em que está inserido, principalmente os que compõem sua prole. No entanto, essa postura muitas vezes representa uma alternativa para lidar com importantes conflitos, sejam existenciais ou relacionais, que fazem parte de sua trajetória de vida (GATTO, 1996).

Mas, antes de tecer qualquer julgamento sobre a afirmativa acima, é preciso adentrar profundamente na atenção ao discurso de cada entrevistado.

Dando continuidade ao discurso acima mencionado, é oportuno afirmar que há um conjunto de fatores que fazem como que o homem crie dentro de si, interprete e se posicione de uma maneira contraditória à realidade, principalmente na condição do idoso, pressupondo que foram participantes e/ou protagonistas de muitas situações de sua vida e da sociedade no sentido genérico, e por muitas vezes, receberam como resposta, num dado momento, a satisfação em ser interpretado como um indivíduo

importante, inserido no centro das relações sociais. Em outros, à margem dessa dinâmica, a depender da sequência de acontecimentos em sua vida, deixando como legado, muitas vezes, uma bagagem cheia de traumas, medos, infelicidades e angústias, de acordo com a forma em que se vê diante das relações com os outros, se tais aproximações fizeram bem ou mal para eles.

Infelizmente esse processo de vivência dos idosos podem ser analisadas sob a explicação de Bauman (2010) e Guy Debord (1997) quando afirmam que as pessoas só representam utilidades quando jovens, o idoso é visto com um sujeito improdutivo por muitos setores sociais, logo, adentra no processo da sociedade do descarte da vida pós-moderna, assim como à sujeição ao espetáculo em que vivemos na sociedade, isso mostra de fato a questão do impacto da percepção de si diante da sociedade, como um impacto indenitário sem limites para o contemporâneo.

Diante dessas explicações, é válido ressaltar que isso depende da construção de sua história de vida, decisivamente da condução de questões e situações que determinaram sua forma de ser hoje. Num determinado estágio de vida avançado chamados a essa complexidade, merece destaque os discursos de quatro participantes da pesquisa, pois, o que mais chamou atenção foi à predominância no discurso de submissão, autoridade e/ou obediência no que diz respeito ao outro, não deixando claro se há um respeito à sua maneira de enxergar e interpretar as relações com os outros, e acima de tudo, entender os seus limites.

Acreditamos ser pertinente a análise, estando presente no momento em que se pergunta sobre a relação com os cônjuges.

Sou viúva, eu só tive um marido, fui casada durante 40 anos, ele morreu faz 8 anos. Foi um bom pai, educou nossos três filhos, deu amor a eles e se hoje são pessoas de bem eu agradeço a ele. Um homem muito trabalhador, honesto... Eu não sei se fui feliz como mulher, também naquela época a mulher não tinha vez, tinha que fazer a vontade do marido, a mulher nem podia sair muitas vezes com as amigas, diziam que era uma coisa errada, era de mulher leviana e eu sempre fiz tudo certinho pra ser uma boa esposa. Mamãe me dizia que se acontecesse de meu marido se separar de mim eu ia ficar falada, como dizem, ser apontada na rua, então eu nunca fiz nada de errado para que nunca fosse preciso acontecer isso. (Sra. Orquídea, 70 anos, pensionista).

No discurso da Sra. Orquídea (70) percebe-se que a sociedade moderna a condicionou a viver sob uma maneira “submissa”, não à vida que levou, mas sim à sociedade, onde as regras aparentavam serem estabelecidas e determinadas.

Mesmo partindo do princípio de que todos os indivíduos possuem seus papéis, sua importância e representatividade da sociedade, durante o século XX, alguns papéis eram bem delineados, caracterizando a solidez da vida moderna. Abrindo um parêntese sobre esse discurso, é importante deixar claro que a modernidade chega no Brasil depois dos anos de 1940, logo, muitos entrevistados vivenciaram seu início, assim como a sua manifestação que teve como destaque movimento feminista e a inserção (não predominante) da mulher no mercado de trabalho. Todavia, se atendo ao discurso dos participantes da entrevistas, esse movimento não predominou em suas vidas cotidianas, mas existiram exceções, podendo ver dos discursos abaixo.

Um fato que chamou atenção é que Sra. Orquídea deixa transparecer sua incerteza do seu conceito de felicidade, logo, remete ao pensamento de que não era apenas definições de papéis que predominava, mas sim uma imposição que infelizmente engessou até a forma da subjetividade humana da maioria do sujeito moderno, talvez isso seja a grande dificuldade de entendimento do pós-moderno para o idoso, de vivenciar essa fase, de compreender como as configurações modificaram e estão em processo de constante mudança. Isso é reflexo de suas vidas. Existiram exceções, mas o que está em análise neste momento são histórias de vida de um tipo de público apenas, e em decorrência disso, a necessidade de aprofundamento dos fatos históricos.

O impacto indenitário para ela na velhice não transpareceu tão intenso, uma vez que, pelo que pode perceber, Sra. Orquídea não se posicionou de uma maneira à análise da sua forma de enxergar-se como mulher, como pessoa que tem seus próprios desejos, a percepção de si era algo questionável não mudando com o processo efetivo do envelhecimento, ainda permanecendo sobre essas interrogações. Infelizmente essa maneira de enxergar a vida e a instituição família para mulher era muito comum, ou melhor, era um fator condicional para se inserir e continuar dentro dessa dinâmica da sociedade como resgata Bauman (2001).

Em contrapartida, existem algumas exceções neste estudo, algumas mulheres que por força da vida tiveram que optar por uma forma de viver, mas isso não fez com que não houvesse um despertar (SOUSA, 2012) crítico sobre sua vida, sobre sua condição de pessoa humana que possui desejos, mas que infelizmente não

foi permitido, por um dado momento a expressão deles. Sem dúvida o caso da Sra. Margarida (75) se encaixa dentro dessa realidade.

Fui casada por 35 anos, casei bem mocinha, meu marido faleceu muito precoce, teve um câncer e nos deixou, meus filhos adoravam o pai, mas eu só continuei o casamento porque não tinha jeito, separada com três filhos? Coitada de mim! Vou contar uma coisa, hoje em dia a mulher tira a roupa na frente do marido na hora das obrigações, na época que era casada nunca fiz isso, diziam que só as mulheres da vida faziam isso [...], eu me arrependo porque muita coisa não conheci, agora estou velha e não adianta mais . A gente não vivia muito bem, sempre tinha discussão porque eu trabalhava, até que saí do meu emprego porque ele disse que ia me largar com meus filhos pequenos se eu continuasse... Eu deixei de viver por causa dessas besteiras do povo. (Sra. Margarida, 75 anos, pensionista).

É evidente que Sra. Margarida questiona diversos aspectos de sua vida, como a sua representatividade diante das situações vivenciadas, já que não teve tantas alternativas para mudar o rumo da sua vida. Então percebe-se que a entrevistada representa mais um sujeito que vivenciou esse processo moderno, que mesmo tendo desejos, não podiam expressar pelo fato de ter seu papel definido na sociedade, ou melhor, imposto. Há uma condução ao pensamento de que essa forma moderna de viver descrita por Bauman (2006), onde ele diz que havia uma confortabilidade por causa da solidez dos fatos.

Essa confortabilidade é questionável, uma vez que, em estudo dessa realidade esse fator não caracteriza uma predominância, existiam pessoas que não gostariam de vivenciar esse processo como Sra. Margarida, pois essa solidez pode ser traduzida como uma imposição da sociedade, numa dura regra para viver inserida nela. Muita gente que viveu nessa época deve ter sofrido pela necessidade de expressar seus desejos, porém havia limitações e condicionamentos para isso, e a grande maioria da população decidia por não correr esse risco para não ficar à margem do processo da sociedade. Expressão clara desse condicionamento está também descrita abaixo nos discursos das Sras. Lírio (75) e Rosa (78).

Só casei uma vez, sou viúva já tem um tempo, uns 15 anos. Meu marido era o provedor da casa, eu era dona de casa. Eu tive um filho que morreu bem jovem, com vinte anos de uma doença que parou o cérebro, não sei direito o nome dela, sofri muito e tive o apoio de meu pai e meus irmãos, minha mãe já era falecida. Meu marido nessa hora estava com os amigos na vida boemia que ele tinha. Ele ainda judiava de mim, eu só continuei casada porque ninguém queria mulher separada em lugar nenhum, nem pra trabalhar de qualquer coisa. Deus e Maria Santíssima que me perdoem do que vou dizer agora, mas quando fiquei viúva senti um alívio, sabe? Sei lá... Eu já estava cansada dessa vida de ver as coisas, sofrer como uma condenada e aceitar calada. (Sra. Lírio, 75 anos, pensionista).

Eu fui casada duas vezes, e viúva duas vezes também. Não tive sorte com nenhum dos dois, eles eram muito agressivos, nas palavras, nos gestos, em tudo filha! Não tive filhos com nenhum dos dois e por isso sofri muito, eles queriam os herdeiros como falavam. Diziam que eu tinha o útero seco. Eu sempre fui uma boa esposa, lavava, passava, cozinha, engomava. Mesmo trabalhando como professora de crianças sabia dividir meu tempo e nunca fui valorizada por isso. Hoje não quero saber de homem, eles gostam de mulher errada! Como sempre fiz tudo que eles queriam, eles deitavam e rolavam, era uma coisa de patifaria. Mas hoje eu estou bem, vivendo a minha vida como Deus quer, desse jeito eu sou feliz. Estou velha e não quero mais nada que me aborreça. Nem posso me aborrecer pelos meus problemas de saúde, herança do que eles deixaram pra mim. (Sra. Rosa, 78 anos, aposentada e pensionista).

Nos discursos das idosas acima, percebe-se que há uma predominância da condição e imposição para se viver na dinâmica, destacando a união conjugal. Isso sem dúvida é a manifestação clara dos impasses que o sujeito enfrentava para se ter uma percepção de si, e não apenas a condição e imposição do outro, sofrendo as consequências das suas ações, mostra de forma clara a estratégia que a sociedade criou para induzir comportamentos. Exemplo claro da submissão da mulher no que se refere à instituição casamento está nos discursos dos Srs. Cardo (80) e Lisanto (78).

Eu casei jovem, tive uma mulher muito boa. Ótima mãe e dona de casa, só não gostava quando ela inventava de querer trabalhar. Eu era o homem da casa, então ela não precisava trabalhar, eu dava o que podia [...] eu sei que errei algumas vezes com ela, gostava da vida boemia e ela ficava em casa, cuidando dos meninos. Mas aí dela se saísse sem cumprir com suas obrigações! Eu me separava na horinha! Mulher tem que ser como a música que fala de Amélia, por isso que hoje ninguém dá valor a ninguém, as mulheres querem fazer tudo que os homens fazem e não pode ser assim. Por isso que tá tudo uma bagunça hoje. Mas fiquei com minha esposa até seu último dia nesse mundo. (Sr. Cardo, 80 anos, aposentado).

Casei com minha senhora logo que nos conhecemos, num baile de formatura, estava muito bela! Tinha uns cabelos lindos que eu não deixava cortar, era a beleza dela. Tinha um carinho enorme por ela. Ela foi uma esposa e mãe exemplar, obedecia as regras do casamento, fazia tudo certinho. Ela morreu ainda moderna, com uma doença que sei que não foi o que os médicos falaram. Mas é melhor tampar o pote e pronto! Deixa pra lá, mexer com isso agora nem faz mais sentido. Eu não quero lembrar de algumas coisas. Mas foi um bom casamento. (Sr. Lisanto, 78 anos, aposentado).

Mesmo discordando, nesse momento da associação que Bauman (2004) faz entre solidez moderna e confortabilidade, existe outra vertente de análise do próprio autor que se encaixa nessa realidade: o poder que o homem acredita ter sobre o homem resultando assim em conflitos que contribuem para a fragilidade dessas relações.

A partir do momento em que a sociedade impôs regras de convivência entre os meios, as relações entre os sujeitos foram se fragilizando, pois o outro acredita ser

mais importante e com mais visibilidade e domínio dos fatos, isso conduz a uma possível perda da percepção de si (podendo explicar o comportamento das entrevistadas acima), causando assim um choque de perceptibilidade da vida, logo, a percepção de si ainda é um desafio para essas pessoas, embora já tenha modificado em muitos aspectos, mas as relações com os outros vem se tornando cada vez mais delicada, principalmente quando traz para a realidade contemporânea, mesmo sendo pessoas que não são mais jovens, mas vivenciam a dinâmica da sociedade atual, como já dito anteriormente.

Talvez não esteja mais tão presente na instituição casamento, pela independência financeira, emocional e por uma “percepção de si” inclusive das mulheres, mas ainda estão presentes em outros caminhos, não nessa configuração explicada acima, mas sob possíveis novas vestes, em diferentes roupagens, estando clara nas relações sociais atuais. Entretanto, é importante ter em mente, pelo menos nesses discursos que, alguns entrevistados não tinham resistência à mudanças, mas o próprio conceito de sociedade é que faziam com que o silêncio diante dos fatos prevalecessem.

Atualmente esses idosos manifestam alguns traços de arrependimento por ter vivido uma “vida imposta”, mas é importante lembrar que são os seres humanos que recriam e que quebram paradigmas, logo, esses idosos necessitam compreender que houve sim um passado, mas que serve de experiência e lição para viver o tempo de hoje, mesmo diante da condição de idoso morador de um abrigo, dessa forma terá um pertencimento de sua vida, uma percepção do que realmente é, sendo assim, será refletido nas relações com os outros.

6.3 2ª CONDIÇÃO: MINHA VIDA, MINHA FAMÍLIA

A subjetividade humana, independente da sua condição precisa ser analisada, apreciada e contemplada, até mesmo para que se possa compreender o sentido de importantes questões da vida, seja na forma em que se interpreta e interpreta o mundo e conseqüentemente o que há ao seu redor. Nesse processo de compreensão do que o cerca, vêm, inevitavelmente, os questionamentos sobre a vida,

e na condição de sujeito que se encontra idoso morador de um abrigo, destaca sem dúvida os pensamentos sobre a sua família.

A condição do idoso na sociedade contemporânea é um assunto que leva a importantes discussões, pois, cada dia que passa a sua situação de vulnerabilidade vem aumentando, e a família muitas vezes é agente protagonista desse processo (FALCÃO, 2010).

Neste momento do estudo, a subjetividade dos idosos entrevistados tendeu a uma conotação nostálgica, lembrando-se de sua vida passada e comparando com sua condição atual, onde procuram respostas para muitas perguntas que cada vez mais pareciam mais distantes do seu entendimento.

Tendo como relevância as perguntas sobre a família, pelas suas expressões faciais de inquietação diante das perguntas realizadas, os entrevistados deixaram visíveis possíveis acontecimentos expressivos, os quais conduziram a diferentes interpretações sobre a família, principalmente quando se levantou a questão do relacionamento elas e do seu significado nos dias de hoje para eles.

Para mim família significa algo como uma joia, tem que ser valorizada, mas isso é quando não temos muitos problemas com ela. É importante sim, para muita gente, inclusive pra mim [...] O relacionamento que eu tenho é normal, já foi melhor quando era moderna, quando tinha muita força ainda. Hoje é cada um no seu canto, eu preferi morar num abrigo justamente para não ver coisas que eu não quero, eles lá e eu cá. Tem coisas que só o tempo explica, tem algumas coisas que nem o tempo explica a verdade é essa. O que eu acho, resumindo tudo, é que lidar com gente é a coisa mais difícil do mundo, tem muita gente boa, mas tem mais gente má nessa vida. A gente vê isso até na família, tem gente que morre na família que tem pessoas que fazem parte dela que nem sequer vai no enterro jogar uma mão de barro no caixão. Até na hora da morte ficam com um orgulho besta, sabendo que todo mundo vai para o mesmo lugar. (Sra. Acácia, 80 anos, mora no abrigo há 2 anos)

Percebe-se um discurso contraditório de Sra. Acácia quando fala que a família é como uma “joia”, mas ao mesmo há uma decisão em manter distância dela. Há uma resistência em compreender o que está de fato acontecendo, se houve alguma mudança que justificasse sua aparente “radicalização” quando discursa que não deseja ver algumas coisas que acontecem dentro da família, por isso procurou um abrigo para morar.

Isso tem uma forte conotação com o discurso de utilidade: tudo tem sua conveniência até certo momento, e que o individualismo predomina nessa relação (MORIN, 2011), principalmente quando se trata de pessoas idosas. Isso pode

caracterizar uma forma de conduta familiar que não mais satisfaz o idoso, a necessidade de negação desta realidade de condutas familiares que a desagradam. E pelo fato de não se sentir mais útil na sua condição atual, uma vez que traça um paralelo entre sua juventude e sua velhice, permanecendo fortes indícios de fragilidade desses laços.

Esse discurso é o que mais predomina entre outros idosos entrevistados.

Família é importante, meu relacionamento com ela é bom, mas tem pessoas dentro dela que são ingratas, não gostam de ninguém e nem lembram o que fizemos por elas, muito individualistas. Meus filhos pra mim é tudo, mas eu prefiro ficar no meu cantinho, já estou velha mesmo! Velho não deve tá se envolvendo e nem participando de coisas na família, como disse, meu cantinho aqui é melhor, eu não quero que ninguém diga que eu me envolvi em alguma coisa de família que não era pra me envolver. Tem gente demais para resolver suas vidas. Que vão tomar seu rumo (Sra. Amarílis, 78 anos, mora no abrigo há 4 anos).

Família é aquela coisa, todo mundo se abraça e se ama em momentos de festa, depois cada um com sua vida. Eu gosto muito da minha família, me dou muito bem, mas eu prefiro ir apenas às festas, nunca quis morar com ninguém, nem quando era jovem, bonita [...] Meu relacionamento com ela é bom, minhas sobrinhas são maravilhosas, mas cada um tem a sua vida e velho tem é que procurar um lugar pra ficar, sem encher o saco de ninguém. Quanto mais de moças modernas, cheia de vida. (Sra. Dália, 79 anos, mora no abrigo há 8 anos)

Eu vejo a família como uma coisa importante na vida do homem, gosto de meus parentes, me relaciono bem com todos, mas eu prefiro ficar no meu canto sossegado, já estou velho e velho é cheio de manias, então eu não gosto que ninguém fique me criticando por alguma coisa que fiz ou deixei de fazer, eu gosto demais da minha família, mas cada um com a sua vida. O mundo de hoje está cheio de coisas pra se preocupar, então deixa os velhos quieto no seu canto, eu acho que velho incomoda. (Sr. Crisântemo, 80 anos, mora no abrigo há 10 anos).

Família pra mim tem um significado importante, mas quando você convive sem ela durante muito tempo, você acaba se desacostumando com ela. Quando ganhei esse mundão só tinha 16 anos, meus pais morreram de um acidente de trem lá no Rio de Janeiro, minha irmã mais nova aí foi pra casa de uns tios, aí eu segui minha vida. Eu vivi sempre assim, não parando em lugar nenhum [...] Eu gosto de meus sobrinhos, de meus filhos, mas eu sou aquele tipo de pessoa que hoje gosto de ficar reservado, no meu canto pensando, então eu tenho pouco contato com minha família, também por causa de umas coisas que deixa pra lá porque a vida prega muitas peças na gente, eu bem sei como é isso, já vivi demais e sei do que estou falando. Mas eu acho que é muito importante pra qualquer um. (Sr. Gerânio, 77 anos, mora no abrigo há 3 anos).

Quer que eu seja bem sincero, família pra mim é aquela que está presente na vida da pessoa em todos os momentos. A minha não é assim, então digo que minha família são meus amigos daqui do abrigo, o resto nem quero saber, me desculpe a senhora. (Sr. Lótus, 80 anos, mora no abrigo há 8 meses).

Percebe-se que, mesmo com diferentes conceitos sobre suas famílias, todos os entrevistados acima associaram sua condição de vida no momento em cima de um processo de ambivalência do seu discurso familiar. É claro a percepção do desprendimento de alguns protagonistas desse processo ao contexto familiar em que estão inseridos e que nesse aspecto há uma desconstrução de papéis, os membros da família se individualizaram, inclusive o próprio idoso. Mesmo com a maior cautela em falar sobre isso, os entrevistados deixaram uma subinterpretação de como está a sua relação com seus familiares, não se sabe ao certo se o processo de individualização somente está nos outros membros da família, por motivo leviano, ou se o idoso também contribuiu para que chegassem a esse estágio de fragilidade das relações visíveis no discurso dos entrevistados. Por isso é necessário analisar todo processo, logo há uma forte conotação que nos leva ao pensamento da necessidade de um estudo também junto à família que, infelizmente não foi possível nesse trabalho pelas dificuldades encontradas durante o processo.

Eles acreditam que são importantes, mas sabem que não assumem seus papéis de importância perante as situações que envolvem o cotidiano deles com seus familiares. Nesses discursos, percebe as primeiras sinalizações dos reais motivos que os conduziram a morar num abrigo, preferivelmente do que estar inserido de fato no contexto familiar.

Em contrapartida, temos que adentrar num processo de aceitação das novas configurações de família, seus novos arranjos que para Falcão (2010) é uma tendência do século XXI e o idoso nesse processo, de uma forma ou de outra sofre com essas consequências, pois, o que se tinha de conceito de família no século passado distingue do conceito de família de hoje. Na verdade não existe conceito único de família como em alguns livros descrevem, afirmando que havia um conceito dessa instituição no século passado, e que houve grandes mudanças, a pluralidade está presente na sociedade contemporânea (SALLES, 1992).

Mas a problemática da família é muito maior do que se possa imaginar, pelo menos dentro dessa realidade, há questões de alta complexidade de entendimento, mas que fazem parte da realidade, não da fragilidade, mas sim da quebra dos laços dessas relações humanas que existem e estão perto de nós, é o caso do relato de duas das entrevistadas, Sras. Jasmim (70) e Camélia (74).

Minha filha, quando mais jovem, eu fiz umas casas de aluguel, ajudou muito na minha renda durante um tempo. Mas fui perdendo aos poucos tudo. Sem saber, fui lesada pelo meu próprio filho. Um alcoólatra que diz o tempo todo que sou uma velha, que tenho que ficar quietinha. Mas sei que não é só isso! Ele já tirou de mim meus bens, então para ele hoje já não presto mais pra nada. Aliás, ainda presto um pouquinho quando ele me procura todo final de mês para pegar meu salário todo, eu que escondo. Teve um dia que uma boa quantidade do meu ordenado sumiu. Depois ele estava com um celular novo, daqueles grandes que passa o dedo assim na tela. A esposa dele me disse que ele tirou de mim um dinheiro quando foi no banco comigo, foi ele mesmo! O que me deixa mais triste é que dediquei a minha vida por ele, meu único filho e me rouba, desculpe filha [...] Ele nem precisava fazer isso comigo, quando morresse seria dele mesmo, mas é a fome das pessoas de querer dinheiro. O idoso nesse meio não presta. Se não fosse meu filho não queria ver nem morto dentro do caixão. Então eu nem sei o que pensar de família, já que meu único filho é um andarilho que só me dá prejuízo. Sei nem o que dizer, família deve ser uma coisa boa, quando se tem cumplicidade e amor, acho que é isso. Mas na minha situação, não tenho nem uma coisa nem outra, é muito triste tá dizendo tudo isso, mas se é a verdade? Dói na alma, às vezes me pergunto o que fiz para merecer tudo isso em minha vida. (Sra. Jasmim, 70 anos, mora no abrigo há 6 anos).

Tenho quatro filhos, a minha filha mais nova é a que fica responsável pelas minhas coisas. Ela me fez assinar um documento dizendo que iria resolver umas situações que meu marido deixou antes de morrer, aí eu assinei. Depois vim saber por um amigo de meu neto que ela tinha vendido uma casa minha, boazinha até, que eu tinha no centro da cidade. Só descobri porque foi um tio dele (eu acho) que comprou. Nesse dia eu quase morri, passei muito mal [...] A velhice é isso aí, as pessoas fazem a gente de besta, acha que estamos ruins da cabeça, dementes. Nem quis falar para meus outros filhos para não ter brigas, mas vai chegar uma hora que vai ter que ser, né?! Mas vou lhe dizer, um ditado é certo: a gente pare gente, mas não pare caráter. Eu ganho direitinho a pensão, mas ela me dá uma miséria pra passar o mês todo. Ainda bem que encontrei o abrigo, meus filhos não tem como ficar comigo e eu nem quero incomodar, só essa que podia morar, mas do jeito que ela é, eu já tinha era morrido. Meus outros filhos são bons, mas eu não quero ter contato com muita gente da minha família não. Eu acho melhor assim. (Sra. Camélia, 79 anos, mora no abrigo há 6 anos).

Os relatos de Sra. Jasmim (70) e Sra. Camélia (79), especificamente, sem dúvida mostram claramente que há uma importante violência contra o idoso e, que nesses casos, a institucionalização pode ser uma das alternativas para protegê-los desses “riscos sociais”. Perante a Lei 10.741/2003 - Estatuto do idoso, isso é crime quando “No acesso à justiça e nos crimes” diz que desprezar, excluir, discriminar, negar assistência recusar vaga de emprego e se apropriar de bens, caracteriza como crime material e patrimonial. Mais um caso de violência ao idoso vinculado ao contexto familiar está no discurso da Sra. Íris (81),

Eu sei que velho dá trabalho e cada um tem a sua vida, mas não é só isso não, é guerra antiga! Isso é uma guerra que se for lhe contar, minha filha, você cai de costa. Eu quis vir pra cá, sabe? Minha filha junto com o marido dela só pensa neles. Nem a televisão podia ligar que o infeliz vinha falar e ela encobria. Um dia o marido maravilhoso dela levantou foi a mão para mim, só

porque eu gritei “ai” porque o filho deles, meu neto que é autista, venho puxar meu braço com força, foi horrível, ele começou a bater na mesa dizendo que não gostava de velho e de mim pior ainda. Dormi uma semana na casa da vizinha. Não dei queixa porque minha filha disse que se eu fizesse isso nunca mais me chamava de mãe, e qual a mãe quer isso? Nenhuma não é?! Mas foi a melhor coisa que fiz foi morar no abrigo, pelo menos me livre de esse homem que não vale nada. Nenhuma festa, nada... Não quero ver ele nem com o manto de Cristo! Minha família é grande, de vez em quando passo uns finais de semanas na casa de sobrinhos, mas família é um negócio difícil de conceituar. (Sra. Íris , 81 anos, mora no abrigo há 4 anos).

Para enfatizar o que já foi dito, segundo Ritt e Ritt (2012) as maiores violências que o idoso sofre ocorrem dentro da própria família, nas relações entre seus filhos, seus netos, sobrinhos dentre outros.

Percebe-se que há uma perda da utilidade do idoso, no sentido de ser humano que necessita de aproximação e interação com a família, independente do que tenha causado essa fragilização e um uso indevido dos seus recursos, inclusive desrespeitando seus direitos e sua dignidade . São tipos de violências em diferentes roupagens, com possível dissolução definitiva dos seus papéis sociais enquanto sujeitos, o descaso é uma delas. É importante destacar que 100% dos entrevistados já tiveram ou ainda sofrem de depressão, isso pode remeter ao pensamento de que suas vidas foram e ainda estão cheias de fatos que os deixaram desmotivados para viver, por diversas razões, principalmente por motivos que envolvem a situação familiar.

É importante também destacar que o discurso sobre a família, atrelada à questões que envolve situações e conceitos sobre ela, independente do tempo que esses idosos residem no abrigo, é visível no discurso, tanto dos mais novos quanto dos mais antigos certo grau de pessimismo sobre a sua prole, fator merecedor de análises sobre qual é de fato a representatividade da família para os idosos nos dias de hoje, inclusive os que estão na condição de institucionalizados.

Com embasamento nas teorias de Bauman (2004) não há como negar que estamos adentrando em um processo de fragilidade dessas relações, é visível nos discursos, embora com frases distintas que soam de forma semelhante, isso é possível analisar, expressas sob diversas maneiras na sociedade pós-moderna. O homem vem pondo em questão os conceitos de relacionamento nos dias de hoje com o próximo, os laços afetivos estão sendo rompidos, principalmente com uma camada da sociedade que mais necessita dessa aproximação do “homem” em sua vida, mas

infelizmente não é isso que vem acontecendo, a vida e a condição de alguns indivíduos idosos estão “impostas”, não resta alternativas, a única maneira é viver num local que, pelo menos, ofereça atenção, ainda que seja especializada para isso, mas mesmo assim acaba os protegendo de algumas questões que envolvem a família e suas “novas” configurações.

Entretanto, não existe no momento outra explicação do que a fragilidade de entendimento, compreensão e respeito pela condição do outro, sem dúvida, estamos no caminho para uma possível queda efetiva das relações humanas no cenário social contemporâneo o que é evidente nas relações entre gerações de uma mesma família.

6.4 3ª CONDIÇÃO: QUEM SOU HOJE? O QUE É A MINHA VIDA? POR QUE ESTOU AQUI?

Os questionamentos sobre a identidade, a representatividade e a vida humana estão cada vez mais se tornando um desafio a ser compreendido, uma vez que, o homem não se preparou para a fragilidade no estágio em que se encontra mais vulnerável, e da relação com a sociedade. Podemos ver nos discursos dos idosos entrevistados, no momento em que se abordam as expectativas antes de vir morar em um abrigo, dessa natureza, cheio de regras preestabelecidas, cuja diversidade de cultura e religião, etnia, pontos de vistas conceituais são predominantes.

Minhas expectativas antes de vir morar no abrigo não eram as melhores, tinha medo de não me acostumar, tinha medo de me desentender com alguém aqui. Mas, eu digo pra quem quiser ouvir que foi a melhor coisa que fiz, eu não tinha mais forças para aguentar a minha vida. Eu morava só, meus filhos não moram aqui, todos tem a sua vida e eu não quero empata-los, eu sei que é difícil, mas a pior coisa é você querer acordar e ver alguém andando e falando pela casa e não encontrar, isso é pior do que a morte, pelo menos pra mim que já vivi isso. Quando era moderno não me importava, quando me sentia só eu arrumava minhas coisas e ia pra casa de parentes, hoje estou velho. Regra tem em todo lugar, eu não me preocupo com isso. Me sinto melhor morando aqui do que sozinho, me sinto bem, tem gente pra conversar[...] às vezes bate uma tristeza, uma saudade da minha casa, mas é normal, fui feliz lá, mas eu não tenho mais forças, já sou um idoso. Não é a mesma coisa que uma casa, quem disser isso está mentindo, mas foi a solução que encontrei para os meus problemas. Estou aqui por isso, e ficarei até o dia que Deus me chamar. (Sr. Anis, 80 anos, mora no abrigo há 10 anos).

Antes de morar aqui eu vivia com minha filha e meu genro, ela tem um filho autista, meu neto, que é muito agressivo, eu tenho medo dele! Quando ia falar alguma coisa, o esposo dela dizia que ele tem problemas e eu não, que meu problema é a velhice, que eu tinha que entender de qualquer maneira,

aí eu tomei a decisão de vir para esse abrigo, foi melhor pra mim, eu tenho o meu sossego, não gosto quando ela vem me visitar, ela sempre joga um veneno. Estou bem, não me preocupo em ter que conviver com pessoas diferentes e nem seguir uma rotina, pelo menos me respeitam, eu gosto daqui. Se eu sou mais feliz que em outro lugar não sei, só sei que sou tratada como gente. Isso pra mim é que me importa. (Sra. Íris , 81 anos, mora no abrigo há 4 anos).

Quando em vim morar aqui eu pensei que não ia continuar, porque é horário pra tudo e estava muito perdido, achei que era coisa de louco, depois de velho ter que viver assim, com tanta informação na cabeça. Mas graças à Deus consegui me adaptar, também eu já não queria viver com sobrinhos, gente jovem, cheio de agonia [...] Queria mais não, não mesmo! Só queria paz, idoso quer isso não é mesmo? Então hoje consigo me enxergar dentro da realidade daqui, vivo bem, gosto de morar. Teve gente na época que me perguntou se eu tava maluco, mas eu não respondi nada, não devo nada a ninguém. (Sr. Girassol, 78, mora no abrigo há 3 anos).

É possível perceber no discurso dos entrevistados, que a condição de ser um idoso residente de um abrigo determinou a divisão de conceitos, antes e depois que passou a morar neste local. Percebe-se que eles acreditam que suas vidas mudaram, que muita coisa não os satisfaziam e que isso gerou uma série de transtornos para eles.

O que é de se chamar atenção é a forma como encaram as regras estabelecidas desse local, aceitam com poucas observações, não encaram como um local que fazem com que eles sejam pessoas obedientes às regras, um mundo de pilares já estabelecido.

Mas ao mesmo tempo, se for analisar minuciosamente o discurso deles, é possível perceber que, em muitos casos a falta de alternativa os induziram e conduziram a residir num local dessa natureza, decidindo assim morar numa ILPI, mesmo diante de regras, talvez uma alternativa por falta de outras como deixa claro Hall e Taylor (2003) quando diz que esses locais determinam a maneira como esses devem se comportar diante dessa questão. Há outro fator que devem ser considerados importantes nos discursos dos entrevistados, quando em diálogo no momento da aplicação do roteiro de entrevista, alguns ressaltaram a insatisfação de estar idoso.

Oh, filha! A velhice dói. É como se você fosse rico e perdesse tudo, ficasse pobre, é assim que me vejo hoje. Uma coisa horrorosa e sem nenhuma graça. É muito ruim ficar velha, tudo é motivo pra ter uma doença. Aproveite sua mocidade, sua beleza, depois que ficar velha até uma roupa que você quiser usar é ridículo, as pessoas riem. Acho que é uma doença, sei lá! É a minha opinião. (Sra. Margarida, 73 anos).

No discurso de Sra. Margarida é possível observar a expressão do impacto identitário, assim como a referência da sociedade pós-moderna cultua o belo, e que o próprio idoso por “estar fora dos padrões” se sente à margem desse processo. É um desafio muito grande se aceitar numa sociedade que associa o jovem ao belo, e o idoso àquilo que é velho, que é descartável. Outro ponto que merece destaque é o discurso do Sr. Adelfa (79) que se refere ao fator intergeracional como algo que é discursado de uma maneira deturpada, quando diz que há embates de compreensão e interação entre as duas gerações.

Você acha que jovem gosta de velho? Que nada! E te digo mais, nem idoso de jovem. Essa vida que eles levam é de maluco, essas músicas que ouvem, terríveis, como se vestem. As moças não se dão mais o valor, tá com um hoje, com outro amanhã [...] Uma coisa feia demais, menina! Ainda bem que fui da época dos bailes de trajes bem bonitos, as minhas fotos são as lembranças desses bons tempos. Hoje em dia nada mais presta nem ninguém. Eu vou lhe contar uma coisa terrível que aconteceu comigo, eu fui ao shopping comprar umas coisas que precisava, tinha uma mocinha entregando um papel na frente de uma loja que tinha um cheirinho, fazendo propaganda de um perfume, fui até ela e a criatura virou o rosto, fez de conta que não me viu. Eu fiquei parado olhando para ela, depois cansei e fui embora, mas vi que ela deu a outras pessoas que eram jovens. Ah, você só vai saber o que é ser velho quando ficar, aí sim você vai dar razão ao que estou lhe dizendo hoje. É muito fácil dizer que a gente tem experiência pra contar, jovem quer saber disso nada! Eles querem badernar, somente. Eu acho que nem o jovem aceita o velho e nem o velho aceita o jovem, isso que eu acho. (Sr. Adelfa, 79 anos).

Destarte, não há como negar que as relações humanas, dentro dela as relações familiares, assim como a condição de idoso abrigado é um grande desafio para o entendimento dessa problemática tão presente na sociedade, mas que muitas vezes é melhor não mergulhar nesses conceitos tão colidentes. Muitos não aceitam a sua condição de idoso, a sua condição de pessoa institucionalizada, a sua condição de sujeito que vivencia conflitos familiares, seja ele vítima ou autor, pois são pessoas que possuem histórias de vidas cheias de contradições e que muitas vezes discursos vitimizados são favoráveis. Mas o que devemos ter em mente é que independente da sua história, o que importa é o que está na pauta de discussão da sociedade atualmente, o que realmente está acontecendo com as relações familiares, o que de fato significa a vida dos idosos que estão morando em abrigos, e porque estão vivendo essa condição.

Os discursos que por ora foram analisados sem dúvida representa um estudo importante para o entendimento da condição do idoso na contemporaneidade, mas

percebemos também a grande complexidade que é estudar histórias de vidas de pessoas que se encontram nem uma condição de indivíduo que necessita de um olhar mais crítico para a compreensão da realidade que o cerca, merecendo uma análise mais profunda de suas interfaces para que assim, haja de fato uma consolidação entre os discursos e a realidade que o cercam.

6.5. DESAFIOS DO ESTUDO

Lidar com a subjetividade do outro não é uma atividade simples de compreensão, é detentora de uma série de implicações que pode vir a acontecer no momento em que se movimentam histórias de vida, bem como a condição atual dos sujeitos participantes desse processo. Nesse caso o idoso, por ter perpassado por uma trajetória de vida, trazendo consigo interfaces de uma história, referenciando sua situação atual de pessoa moradora de um abrigo, torna a questão ainda mais complexa de compreensão.

Levando em consideração as referências acima, é correto afirmar que cada um possui uma percepção do que é, assim como a percepção do que o outro representa em sua vida, por isso, o fator representatividade esteve presente a todo tempo, inclusive na condição de pesquisadora. Questionei-me durante todo o processo: o que de fato eu representava para eles naquele momento? Alguém que poderia fazer com que as lembranças, independentes de serem boas ou ruins voltassem, ou se darem conta de sua real situação? Há fortes indícios que, nas duas abordagens houve essa interpretação, na qualidade de pesquisadora.

Na minha condição, também de profissional que vivencia o cotidiano dos idosos deste local há uma década, representou um grande desafio sair, por um momento, da qualidade de profissional atuante, para pisar nos caminhos de suas vidas como pesquisadora. Assim como também desmistificar conceitos atribuídos ao idoso, que por ter uma trajetória longa de vida, são sujeitos que podem ser referenciados somente na sociedade moderna (até mesmo para estudos) e não como sujeitos pós-modernos, uma vez que, se vivem na sociedade de hoje, adentraram na dinâmica da vida contemporânea. Se não sustentar tal ideia na posição de pessoa que mergulhou numa visão crítica acerca do idoso na sociedade, provavelmente

adentrarei num discurso contraditório de discriminação, separando por linhas de que “idoso é idoso e jovem é jovem”, logo, traçar um paralelo de suas vidas com os dias de hoje, do início ao fim da análise, colocarei o idoso apenas na condição de sujeito que necessita compreender que sua condição é de velho, sem muitas contestações.

Outro grande desafio foi nos percalços do contexto familiar em que os entrevistados estão inseridos, muitos familiares procuraram a autora da pesquisa, com indagações sobre ela, exigindo em seguida, o acesso às entrevistas, alegando serem responsáveis pelos idosos neste abrigo e por isso a justificativa da exigência.

Como determina a Lei 10741/2003 – o Estatuto do Idoso, a preservação dos vínculos familiares “*Constituem obrigações das Entidades de Atendimento*” (Art.50, p. 28) logo, o indivíduo sendo familiar do idoso possui autonomia para ter acesso a qualquer intervenção mediante a eles, na tentativa de não criar situações que consequentemente resulte na fragilidade ainda maior e/ou na quebra desses vínculos.

Houve a recomendação dos dirigentes da Instituição em que moram os idosos que foram entrevistados a fornecer as informações da pesquisa quando solicitado pelos familiares. Contudo, o material concedido aos solicitantes para leitura foi apenas o Roteiro de Entrevista, pelo que pode perceber, se deram por satisfeitos. Permaneço ainda numa grande dúvida se minha conduta foi correta, mas houve pressões significativas por parte de alguns familiares.

Em contrapartida, tais situações representaram apenas um desafio para conclusão deste estudo, fazendo com que meu interesse pela temática e por futuras observações, partindo para a visão de que é uma realidade a ser mais aprofundada na compreensão de quem se propõe a analisá-la. Desafios de estudos dessa natureza sempre existirão, sem dúvida, mas o que se precisa ter em mente é que são histórias de pessoas que estão marcadas pela sua condição de vida, pelo seu tempo, onde muitas questões perpassam despercebidas, mas o seu comportamento e sua visão mediante as relações com os outros podem permanecer indefinidas, é preciso então mergulhar nas reflexões e se aproximar dessa realidade, para entender o que está nas entrelinhas dela.

Destarte, todos os desafios que por ora vieram a surgir foi fruto dos esforços da pesquisadora em adentrar profundamente na essência real dos discursos dos pesquisados, havendo então uma doação de uma boa parte do tempo para

compreender o processo de envelhecimento e as contradições dessa etapa da vida sem conceitos preestabelecidos.

Um dia muitos jovens ficarão idosos, e na qualidade de pesquisadora, mesmo jovem, vivenciando essa realidade, houve a necessidade de incorporar e dar continuidade a uma visão crítica sobre essa questão, uma vez que, futuramente farei parte dos idosos de amanhã.

Mas o grande desafio, sem dúvida, foi a necessidade de manter meu controle emocional no momento em que me deparei com relatos de violência familiar, isso sem dúvida causou um grande impacto, mesmo vivenciando essa realidade há algum tempo. Cheguei a conclusão que de fato existe mais do que se possa imaginar uma fragilidade nessas relações, e que precisa serem revistas, até mesmo pela condição do idoso que no momento se encontra fragilizado em seu tempo, mas acima de tudo, em sua condição de vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como contextualizado em todo processo desse estudo, a presente pesquisa teve como principal foco investigar a situação do idoso na sociedade contemporânea no momento em que a mesma perpassa por grandes transformações sociais, onde a ruptura de alguns conceitos presentes na sociedade pós-moderna muitas vezes condiciona o comportamento do homem inserido no centro das relações sociais, conduzindo a partir de então ao pensamento de quais são as alternativas para lidar com questões que são reflexos dessas mudanças, cujo maior destaque, na proposta análise, está sob os vieses da dinâmica familiar e do processo de institucionalização de pessoas dessa faixa etária.

A principal linha de exame crítico do processo de estudo baseou-se na teoria das fragilidades das relações humanas sob análises de importantes pensadores acerca da questão, destacando o sociólogo Zygmund Bauman. Merecedor de referência, a predominância da teoria da “sociedade líquida” desse pensador crítico contemporâneo foi o principal eixo para refletir mais sobre essa questão, em contrapartida, se faz necessário deixar claro que há outras tantas formas de análise e compreensão de suas teorias, assim como a inserção de outros campos teóricos para explicar realidades como esta em estudo.

Embora ainda seja uma temática pouco abordada no campo acadêmico, mas, ao mesmo tempo está no rol dos grandes problemas da sociedade atual, necessita então de maiores estudos sobre essa realidade.

Um desvendamento da forma de interpretação da realidade a qual se insere a questão do envelhecimento e suas vertentes se faz necessário no ciclo de discussão desse fato, assim como um repensar sobre a racionalidade humana.

O que fez parte de uma das propostas deste estudo foi a necessidade de mostrar que há uma problemática a ser profundamente analisada entre o idoso , a família e o processo de institucionalização, mesmo diante das contradições provavelmente advindas desses conflitos como pode serem vistos em alguns discursos dos entrevistados, partindo do princípio de que o problema está na relação entre os membros dessa instituição, e não de forma isolada, mesmo com o discurso de

individualismo entre os indivíduos, e a família dentro desse processo sente as consequências, mostrando então que há conflitos advindos de outros conflitos que por sua vez, são camuflados e/ou esquecidos para não desencadear em maiores conflitos.

Os problemas centrais deste estudo foram os seguintes: residir em um abrigo para idosos é uma opção ou resultado de um processo em que se agrega à falta de opção? O que está nas entrelinhas dessa realidade? Quais foram as principais causas que levaram esses indivíduos a decidirem por essa maneira de viver, a se permitir estar nessa condição?

Foi possível perceber que as relações familiares apresentam muitas fragilidades em sua condição de participantes na vida de indivíduos idosos, limitando aos que residem em abrigos, o porquê da decisão e qual a sua interpretação de conceitos, destacando o de família nos dias de hoje.

O que mais se realçou foram os discursos dos entrevistados sobre a opção por morar numa Instituição de Longa Permanência. Segundo eles, ficar com os familiares que ainda não estão idosos causa um desconforto e um constrangimento, tanto para eles quanto para os familiares que são caracterizados como pessoas jovens, logo, a discussão da intergeracionalidade sob outro viés se faz presente, a questão da resistência de ambas as partes em aceitar a condição do outro, elemento para estudos posteriores.

Em face disso, essa pesquisa conduziu a conclusão de cinco importantes questões:

1 – O idoso do século XXI, sem dúvida, perpassa por questões as quais envolvem mudanças na sociedade em diferentes níveis, essa realidade causou grande impacto na vida do idoso, destacando o contexto familiar;

2 – A fragilidade das relações humanas representa um dos grandes reflexos da “liquidez” da sociedade contemporânea defendida por Bauman, o idoso inserido nessa dinâmica sente as grandes consequências desse processo, que sem dúvida é um fato;

3 - Há importantes mudanças na configuração familiar e através dela, uma série de questões vem à tona, destacando a convivência com a família e a questão da intergeracionalidade, e o idoso dentro dessa dinâmica enfrenta uma série de situações as quais conduzem à tomada de importantes decisões em sua vida, destacando a opção por morar em um abrigo;

4 – O processo de institucionalização do idoso representa um grande desafio para o entendimento do contexto social atual, uma vez que, a decisão por morar num local dessa natureza varia de acordo com as histórias de vida de cada um, dos conflitos advindos de seu percurso, assim como dos delineamentos em que o idoso está inserido. Se houve uma perda de utilidade e/ou um processo de descarte no tempo em que vive sua condição atual, a de ser idoso.

5 – Residir no abrigo, em alguns casos, é a melhor alternativa para proteger o idoso de alguns “riscos sociais”.

Deparamo-nos com a situação de que a realidade é muito mais complexa do que aparenta ser e é compreendida, os quais não incluem o pensamento de que este problema em residir numa instituição com alternativa para lidar com seus obstáculos de vida pode se caracterizar como uma espécie de “fuga” da realidade que demonstra seu tempo e sua condição atual de um sujeito que necessita de maiores cuidados e atenção, e a vida pós-moderna não permite que seja dessa forma, trazendo uma série de conceitos acerca da família e da sociedade atual para o idoso.

Observamos, nas entrevistas, que houve situações que ficou claro que, em alguns casos, a institucionalização é uma alternativa para lidar com situações que põe em risco a vida desses idosos.

Nos documentos coletados, foi possível observar a intensidade nos discursos de respostas pelos entrevistados em algumas situações, principalmente no que se refere às histórias de vida, isso resultou na riqueza e ao mesmo tempo, na preocupação de alguns detalhes em perguntas pontuais, pela inquietação que muitos expressavam estar em lembrar coisas desagradáveis que fizeram parte das suas histórias de vida, principalmente com relação à situação conjugal, em especial nos discursos das mulheres idosas.

Finalizamos a pesquisa com a inquietação, de fato, do que está nas entrelinhas desse processo, merecedor de estudos mais aprofundados. O sentimento de que existe a necessidade emergente de redefinir papéis na sociedade, qual é de fato a importância do idoso dentro das relações sociais, de maneira a compreender que mesmo com alternativas para lidar com algumas situações, a exemplo a institucionalização, há grandes questionamentos que precisam ser analisados.

Mas, o que esperamos é que a vida, o tempo e a condição desses idosos sejam mais referenciadas, mais valorizadas, e que a fragilidade das relações humanas tão presentes nessa realidade não se intensifiquem ainda mais, pois, a essência do ser humano pode ser esquecida se essa forma desgovernada de viver sem olhar as limitações do outro continuar, pode haver uma quebra efetiva das relações humanas. É necessário, antes de tudo, enxergar o outro enquanto ser humano.

Todo homem vive um espetáculo onde são protagonistas, mas ao mesmo tempo, muitas vezes não decidem que serão os roteiristas.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. L. **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Modernidade e Holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

_____. **Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos**. Tradução de Eliana Aguiar. Zahar. Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Vida Líquida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.

_____. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

_____. **O Mal Estar da Pós-Modernidade** Tradução de Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997.

BEAUVOIR, S. **A velhice**: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990.

BERNARD. C. Terapêutica cardiovascular no idoso. **Arquivo Brás Cardiol**, São Paulo, 1992.

BOFF, C. **Como trabalhar com o povo**. Metodologia do Trabalho Popular. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1984.

BORGES. T. Idoso e aposentadoria – aspectos conceituais. **Caderno da Terceira Idade**, São Paulo, v. 11. 1996 – 143.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 16 ed. Tradução de Fernando Tomaz. Ed. Bertand Brasil. Rio de Janeiro (2010).

BRASIL. Comissão Nacional Sobre Determinantes Sociais de Saúde: **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil**. Relatório Final. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Brasília, Abril de 2008.

_____. **Política Nacional do Idoso**. Conselho Municipal do Idoso. Lei Federal nº. 8.842, de 04 de janeiro de 1994.

_____. **Estatuto Do Idoso**. Conselho Municipal do Idoso. Lei Federal nº. 10.741, de 01 de outubro de 2003.

_____. **Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)**. Conselho Municipal de Assistência Social. Lei Federal nº. 8.742, de 07 de dezembro de 1993.

BRINK, T. L. **Psicoterapia Geriátrica**. Rio de Janeiro: Ed. Imago LTDA. 1999.

CALDAS, C. P. **Envelhecimento com dependência**: responsabilidades e demandas da família. Cad. Saúde Pública, v. 19. n. 3, Rio de Janeiro, jun. 2003.

CAMARANO, A. A. Conceito de idoso In: **Os Novos Idosos Brasileiros**: muito além dos 60? IPEA, Rio de Janeiro, 2004.

CARVALHO FILHO, E. T.; ALENCAR, Y. M. G. Teorias do envelhecimento. In: CARVALHO FILHO, E. T.; PAPALEÓ NETTO, M. (eds). **Geriatrics**: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Atheneu Ed., 2000.

CONFORT, A. **A boa idade**. Teorias da Gerontologia. São Paulo: Difusão editorial. S.A.,1994.

COSTA, L. C. **Os impasses do Estado Capitalista**: uma análise sobre a reforma do Estado no Brasil. Ponta-Grossa: UEPG; São Paulo, Cortez, 2006.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. 4 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESIDÉRIO, F. M. **Encontros, Desencontros, Reencontros em Família**. 2 ed. Paulinas: São Paulo, 1982.

DONATI, P. **Família no Século XXI**: abordagem relacional. Tradução de João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

ECO. U. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FALCÃO, D. V. S. **A família e o idoso**: desafios na contemporaneidade. Campinas – SP: Ed. Papyrus, 2010.

GATTO, I. B. Aspectos Psicológicos do Envelhecimento. In: NETTO. M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. (p. 135 – 156)

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HAGHETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

HALL, A. P.; TAYLOR, R. C. R. As três versões do Neo-Institucionalismo. **Lua Nova**, n. 58, 2003.

HÔTE, J. M. **Brasil, uma política para a velhice já**. Rio de Janeiro: Papyrus 2001.

IBGE. **Situação do idoso no Brasil, censo 2010/2011**. Disponível em: <<http://www.IBGE.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

IPEA, **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2007**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 05 maio. de 2014.

KALACHE. L. R. **O envelhecimento da população mundial**. Um desafio novo. Ver. Saúde Pública, São Paulo, 1987.

LIPOVETSKY, G. **O império do Efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico da pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento de velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NERI, A. L. et. al. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

NERI. A. L. et. al. **Aspectos sociais e o idoso: geração e legislação**. São Paulo, Papyrus, 2012.

NERI, A. L.; SILVA, E. B. N. Questões geradas pela convivência com idosos: indicações para programas de suporte familiar. In: NERI, A. L. (org). **Qualidade de vida e idade madura**. 3 ed. Campinas: Papyrus, 2000. Col. Vivacidade. (118 – 145).

OMS. **Perfil de Idosos do Brasil**. Disponível em: <[http:// www.oms.gov.br](http://www.oms.gov.br)>. Acesso em: 06 maio. de 2014.

OMS, Organização Mundial de Saúde. **Classificação de comportamentos da CID: 10**. Descrições clínicas, diretrizes e diagnósticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

OSVALDO JÚNIOR, G. **Nietasche e Kant**: uma disputa permanente a respeito da liberdade, autonomia e dever. São Paulo: Casa do saber, 2012.

PASCHOAL. D. A. **A invenção social da velhice**: questões para reflexão. Ed. Papagaio, Rio de Janeiro, 1996.

PETRINI, J. C. **Pós-Modernidade e Família**: um itinerário de compreensão. São Paulo: EDUSC, 2003.

PY, Lígia. Caminhos da maturidade: representações do corpo, vivência dos afetos e consciência da finitude. In: NERI. A. L. (org). **Maturidade e velhice**: trajetórias individuais e socioculturais. São Paulo: Papyrus, 2004.

RAMOS, L. R. A explosão demográfica na terceira idade no Brasil. Uma questão de saúde pública. **Gerontologia**, São Paulo, v.3; 2002.

RAMOS, R.F. 2009. In: Revista Inscrita, Conselho Federal de Serviço Social CFESS, ano VIII. n. XII, Brasília DF, nov. 2009.

RITT, E.; RITT, C. F. **O Estatuto do Idoso**: Aspectos sociais, criminológicos e penais. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2012.

SAEDE. J. M. O Discurso Gerontológico e as novas imagens do envelhecimento. **São Paulo em Perspectiva, Revista Fundação**, São Paulo, out./dez., v. 17, n. 4, 1993.

SALGADO. M. A. **Velhice**, uma questão social. 2 ed. São Paulo: SESC/CETI, 1982.

SALLES, V. Quando falamos de família, de que família estamos falando? Tradução Maria del Camen Lopes Prata; Revisão por Anete Brito Leal Ivo. **Cad. CRH**, Salvador, 1992. 106-140.

SANTOS, M. A. **Idosos, família e cultura**. Um estudo sobre a construção do papel do cuidador. 3 ed. Campinas, SP: Alínea, 2010.

SANTANA. C. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Ministério da Educação. Brasília, 1989.

SARTI, C. **Famílias Enredadas**. In: Família: Redes, Laços e Políticas Públicas. 5 ed. São Paulo: Cortez, PUC/SP, 2010. p.21- 35.

SILVA, J. C. **Uma velhice satisfatória**. Atheneu. São Paulo, 2000.

SOUSA, V. A. **Conhecendo a psique humana**: uma forma de entender a si mesmo e aos outros. Uma abordagem psicanalítica. São Paulo: Do autor, 2012.

TAVARES, P. Porque abrigamos idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 7. Belo Horizonte, 2009.

VILLADRICH, P. J. **Conferência “o relacionamento conjugal”**. In: CONGRESSO NACIONAL DA FAMÍLIA EM ROMA, Anais..., 1987.

VITALE, M. A. **Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea**. In: Família, Laços e políticas públicas 5 ed. São Paulo: CEDPE - PUC/SP, 2010. (93 – 125).

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS NO ABRIGO

Data :
Início:
Fim:
Entrevistador (a)

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1. Nome (opcional):
2. Nascimento
3. Idade:
4. Sexo: () Masculino () Feminino

5. Escolaridade:

- () Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo
 () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo
 () Ensino Superior incompleto () Ensino Superior completo

6. Estado Civil:

- () Solteiro (a) () Casado (a) () Separado (a) () Divorciado(a) () Viúvo (a)
 () Outros

Comente sobre sua história de vida com relação a relacionamentos conjugais:

7. Qual a sua religião?

- () Católico (a) () Evangélico (a) () Candomblecista () Espírita () Não possui
 () Outros. Qual? _____

8. Possui filhos? Quantos?

Sim () - () Homens () Mulheres () Menos de 60 anos () Mais de 60 anos
 () Casados (as) () Solteiros(as) () Divorciados(as) () Viúvos(as) ()
 Não possui () Outros
 Comente:

9. Possui netos? Quantos?

Sim - Homens Mulheres Maior de idade Menor de idade
 não possui

Comente:

10. Possui bisnetos e tataranetos? Quantos?

Bisnetos : Homens Mulheres Maior de idade Menor de idade
 Não possui

Tataranetos: Homens Mulheres Maior de idade Menor de idade
 Não possui

11. Possui irmãos? Quantos?

Sim Homens Mulheres Menos de 60 anos Mais de 60 anos
 Não possui

Comente:

12. Possui sobrinhos?

Sim - Homens Mulheres Menos de 60 anos Mais de 60 anos
 Não possui

Comente:

13: Possui primos?

Sim - Homens Mulheres Menos de 60 anos Mais de 60 anos
 Não possui

Comente:

14. Seus pais são vivos?

Sim Não

Comentar:

II CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

15. Situação previdenciária:

() Aposentado (a) () Pensionista () BPC/LOAS () S/Benefício Outros ()

Especificar:

16. Com o que você trabalhou durante sua vida? Gostava do que fazia? Comente.

17. Qual a sua renda mensal atual?

() S/Renda () Menor que 01 salário mínimo () De 01 a 03 salários mínimos

() De 03 a 05 salários mínimos () Acima de 05 salários mínimos () Outros

Especificar:

18. Quem recebe seus proventos?

() Eu mesmo(a) () Meu filho(a) () Meu neto(a) () Meu bisneto(a) ()
Meu sobrinho(a) () Um amigo(a) () Outros

Especificar:

19. É proprietário de algum bem? Qual ou quais?

() Sim () Não

Se a resposta for sim, especificar o bem ou os bens e sua situação atual

III. CONTEXTO FAMILIAR

20. Antes de morar na Instituição, você residia com quem?

() Sozinho (a) () Cônjuge () Filho (a) () Neto (a) () Bisneto (a) ()
Irmão (a) () Sobrinho (a) () Primo (a) () Pai () Mãe () Amigo (a) ()
() Outros

Relate a situação em que vivia:

21. Teve grandes mudanças em sua trajetória de vida? Comente.

22. Seus familiares (ou quem você residia) concordaram com sua vinda para o Abrigo?

Sim Não

Comente quais foram os familiares que concordaram e quais foram os que não concordaram e os motivos:

23. Como é o seu relacionamento com sua família?

Ótimo Bom Regular Ruim Não possuo família Outros

Comente:

24. Recebe visitas dos familiares e/ou amigos no Abrigo?

Sim, recebo visitas Recebo visitas de vez em quando Raramente recebo visitas
 Nunca recebo visitas Outros

Comente quem são essas visitas e se lhe traz satisfação em recebê-las:

25. Com sua vinda para o Abrigo, mudou algo na sua relação com seus familiares?

Sim Não

Se houve mudança, comente quais foram as principais:

26. Você pode contar sempre com sua família atualmente? De que forma?

27. Qual o significado e a importância da família para você? Comente

IV. CONJUNTURA INSTITUCIONAL

28. Há quanto tempo reside no Abrigo?

6 Meses 6 Meses a 1 ano 1 a 3 anos 3 a 5 anos 5 a 10 anos Mais de 10 anos

Outros

29. Com quem tinha relações com maior frequência antes de residir no Abrigo?

30. O que te levou a optar por sair de um local, que até então você tinha e/ou fazia sua própria rotina, para residir num ambiente em que já existem regras preestabelecidas cuja diversidade de cultura, religião, pontos de vista são predominantes? Comente.

31. Você decidiu sozinho (a) sua vinda para o Abrigo?

() Sim () Não () Outros

Comente:

30. Você preferia, neste momento da sua vida, estar residindo no Abrigo? Por quê?

() Sim () Não () Outros

Comente:

31. Em sua opinião, o que é uma Instituição de Longa Permanência para Idoso? Comente.

32. Quais eram suas expectativas antes de entrar no Abrigo? Mudaram? Comente.

33. Para você, um idoso institucionalizado tem mais ou menos visibilidade dos seus direitos enquanto cidadão?

() Possui mais direitos () Possui menos direitos () Outros

Comente:

34. Para você, a condição de ser idoso nos dias de hoje implica na forma como essas pessoas são vistas sociedade de forma positiva ou negativa? Comente

35. Você se sente feliz vivendo no Abrigo? Sente – se bem sendo idoso?

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) senhor(a) está sendo convidado a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “Minha vida, meu tempo, minha condição: análise reflexiva sobre idosos na atualidade, centralizando o estudo numa Instituição de Longa Permanência Para Idosos, situada em Salvador, Bahia”, coordenada pela pesquisadora Profa. Dra. Maria Cristina Gomes da Conceição, professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo “Compreender como está a situação dos idosos na atualidade, levando em consideração os seus papéis sociais, a análise a dinâmica familiar em que está inserido, bem como as alternativas para lidar com situações em que o idoso contemporâneo vem passando, a exemplo a institucionalização, analisando a sua vivência em abrigo situado no Município de Salvador, BA. Para a coleta de dados/informações será desenvolvida uma entrevista, cujo roteiro compreenderá perguntas relacionadas ao tema estudado, com duração aproximada de setenta minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo para o(a) senhor(a). Caso concorde, o (a) senhor (a) receberá uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o (a) senhor (a) poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que a sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas;
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta como benefício: a promoção da reflexão sobre a condição do idoso na contemporaneidade, da dinâmica familiar em que está inserido e das alternativas que possibilitam a reflexão sobre esta problemática.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, haverá apoio por parte da pesquisadora do estudo, que é médica e, caso necessário, proverá apoio e encaminhamento para atendimento no SUS para minimização do desconforto.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Maria Cristina Gomes da Conceição - pesquisadora
Universidade Católica do Salvador
Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea
Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-Ba.
CEP: 40.231-902 **Telefone: (71) 86815019.**

Considerando as observações acima:

Eu, _____ aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora:

Maria Cristina Gomes da Conceição